



**UFC**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LITERATURA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**SÁVIO ALENCAR DE LIMA LOPES**

**JÁDER DE CARVALHO:  
ROTEIRO INCERTO PARA UMA BIOGRAFIA**

**FORTALEZA**

**2018**

SÁVIO ALENCAR DE LIMA LOPES

JÁDER DE CARVALHO:  
ROTEIRO INCERTO PARA UMA BIOGRAFIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Literatura Comparada.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fernanda Maria Abreu Coutinho.

FORTALEZA

2018

SÁVIO ALENCAR DE LIMA LOPES

JÁDER DE CARVALHO:  
ROTEIRO INCERTO PARA UMA BIOGRAFIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Literatura Comparada.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fernanda Maria Abreu Coutinho (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Atilio Bergamini Júnior  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sarah Diva da Silva Ipiranga  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- L855j    Lopes, Sávio Alencar de Lima.  
          Jáder de Carvalho : Roteiro incerto para uma biografia / Sávio Alencar de Lima Lopes. – 2018.  
          100 f.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, 2018.  
          Orientação: Profa. Dra. Fernanda Maria Abreu Coutinho.
1. Jáder de Carvalho. 2. Biografia. 3. Literatura cearense. I. Título.

CDD 400

---

A minha mãe.

## AGRADECIMENTOS

Escrever uma vida foi um gesto que em tudo refundou a minha, muito especialmente porque nesse caminho sempre estive acompanhado. Por isso, agradeço:

À **Fernanda Coutinho**, pela orientação generosa e por apostar em um trabalho que passou por muitas tormentas.

À **Sarah Diva Ipiranga**, professora e amiga de todas as horas, a quem devo o gérmen inicial deste trabalho.

Ao **Atílio Bergamini**, pelas contribuições no exame de qualificação que alteraram sensivelmente os caminhos desta pesquisa.

Aos “ppgletianos”, amigos que acolheram o estrangeiro vindo de outra universidade e fizeram do mestrado uma “viagem inventada no feliz”: **Alisson, Bárbara, Fernângela, Laila, Matheus, Raquel, Stefanie e Yohanna**.

À **Amanda Moura**, interlocutora preciosa, e **Lizi Menezes**, a alegria do encontro.

À **Elayne Castro, Jamille Maranhão e Bárbara Telles**, pelos sonhos que dividimos.

A minha família, **Vilani** e **André**, por rescreverem minha vida todos os dias.

A CAPES, pelo apoio financeiro.

“minha vida – uma tempestade em muitas  
noites, mas sempre banhada de poesia” (Jáder  
de Carvalho)

## RESUMO

Esta dissertação propõe um roteiro para uma biografia de Jáder de Carvalho (Serra do Estêvão, 1901 – Fortaleza, 1985). No percurso de pesquisa que empreende, focaliza a trajetória do escritor e do jornalista ao longo do século XX, autor de obra vasta e multifacetada (romance, poesia, crônica, ensaio) e responsável pela fundação de periódicos da imprensa local (*A Esquerda* e *Diário do Povo*). Contemporâneo de Antônio Sales e Rachel de Queiroz, nomes de exportação da literatura produzida no Ceará, Jáder de Carvalho, vivendo sempre no estado, foi figura fundamental do nosso modernismo, escreveu romances comprometidos com questões sociais, deu corpo a uma obra lírica de reconhecida qualidade. Além de revisitar suas facetas mais usuais, esta pesquisa vai em busca do homem e do artista em circunstâncias até então pouco conhecidas a fim de desvendar a biografia de uma personagem cara à história da literatura brasileira, mas esquecida em edições raras ou esgotadas. Para isso, recorre à contribuição crítico-teórica de autores como Eneida Maria de Souza (2002, 2011), Maria Helena Werneck (2008), François Dosse (2009), Michel Schneider (2011), entre outros, que ajudam a pensar as intersecções entre vida e obra/narrativa biográfica e crítica literária na composição de uma *persona* escritural.

**Palavras-chave:** Jáder de Carvalho. Biografia. Literatura cearense.



## RESUMÉ

Ce travail tente une biographie de Jäder de Carvalho (Serra do Estêvão, 1901 – Fortaleza, 1985). Itinéraire flou et hésitant, il s'oriente vers la trajectoire, tout au long du XXe siècle, de cet écrivain, journaliste et auteur d'une œuvre vaste et multiforme (qui couvre le roman, la poésie, la chronique et l'essai) et responsable de la création de périodiques pour la presse locale («A Esquerda » et « Diário do Povo »). Jäder de Carvalho a été contemporain d'Antônio Sales et de Rachel de Queiroz, noms d'exportation de la littérature du Ceará : toujours dans l'État, il a aidé à fonder notre modernisme, écrit des romans socialement engagés et il a été aussi un poète dont l'œuvre est reconnue par sa qualité. Au-delà de ses facettes les plus habituelles, cette recherche va à la quête de l'homme et de l'artiste dans des circonstances jusqu'alors méconnues, afin de dévoiler la biographie d'un personnage cher à l'histoire de la littérature brésilienne et pourtant oublié dans des éditions rares ou épuisées.

**Mots clés:** Jäder de Carvalho. Biographie. Littérature du Ceará.

## SUMÁRIO

<b>1 UMA EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA (OU AS HISTÓRIAS DE QUEM FICA) .....</b>	<b>9</b>
<b>2 DE BIOGRAFIAS E RETRATOS: AS IMAGENS DO ESCRITOR .....</b>	<b>16</b>
<b>2.1 O retrato do homem ausente .....</b>	<b>18</b>
<b>2.2 A mão do autor .....</b>	<b>28</b>
<b>3 A MÁSCARA E O ROSTO: A CRÍTICA BIOGRÁFICA.....</b>	<b>31</b>
<b>4 A RAIZ DA ALMA .....</b>	<b>39</b>
<b>4.1 Serra do Estêvão, paisagem original.....</b>	<b>41</b>
<b>4.2 A mala do tio Campos .....</b>	<b>52</b>
<b>5 UM ESCRITOR ANFÍBIO .....</b>	<b>60</b>
<b>5.1 Verdes (e modernos) anos .....</b>	<b>61</b>
<b>5.2 Jornalismo e romance punitivos.....</b>	<b>66</b>
<b>5.3 Tempo de colheita.....</b>	<b>69</b>
<b>6 MICROMEMÓRIAS .....</b>	<b>71</b>
<b>6.1 Nas estradas do coração .....</b>	<b>73</b>
<b>6.2 Uma casa em ruínas.....</b>	<b>81</b>
<b>7 À MANEIRA DE CONCLUSÃO PROVISÓRIA .....</b>	<b>83</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>87</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>92</b>

## 1 UMA EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA (OU AS HISTÓRIAS DE QUEM FICA)

Para transitarem no mundo das letras, os escritores pagam pedágio, uns mais do que outros. É inegável que, ao longo de nossa tradição literária, tal direito de passagem tenha sido mais ou menos facilitado por variáveis diversas. Hoje, num tempo em que orelhas, sinopses e contracapas dos livros diariamente revelam “uma das vozes mais originais da literatura brasileira”, chavão que o mercado editorial tem usado largamente e sem indício de autocrítica (quanto de originalidade há nos “originais” que pululam ao menor sinal de publicação?), a mídia e esse mesmo mercado são os principais responsáveis pelas regras que habilitam ou não o acesso dos escritores, ou aqueles que assim se denominam, a grandes casas editoriais, feiras e festas, ao mesmo tempo que determinam, por vias transversas, qual deles (se vivo) verá o livro traduzido para outras línguas, adaptado para o cinema etc. etc. Isso num tempo em que a figura do escritor, sem fugir às tendências da mitomania contemporânea, reveste-se de renovado interesse, condição que o coloca no mesmo circuito das estrelas do cinema, da música, das artes, guardadas, é claro, as proporções e observado o lugar que a literatura ocupa na cultura (de massa, nesse caso), às vezes tão erroneamente considerada a grande ausente do debate público.

Penso, por exemplo, em Hilda Hilst (1930-2004), que a Festa Literária Internacional de Paraty, bom exemplo do cartel entre mídia e mercado, homenageou neste 2018. Relativamente conhecida pela academia, a julgar pela quantidade expressiva de trabalhos que se realizaram à volta de seu nome e sua obra na última década, Hilda se projetou para um público maior (leitor ou não), que teve então a oportunidade de conhecê-la, seja por suas imagens mais cristalizadas (em que pese toda a problemática do termo) – “a vovó da sacanagem” e “a escritora isolada e cercada por cães em seu sítio no interior de São Paulo” (SIMON, 2018, p. 4) –, seja pelos produtos que a homenagem na Flip arrasta consigo, como livros (de biografia a novas edições) e filmes.

É conhecida a sua queixa de não circular como gostaria. A anedota, por ela mesma contada, de que seu editor, Massao Ohno, preferia esconder seus livros debaixo da cama a vendê-los até hoje repercute. O que diz pela via do humor mascara, na verdade, o desejo legítimo de todos os escritores: ser lido. Assim é que, na década de 1990, escreve uma trilogia de livros pornográficos, que demarcam tanto uma tomada de posição radical (e paródica) em relação à própria obra, elaborada em torno de uma linguagem realmente sem par na literatura produzida até então, quanto um gesto último no qual se lê a tentativa de encontrar seus leitores, ainda que movidos por um tema, em sua produção, nada assemelhado ao que os desavisados pretendem encontrar. A seu modo – pouco usual ou benevolente –, Hilda paga, pois, o pedágio

para ser reconhecida como a (boa) escritora que era, em circunstâncias tais que mesmo a comunidade crítica se abstém de resenhar publicamente, nos jornais, o texto libertino que então assina<sup>1</sup>.

Imagine-se, a partir desse quadro, o que representaria para Hilda, se viva, o vórtice de atenção que trouxe seu nome e sua figura nos últimos meses, no calendário pré-Flip. Mas, como se sabe, a Festa e seu *boom* entre nós é relativamente recente. Ainda hoje, em que uma parcela considerável de escritores “obscuros” (Hilda Machado, Maria Firmina dos Reis, Ruth Guimarães, Sebastião Uchoa Leite, Torquato Neto, Max Martins, só para citar alguns) tem sido revisitada por críticos e estudiosos cujos trabalhos acentuam novas maneiras de apreciar o *corpus* diverso e multifacetado que constitui nosso acervo literário, cair nas graças do leitor é uma questão de loteria. Ou do pedágio que se paga, como venho sustentando. Em meados do século passado, por exemplo, quando os aparatos de projeção que hoje abundam eram impensáveis, só havia uma maneira de pisar o chão das letras, alternativa em sua natureza relacionada mesmo a uma questão de passagem: estar no Sudeste, precisamente no Rio ou em São Paulo, “as duas metades inacessíveis do Paraíso”<sup>2</sup>. Nesse caso, a variável geográfica pode explicar, em boa parte, o motivo pelo qual determinados escritores alçam voos cujas asas fazem sombra a um outro contingente, por sua vez, impossibilitado de se mover.

Na literatura brasileira, esse é um dado recorrente e mesmo histórico. Tome-se, novamente, o exemplo de Hilda Hilst. Na medida em que sua presença se adensa entre nós, escritores que lhe foram contemporâneos e com os quais manteve afinidades literárias seguem desconhecidos. Ricardo Guilherme Dicke (1936-2008), amigo e correspondente da autora de *O caderno rosa de Lori Lamby*, é um deles. Considerado por ela própria como dono de texto mais bonito que o de Guimarães Rosa, expressão máxima do que pode representar um literato, Dicke, depois de temporada no Rio de Janeiro, volta para Mato Grosso, sua terra natal. Sua permanência nessa geografia, distante dos centros tradicionalmente geradores de projeção e estranha, por isso mesmo, a morros cariocas e arranha-céus paulistas, diz da pouca frequência a seus romances, como *Madona dos Páramos* (1982). Contando apenas com a própria sorte, por motivos que suas trajetórias pessoais geralmente explicam, os escritores dessa linhagem e

---

<sup>1</sup> Ouvi esse depoimento de Eliane Robert Moraes, professora da USP e estudiosa de Hilda Hilst. Na ocasião, um curso sobre filosofia e erotismo, ela comentou que foi a primeira crítica a resenhar a obra pornográfica de Hilda em um jornal. Trata-se do texto “A obscena senhora Hilst” (12/5/1990), veiculado no *Jornal do Brasil*.

<sup>2</sup> “Sei que tivemos a glória insigne de nos ver lidos e comentados por alguns dos grandes de Rio e São Paulo – para nós, então, as duas metades inacessíveis do Paraíso.” (QUEIROZ *apud* AZEVEDO, 1995, p. 48) Assim Rachel de Queiroz se refere ao fato de a produção literária do jovem grupo modernista do Ceará, do qual fez parte, ter circulado na imprensa do então eixo sul do país.

a produção que deixaram se encaminham para zonas de bruma que cabe à crítica literária contemporânea iluminar.

Destino semelhante se cumpre em uma outra geografia, o Nordeste, talvez o caso mais exemplar e *móvel* das letras brasileiras. Daqui parte uma série de escritores, especialmente os identificados com a chamada segunda fase do modernismo, cujas carreiras se estabelecem ao “sul” do país (a esse tempo, norte e sul são noções geográficas e sobretudo mentais segundo as quais se organiza a população, como se estivesse distribuída em blocos compactados e homogêneos, anulando-se assim inclusive as diferenças que se estabelecem em cada um deles). Graciliano Ramos, José Lins do Rego, José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz, entre outros, praticam uma literatura muitas vezes com os olhos nos lugares de origem, mas com a benesse de estarem respondendo a uma demanda que o próprio sistema literário da época ajudou a fomentar e, mais tarde, consagrar (não se admira, nesse sentido, que as obras desses escritores constituam parte de nosso cânone), como a tendência regionalista da “geração de 30” e seus romances ambientados na paisagem árida do Nordeste, nos quais a seca e suas questões surgem como ponto incontornável das tramas. São, portanto, nomes sobre os quais não recaem o rótulo, hoje por vezes redutor, de “localistas”, por estarem filiados a um tema que as engrenagens do literário trataram de colocar, à época, na crista da onda (o “ciclo das secas”, como sintagma evocativo desse arsenal literário, até hoje se inscreve no discurso crítico).

Mas, como a vida jamais pode ser simétrica, para cada escritor migrante que se coloca no roteiro das grandes esperanças, um seu semelhante permanece para contar as histórias de quem ficou. Quanto àqueles que pisaram o solo abrasado das terras cearenses e sobre ele escreveram, Otacílio Colares dedicou uma série de ensaios, curiosamente intitulada *Lembrados e esquecidos*. No amplo panorama que ele descortina, a localização geográfica (entre outros fatores), pois, determina a quem cabe a imagem da presença e, reverso cruel, da ausência. Jáder de Carvalho, um dos escritores revisitados pelo crítico, coloca-se em ambos os “times” anunciados pelo título da coletânea: lembrado por sua intensa participação na política e na imprensa do estado (figura relativamente frequente nos círculos de sociabilidade até meados do século passado), mas esquecido por sua poesia lírica, de fundo autobiográfico e memorialista.

Em sua biografia, Jáder de Carvalho está de imediato identificado a questões que desde sempre têm perturbado a presença dos homens sobre a Terra – a miséria, a subjugação, a injustiça, a desigualdade – e que, se o colocam como escritor panfletário ou engajado, rótulos de que hoje preferem fugir, dizem sobretudo de quem nunca abdicou de seus ideais, voltando suas preocupações para o outro e revelando, por tabela, a grandeza de sua figura humana. Os romances que escreveu, safra especialmente produtiva entre as décadas de 1930 e 1960,

ilustram com exemplaridade sua postura combativa: *Classe média* (1937), *Doutor Geraldo* (1937), *Sua majestade, o juiz* (1956), *Aldeota* (1963). Deles extrai um cabedal de temas que tanto lançam luzes sobre o período em que foram produzidos quanto expõem as históricas assimetrias entre o homem comum e as máquinas que o oprimem (a riqueza, o poder, a política, o estado).

Nas palavras de Sarah Diva Ipiranga, “sua simplicidade o impediu talvez de gritar mais pela sua obra como o fez pela sua gente” (IPIRANGA, 2015, p. 171). Assim, o silêncio da crítica em torno de sua poesia de cunho mais intimista talvez se explique pelo que assinala F.S. Nascimento (1967), um de seus melhores leitores, em um belo ensaio sobre a presença do sonho e da morte na obra do poeta:

Até o aparecimento de *Água da fonte* [de 1966], Jáder de Carvalho foi considerado sobretudo um poeta social, que, auscultando as aspirações e até participando do cotidiano do homem da classe média, conseguiu flagrar e poetizar os melhores momentos dessa sociedade marcada pelo destino. Daí talvez terem passado despercebidas por alguns leitores de poesia as incursões de Jáder de Carvalho na atmosfera intemporal do lirismo. (NASCIMENTO, 1967, p. 5)

A partir da referida publicação, essas incursões são cada vez mais frequentes e frutíferas, de modo a constituir uma espécie de linha dorsal da alentada produção poética que traz a lume nos anos seguintes: *Cantos da morte* (1967), *Temas eternos* (1973), *Alma em trovas* (1974), *Menino só* (1977), *Poemas inesperados* (1978), *Delírio da solidão* (1980), *Rua da minha vida* (1981). Nesses termos, identifica-se com clareza, já pelos títulos, uma *virada lírica* na obra do poeta, que, livro após livro, acaba compondo um itinerário no qual se percebe um conjunto de experiências pessoais e temas a ele correspondentes (infância, solidão, velhice, morte, memória).

Particularmente interessado por essa “segunda fase” da literatura jaderiana, comecei a investigar o universo em que essas questões abundavam e que careciam, portanto, de leitura mais sistemática e aprofundada. Desenvolvi um estudo sobre a memória, que deu corpo à monografia que defendi na Universidade Estadual do Ceará<sup>3</sup>, e, posteriormente, ensaiei uma análise sobre a viagem, já como mestrando, na Universidade Federal do Ceará<sup>4</sup>. Apesar de esse ser um tema que não ganha, por exemplo, livro específico, tendo poemas dispersos ao longo da obra de Jáder, nele enxergava questões fundamentais para o arranjo de seu trabalho poético e reveladoras de inquietações que flertavam com sua trajetória pessoal.

---

<sup>3</sup> Ver Lopes (2014).

<sup>4</sup> Quanto a esse tema, devo parte de minhas reflexões à Sarah Diva Ipiranga, quem tem promovido uma análise mais refinada e acurada sobre a poesia de Jáder de Carvalho. Ver Ipiranga (2013a, 2013b, 2014, 2015, 2016).

Só depois de muito maturar essa ideia (e repetir caminhos que geralmente me levaram a resultados pouco satisfatórios), entendi que a problemática que Jáder de Carvalho me colocava, via viagem, era de natureza essencialmente biográfica. O produtivo paradoxo que identifiquei a partir da leitura de seus poemas – como quem, por opção consciente, permaneceu no Ceará escreveu tanto sobre sair daqui? – foi determinante para a série de hipóteses que norteou a primeira versão deste texto (apresentada na ocasião de minha qualificação), hoje um palimpsesto que resguarda aqui e ali o percurso dessa investigação e seus objetivos primeiros, e agora convertida em um reflexão que elegeu novas preocupações e paradigmas. Por outro lado, se a vida do meu sujeito de estudo a todo tempo me chamava, eu me limitava a contorná-la, certo de que teria que me haver, a priori, somente com o que atestavam seus poemas ou aquilo que sua obra me permitia, com suposta segurança, dizer.

Mas, como diz Lygia Fagundes Telles, é preciso atender ao chamado. Foi assim que, por sugestão da banca (“Você pode contar essa história”), me ocorreu a possibilidade de adentrar o universo de Jáder de Carvalho não própria e exclusivamente pelas vias da linguagem poética, mas também pela inscrição do homem no espaço e no tempo, uma existência igualmente lida como texto, cujo exame pode dissolver a “nebulosa biográfica” em torno de sua figura. Antes da poesia, eu precisava me acertar com o homem. Tendo como princípio que essa era a história que a mim cabia contar, pretendendo então desfazer o nó das notas de rodapé que muitas vezes sufocava, na primeira versão, dados biográficos importantes, muni-me de um esquema segundo o qual eu, biógrafo curioso e amador, pudesse colocar em palavras nascimento, infância, velhice, morte, entre outras circunstâncias que marcam a passagem do meu sujeito de estudo (e de todos nós) na Terra.

Em vida, Jáder de Carvalho não deixou nenhum livro que abarcasse, de forma organizada, o sumo de suas experiências, distribuídas em longevos 83 anos de idade. Muito do que lhe diz respeito em termos de narrativa biográfica se funde aos romances e aos poemas que escreveu. Separar o joio do trigo, como popularmente se diz, é tarefa que cabe a seus leitores mais persistentes. Até questões frequentes nas histórias de vida de escritores (o contato inicial com a literatura, as cenas de leitura na infância, as circunstâncias da primeira publicação) são rarefeitas ou pouco aclaradas nos rastros de biografia que deixou pelo caminho.

Do mesmo modo, acervos sobre o escritor inexistem para além dos círculos familiares e documentos que atestam sua presença na vida social e cultural de Fortaleza são raros e de difícil acesso. No entanto, pode-se encontrar o poeta em carne, osso e voz em algumas ocasiões: nas entrevistas que concedeu (poucas chegaram até nós), no documentário que a extinta Rede Manchete gravou duas semanas antes de sua morte, nas fitas resguardadas pelo

Museu da Imagem e do Som do Ceará<sup>5</sup>. “Quem deseja ler mais sobre Jáder de Carvalho dificilmente o fará em outros autores que não ele mesmo. Pode-se dizer que Jáder foi, em si, uma fonte primária de informações”, sublinha Angela Barros Leal (2000, p. 107) no ensaio biográfico que escreveu sobre ele na coleção Terra Bárbara.

Por esse motivo, Jáder é uma presença que se inscreve duplamente neste texto: como biografado e como biógrafo. Nos momentos em que as lacunas se mostram incontornáveis, recorro à própria voz do poeta, a única capaz de desfazer os nós de uma narrativa biográfica por vezes obscura (pelos motivos supracitados). Assim é que recupero sua fala registrada em entrevistas e textos de fundo pessoal de modo a também torná-lo, na minha companhia, o narrador de sua história. Daí a insurgência desse procedimento de montagem que marca em boa parte a textualidade que organiza os caminhos da vida aqui em foco.

Tendo como desafio a construção de uma biografia a partir de poucos recursos, também vou ao encontro de Jáder nas páginas de jornais que o tempo amarelou. Nesse percurso, a hemeroteca digital da Biblioteca Nacional revela-se um repositório que muda sensivelmente os rumos da pesquisa. Consulto jornais e demais periódicos que até hoje guardam o seu nome e trazem à tona dados que redefinem sua narrativa biográfica usual, ajudando inclusive a dissolver, em certa medida, algumas queixas que o autor em vida ajudou a fomentar (o fato de não ter circulado fora do Ceará, por exemplo). Como saldo desse empreendimento, encontro um poema inédito<sup>6</sup> de Jáder de Carvalho e projeto textos, dele e de outros autores, pouco visitados nos últimos tempos.

Em termos de organização, este trabalho se apresenta a partir de capítulos (que prefiro denominar *eixos temáticos*) que seguem, na medida do possível e à revelia das lacunas com as quais todo biógrafo se depara, uma linha cronológica, tendo como antípodas o nascimento (capítulo 4) e a morte (capítulo 6), embora ela já esteja, de saída, prenunciada desde o começo (capítulo 2). Antes de iniciar propriamente a narrativa biográfica, me pareceu oportuno dar a ver o norte crítico-teórico que orienta a elaboração de um perfil literário no âmbito da crítica literária e da crítica cultural. Sendo assim, recorri ao conceito de *crítica biográfica* (capítulo 3), especialmente discutida e praticada por Eneida Maria de Souza (2002, 2011), cuja produção ensaística fornece procedimentos fundadores para o estabelecimento dessa forma crítica no Brasil; nesse ponto, também se inscrevem as contribuições de um

---

<sup>5</sup> No décimo primeiro aniversário de morte de Jáder de Carvalho, o extinto caderno *Sábado*, de *O Povo*, notificou em matéria a existência, no MIS, de fitas que armazenavam uma entrevista a Jáder de Carvalho conduzida por Gilka Maria Bastos Braga e Socorro Venâncio.

<sup>6</sup> Trata-se de “Terra selvagem”, que depois Jáder rescreve e se transforma em “Terra bárbara”, um de seus poemas mais famosos. Ver anexos.



estudioso do gênero biográfico, François Dosse (2009), e de um escritor e crítico literário, Michel Schneider (2011). A vida de Jáder, como já se falou, é contada nos capítulos 4 (nascimento, parentesco, infância), 5 (vida adulta, focalizando sua faceta de homem de letras) e 6 (velhice, em chave memorialista). O capítulo 7, por seu turno, conclui o trabalho.

Jáder de Carvalho dificilmente terá uma Flip em sua homenagem. Até lá (um *lá* que é pura fantasia), para resgatá-lo das regiões de sombra, aqui está um roteiro incerto para sua biografia, não a definitiva, mas a que pude fazer.

## 2 DE BIOGRAFIAS E RETRATOS: AS IMAGENS DO ESCRITOR

“[...] toda biografia desenha, antes de tudo, não uma imagem nítida, mas um abismo.” (José Castello)

Escrever sobre a vida de alguém é uma tarefa, no mínimo, comprometedora. Em muitos sentidos. Um deles, talvez o primeiro, diz respeito à relação entre biógrafo e biografado. Gesto que traz em si escolhas particulares e questionáveis de ângulos de visão, oferecer ao leitor a vida de outra pessoa, aquela que ela própria não pôde ou não desejou escrever, não se realiza em uma dimensão isenta de armadilhas e perigos. Ainda mais se isso se dá quando o sujeito sobre quem se escreve já morreu e que, por isso mesmo, não poderá questionar a sua versão em letra e tinta que vai circular por aí. Há nisso uma discussão imediata sobre ética e verdade, particularmente acentuada se entramos no universo dos escritores.

Como examinar sob a sigla da verdade, essa palavra tão artilosa (ainda mais na era da “pós-verdade”...), a vida de quem se comprometeu com a ficção até a última linha, até o ponto final de sua própria existência? De quem o destino foi, em alguns casos, tão somente literário? De quem traçou para si outras identidades sob o comando do punho? De quem não se deixou capturar por trás da obra? De quem escreveu diário sem ser diário? De quem se confessou sem dizer que o fazia? A variedade e a natureza perturbadora dessas questões fazem qualquer biógrafo corar. Ou aventar a possibilidade de adiar a tarefa.

É comprometedora, dizíamos, também por mexer com um organismo vivo, cujas imagens já estão consolidadas e, por que não dizer, sacralizadas entre uma legião de leitores e fãs, que elegem para si a imagem que mais lhes convêm, a que não abalaria o seu mundo construído de certezas. Algumas delas são ratificadas pelo escritor-ídolo de sua predileção, tanto mais se ele é uma figura pública, que concede entrevistas, comparece às feiras e festas literárias de toda a sorte ou circula nos diversos espaços (tanto os físicos quanto os digitais) que a contemporaneidade lhe permite.

Desse organismo pode-se inclusive expor as entranhas, os ossos, revelar os vícios, as idiosincrasias, as contradições, depor a aura, imaginam aqueles para quem a biografia é um mal a ser combatido e o biógrafo, um sujeito sádico e despudorado. Dissecar um corpo, pois, além de ser uma metáfora do empreendimento biográfico, é o tipo de tarefa a que o biógrafo invariavelmente dará cabo, menos por se regozijar com o cadáver (só os maus biógrafos poderiam) e mais por saber que, mesmo no momento da tesoura e do bisturi, ele precisa ir ao fim. É o preço que se paga por estar comprometido.

José Castello, por exemplo, autor de biografias e perfis de escritores de reconhecida qualidade, já foi cobrado, em certas discussões acadêmicas mais conservadoras, por ter supostamente destituído João Cabral de Melo Neto de sua alma. O título de seu ensaio sobre o poeta é, precisamente, *O homem sem alma*<sup>7</sup>. Aliás, a leitura de um de seus textos, “Biografar ou ressuscitar?” (CASTELLO, 2007), inspirou livremente a reflexão que aqui se faz sobre as faces dramáticas da biografia e ajudou a traduzir o que impulsiona este estudo. Cito um trecho:

[...] o biógrafo lida com o passado, e quase sempre um passado morto, ele faz a autópsia de um morto; não para dissecar o corpo, para falar das vísceras, dos membros, das feridas, mas para reanimá-lo, trazê-lo outra vez à vida, ressuscitá-lo e lhe emprestar uma nitidez que, na verdade, ele nunca teve. (CASTELLO, 2007, p. 171)

Na base deste pensar sobre biografias de escritores e as imagens que fazem circular, também estão outras realizações do gênero que se destacam, em geral, por suas inegáveis qualidades – o fôlego da pesquisa, a acuidade do método, a solução narrativa encontrada, o valor referencial que ocupam na bibliografia de seus respectivos biografados – e, em particular, por trazerem consigo a marca de uma relação íntima com o autor destas linhas. De saída, nesse rol estão *Clarice: uma vida que se conta*, de Nádya Battella Gotlib (2009 [1995]), *Ana Cristina Cesar: o sangue de uma poeta* (1996), de Italo Moriconi, e *Os sapatos de Orfeu: biografia de Carlos Drummond de Andrade* (1993), de José Maria Cançado.

Por tudo que realizam, tais biografias constituem objetos de reflexão do exercício crítico, opção nem sempre considerada talvez pela “menoridade” do gênero a que pertencem, e assinalam sua vitalidade no âmbito da crítica literária brasileira, renovando-lhe os temas e as possibilidades de abordagem do literário. Nesse sentido, também não deixam de fornecer novas soluções para velhos problemas. Um deles será uma constante para quem optou por reconstituir em uma narrativa a vida de quem tinha na palavra literária sua forma de expressão e, principalmente, de estar no mundo. Como equacionar, então, vida e obra nessa tarefa?

Em Clarice Lispector, por exemplo, isso será o primeiro entrave com o qual sua biógrafa terá que se haver. Pelo alcance dessa questão na “vida que se conta”, Nádya Battella Gotlib chama a atenção para as escolhas que orientam seu empreendimento biográfico. “Neste livro”, comenta na apresentação, “entrelaçam-se vida e obra de Clarice Lispector. Dados de informação de ordem biográfica e dados de leitura crítica de seus textos alternam-se e

---

<sup>7</sup> Na fortuna ensaística de Castello, destacam-se ainda a biografia de Vinicius de Moraes – *Vinicius de Moraes – O poeta da paixão* (1994) – e diversos perfis de escritores (Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade, Hilda Hilst, Clarice Lispector, Ana Cristina Cesar, Manoel de Barros, entre outros) reunidos em títulos como *Inventário das sombras* (2006) e *A literatura na poltrona* (2007).

complementam-se, sem que, equivocadamente, se estabeleçam relações de mútua dependência” (GOTLIB, 2009, p. 19).

Também é digna de nota a percepção da estudiosa sobre um aspecto basilar, mas nem sempre explorado em sua complexidade, na escrita de uma biografia: a convivência – às vezes, quase simultânea – de diversas imagens do escritor no espaço-tempo que habita. A esse ponto, dedica o primeiro capítulo, “Perfis”, em que se inscrevem as muitas personas de Clarice conforme relatam aqueles que a conheceram em ambientes e registros particulares.

Próxima. Distante. Vaidosa. Terna. Sofrida. Lisérgica. Vidente. Visionária. Intuitiva. Adivinha. Estrangeira. Enigmática. Simples. Angustada. Dramática. Judia. Insolúvel. Esses são alguns traços que compõem os diferentes perfis de Clarice, diferentemente vistos pela empregada, pela vizinha, pelos parentes, amigos, jornalistas, críticos, escritores. Mas, ao passar por eles, é preciso considerá-las apenas como vestígios de uma identidade, traços de um “ser quase” Clarice, lembrando o que ela mesma certa vez contou a respeito de uma amiga sua: “[...] uma amiga minha foi tirar retrato de uma baiana, e ela não deixou: ‘Minha alma você não tira’”. (GOTLIB, 2009, p. 24)

Para a construção de uma biografia que este estudo informa, tomam-se de empréstimo as lições da biógrafa de Clarice e, menos explicitamente, todas aquelas que surgiram em ocasiões diversas de leitura. Na esteira dessa seleta bibliográfica pessoal, surgem, pois, as escolhas que ajudam a definir *uma* imagem, dentre várias possíveis, para fixar o retrato escrito do artista.

## 2.1 O retrato do homem ausente

Rio de Janeiro, 1910. Dois anos da morte de Machado de Assis. Saem publicadas em *Alguns escritos* as “Páginas de Saudade”, de Mário de Alencar, filho de pai ilustre, José de Alencar, e amigo idem, Machado, a quem as “páginas soltas” de seu testemunho querem homenagear. A crônica dessa convivência, apresentada e analisada por Maria Helena Werneck em *O homem encadernado* (2008), focaliza a amizade entre os dois homens de letras na primeira década do século passado, “através do trabalho de escrita das memórias do filho de José de Alencar”, que a estudiosa julga “[uma] retribuição, em letra, do afeto recebido do velho Machado” (WERNECK, 2008, p. 68).

Inserido em uma discussão que tensiona a construção das várias imagens de Machado de Assis em suas biografias<sup>8</sup>, o estudo de Maria Helena Werneck abre-se à verificação do tratamento que o dado biográfico machadiano recebeu durante as quatro décadas iniciais do

---

<sup>8</sup> Machado de Assis. *Estudo crítico e biográfico* (1936), de Lúcia Miguel Pereira, *A juventude de Machado de Assis* (1971), de Jean-Michel Massa, e *Vida e obra de Machado de Assis* (1980), de Raimundo Magalhães Júnior.

século XX, procurando situar e contrapor os retratos do escritor face ao contexto de sua produção. Menos interessada em “descobrir onde está a verdade mais genuína sobre a vida particular e a produção intelectual do escritor”, Werneck, como leitora e crítica de biografias, procura examinar “as variadas maneiras de interpretar e representar, sob a forma de uma narrativa, os acontecimentos da vida do escritor” (WERNECK, 2008, p. 28).

O grau zero desse percurso é, pois, a “crônica de saudades” de Mário de Alencar, insuflada pelo episódio da morte de Machado, em 1908. “Escrita no dia seguinte à morte do escritor”, diz a autora, “com a humildade que levará o autor a chamá-la de ‘páginas soltas’, a narrativa é habilmente construída, para passar a limpo o episódio polêmico da eleição de Mário de Alencar para a Academia Brasileira de Letras [...]” (WERNECK, 2008, p. 60). “A versão limpa”, prossegue, “justifica-se a partir da construção de uma genealogia da amizade entre Mário de Alencar e o escritor consagrado, para justificar a intromissão da vontade pessoal do Presidente da Academia na eleição de um novo acadêmico” (WERNECK, 2008, p. 60).

Pela leitura que faz do texto, considerado o primeiro a apresentar dados biográficos sobre Machado de Assis – o que o coloca na condição de fonte documental incontornável para os futuros biógrafos –, a estudiosa chama a atenção para um dado particularmente curioso, o fato de ele “guarda[r] características da *literatura de paternidade*, gênero que, historicamente, serviu para os filhos biografarem seus pais ilustres” (WERNECK, 2008, p. 29, grifo da autora).

Mário, está claro, não era filho de Machado, que não transmitiu a nenhuma criatura o legado de sua (nossa) miséria, diria pela boca do narrador de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Mas, nas páginas que estão sob sua lupa, o olhar acurado de Maria Helena Werneck capta o argumento necessário para ilustrar a relação paterna que se estabeleceu entre ambos, não só na esfera da intimidade, mas do convívio social e, por que não dizer, político, quando Machado, contrariando a narrativa tradicional do pai que expulsa o filho de casa, faz valer sua vontade de abrigá-lo sob o mesmo teto, na Academia, “uma retribuição a Mário de Alencar por sua companhia fiel após a morte de Carolina”, explica Werneck (2008, p. 60).

Esse dado, a título de curiosidade, será exemplarmente recuperado por Silviano Santiago em *Machado* (2016). Composto com as tintas da ficção o retrato de seu personagem-título, o autor recria a atmosfera dos anos finais de um Machado de Assis viúvo e solitário. No episódio que envolve Mário, reforça os lugares simbólicos de pai e filho por eles ocupados na relação afetiva que construíram.

Depois da morte de Carolina, cai o número de escritores e de velhos casais amigos que visitam à noite o chalé do Cosme Velho. A residência passa a abrigar o patrão e as duas criadas, e evidentemente o filho de José de Alencar. A conversa de Machado com o jovem Mário é diária e se torna muitas vezes íntimas demais para se fixar

definitivamente no corpo duma carta, ou para ganhar a condição de matéria passível de ser expressa por letra escrita em diário ou em artigo jornalístico. Quando os dois amigos estão próximos dos pares ou se encontram nas dependências da Livraria Garnier, eles evitam também a fala que evoca detalhes da vida pessoal. Têm pavor dos olhos acesos, das orelhas ligadas e das línguas de trapo do atencioso e malicioso Jacintinho, principal caixeiro da loja e tão adestrado nas artes do mexerico quanto colunista de tabloide inglês.

Durante os quatro meses que sucedem à conturbada e polêmica eleição de Mário de Alencar à Academia Brasileira de Letras, o velho e o jovem se agasalham mútua e sentimentalmente, como nunca antes. São dois sobreviventes, cada um à sua maneira, e solidários nas mazelas comuns, que infernizam as respectivas vidas. Assim suportam os meses calorentos e secos de novembro até janeiro. Assim enfrentam as semanas chuvosas e sufocantes do mês de fevereiro e março. Silenciosos, loquazes ou cúmplices, mas sempre fraternos, os dois transformam em conversa reconfortante tanto os antigos dissabores literários quanto as recentes divergências provincianas, divulgadas pelos jornais. O bate-papo camarada também acoberta veladamente os comentários recorrentes sobre os sérios distúrbios na saúde física e mental que há muito os assaltam. A conversa constrói novos tópicos íntimos e secretos, razão de ser para uma instrutiva e fraterna troca de ideias. (SANTIAGO, 2016, p. 116)

O recorte do texto de Silviano Santiago aposta na conhecida fórmula “tai pal, tal filho”, na medida em que os amigos compartilham bônus e ônus iguais. Evidencia, assim, o caráter de identificação entre sujeitos que, a despeito de pertencerem a genealogias e gerações diferentes, criam para si uma vinculação de outra ordem: abrigam-se, então, sob o agasalho da amizade. Na genealogia da camaradagem, o que a ausência de laço consaguíneo inviabiliza o afeto supera.

Mas o que está em jogo nessa rede que mobiliza biografias, pais e filhos que esta introdução descortina? Para Maria Helena Werneck, está um modo particular da construção de uma personalidade ou, antes, de um *vulto*,

[...] nos dois sentidos da palavra: uma imagem, que não cessa de se expandir pelos esforços dos que querem torná-la visível aos olhos públicos, e uma alteridade fantasmática, capaz de influir na criação de uma nova identidade – a de quem escreve porque não pode viver o que o outro viveu. (WERNECK, 2008, p. 49)

Em outra medida, ecos desse intrincado cenário de reconstituição da vida do pai pelas mãos do filho se farão notar quando, em 1987, Vinícius Araújo de Carvalho publica, sob sua organização, *Meu pai, Jáder de Carvalho*, passados dois anos da morte do escritor, em 7 de agosto de 1985. O livro, conforme se lê na folha de rosto, apresenta “[u]m pequeno retrospecto da vida e obra de Jáder de Carvalho contada por ele, para o ‘Arquivo do Nirez’. Ora acrescido de depoimentos de ex-alunos, colegas e filhos” (CARVALHO, 1987, s/p), diz a sinopse, que o filho não assina, embora não reste dúvida quanto à autoria. Uma pergunta, então, subjaz a esse gesto. Como abrir sem reservas as portas que dão para a intimidade do próprio pai?

Quem avança na leitura sabe que tanto mais está oculto sob as “mal traçadas linhas” da apresentação apócrifa. Nessas outras “páginas de saudade”, tem-se oportunidade de ver transcritas as poucas entrevistas do escritor e reunidas algumas imagens que compõem sua iconografia, sem a intenção de se apresentarem segundo o esforço de uma fotobiografia. Nesse sentido, Vinícius é menos o biógrafo interessado em delinear a figura do pai em seus mínimos e mais o filho que, saudoso e orgulhoso, não se importa em abrir o álbum de família para estranhos.

Em um dos registros, lá está Jáder de Carvalho com a pose mais ou menos habitual dos *portraits* de escritor. Em uma escrivania, autografa um livro, o detalhe de sua biblioteca ao fundo. Em outros, aparece sem a formalidade pedida na maioria dos ambientes em que circulava, revelando às vezes um quase sorriso, raro para quem desde cedo soube que a vida doía, ou um olhar enternecido pela presença do neto. Em meio aos retratos do homem, sozinho ou com a prole reunida, as paisagens de toda uma vida. Quixadá. Fortaleza. Sítio Silvestre. Fazenda Lisboa. As casas onde nasceu e morreu. O pedaço de terra desejado na velhice. Móveis. Objetos hoje obsoletos. Marcas inelutáveis de um tempo passado.

Na companhia de entrevistas e fotografias, os 34 depoimentos reunidos em *Meu pai, Jáder de Carvalho* fornecem ao leitor interessado ou ao biógrafo curioso uma boa porta de entrada para conhecer o homem e sua obra. Na verdade, mais o homem e menos o literato – “o homem no homem célebre”, na fórmula de Jean-Claude Bonnet em *Naissance du Panthéon* (1998). Assim, ao Jáder de Carvalho escritor, cuja notabilidade surge incontestemente entre seus pares, e de suas legendas mais habituais (o poeta, o político, o professor, o jornalista), vem somar-se o pai, o amigo, o mestre, o companheiro de ofício, de luta política, identidades que se avizinham no coro de vozes sob a regência de Vinícius. Falam, pois, os filhos, os discípulos, os que lhe foram contemporâneos, todos marcados pelo ferro em brasa da saudade.

A chave de leitura desses textos é, sobretudo, emocional. “Um livro realizado por um filho, em reverência ao pai, passa, invariavelmente, por uma sobrecarga de emoção que não pode ser contida nos limites da palavra”, diz Barros Pinho (1987, s/p), então Secretário de Cultura do Estado, no texto que abre o livro. “Uma aula de amor incontestável”, dele também dirá Carlos Thmoskheko (1987, p. 97). Em outro momento, como prevê a literatura de paternidade, a reverência ao pai vai se traduzir em consagração do filho, ainda que em poucas palavras. “Parabéns, Vinícius Araújo de Carvalho, pela coragem de entrar para o rol dos escritores como seu pai foi”, lê-se no depoimento de Antônio Ferreira.

A emoção de que se fala está circunscrita ao episódio da morte do escritor, o momento em que não raro quer-se fixar para a posteridade uma imagem pura, sem nódoa moral,

daquele que não pode estar mais entre nós. Como dizer aquele a quem amo depois de sua morte?, perguntaria um Roland Barthes, enlutado pela perda da mãe. Nesses termos, impossível trazer para si a tarefa de compor um retrato *post-mortem* sem passar pelo elogio, demonstram os depoentes de *Meu pai, Jáder de Carvalho*. A começar pelo filho, no texto que funciona como nota introdutória da coletânea.

“Este livro”, lê-se na letra de Vinícius, “destina-se, exclusivamente, a uma homenagem ao homem Jáder de Carvalho, colaborador incansável da política séria e da literatura cearense” (CARVALHO, 1987, s/p). De saída, Jáder está identificado com a política e a literatura, escritor reconhecidamente combativo, “punitivo”, dentro e fora dos livros.

O organizador, na sequência, assume o lugar de onde fala. “Quero focalizar, na qualidade de filho, ao grande público, alguns fatos extremamente íntimos da vida de Jáder; assuntos diversos, cuja vivência pôde ser saboreada por alguns amigos gozadores de tão nobre amizade” (CARVALHO, 1987, s/p). E particulariza a biografia do pai, aos moldes de uma narrativa que faz lembrar uma Paixão, recuperando o homem de uma conduta ilibada, imagem especialmente reforçada pelos adjetivos de que lança mão: “São relatos de uma vida de lutas, sofrimentos e vitórias. É o perfil de um homem forte, inteligente, culto, incorruptível, fiel as suas ideias progressistas sem delas arredar nunca” (CARVALHO, 1987, s/p).

Na história da biografia, suas funções e formas de escrita sempre seguiram as regras do período em que o gênero foi produzido. No modelo da biografia clássica, por exemplo, o elogio fúnebre será uma constante. Mesmo que depois se atualizem as formas de escrita biográfica e uma nova “morfologia do elogio” (WERNECK, 2008) se desenvolva, ele será relativamente fácil de ser identificado, inclusive nos textos que guardam características da literatura de paternidade, segundo a qual se tem lido o texto de Vinícius Araújo de Carvalho.

Na explicação da “poética do elogio” aos homens de letras, que dará o tom de muitos textos crítico-biográficos em torno de Machado de Assis, Maria Helena Werneck encontra uma formulação que igualmente traduz o gesto subjacente ao texto do filho-biógrafo que aqui se apresenta. “Procuro mostrar ao jovem de hoje o Jáder de ontem: o quanto o Ceará *deve* a este homem de fibra, escritor talentoso, amante do campo: ecologista por excelência, abnegado por seus ideais” (CARVALHO, 1987, s/p, grifo nosso), diz ele. Nas palavras da estudiosa machadiana, a essa intenção do filho de pai ilustre, ou seja, de reaver a contribuição do escritor para os leitores e para o estado, corresponderia a própria definição do elogio: “O elogio é a moeda que salda uma dívida da humanidade com o grande homem perseguido” (WERNECK, 2008, p. 42).



Se Vinícius até então seguia um roteiro mais ou menos convencional, explicitando os motivos que subjazem à organização de um livro-homenagem, dificilmente irá conter-se nos limites da formalidade. Abandonando o modelo do paratexto editorial, meramente informativo e impessoal, a voz do texto embarga. Despido de suas vestes de editor ocasional, quem agora se coloca diante do leitor é o filho, que não deixa de fazer transparecer sua emoção.

Além de pai, tenho-o como o meu maior ídolo. Jáder está vivo em seus livros, no coração de seus amigos, no respeito de seus adversários, nas atitudes, às vezes, rudes posto que justas. Jamais me desamparou, apesar de preso a seus ideais. Jáder jamais morrerá. Sempre me verei diante dele, aconselhando-me. “Pai, eu o amo e o amarei sempre, profundamente.” Não haverá livros suficientes para eu registrar as realizações de Jáder.

Este modesto trabalho representa um pouco do muito que eu desejaria externar como gratidão a meu pai.

Convivi com ele nos últimos dias terrenos. Senti toda a sua fragilidade de homem só e carente que foi.

Pretendo, portanto, relembrar Jáder no seu natalício. Se estivesse conosco, completaria 86 anos.

Jáder, descanse em paz: sua voz será tão forte como sempre o foi. Ela jamais se calará... (CARVALHO, 1987, s/p)

Tal discurso, comovido e amoroso, se espraia em um campo semântico que chama para si marcas identificáveis de um texto-tributo. As noções de idolatria, imortalidade e gratidão, tão caras à construção de uma imagem no *post-mortem*, comandam a cena textual e definem, nesse e nos demais depoimentos de *Meu pai, Jáder de Carvalho*, o retrato do homem ausente.

Em geral, os textos que se seguem são lembranças de um convívio com Jáder, mais ou menos circunstancial, em domínios e ocasiões diversas: na intimidade de casa, na redação dos jornais, nos corredores do funcionalismo público, nos comícios, nas aulas do Liceu, nas solenidades da Academia Cearense de Letras, nos muitos lugares que seu passo percorreu. Ilustram, pois, os mecanismos segundo os quais se forja a figura do artista das letras. “Os contatos com o escritor”, nas palavras de Maria Helena Werneck (2008, p. 44), “[...] transformam-se em momentos de culto profano, quando se espera receber a transcendência iluminada do escritor”. Nesse sentido, ele será textualmente revisitado em função de seus “feitos literários” e de sua “face humana” (WERNECK, 2008, p. 43).

Quantos retratos, então, um homem pode ter? “Trezentos e cinquenta”, diria Mário de Andrade. Jáder de Carvalho, mais modesto e menos cosmopolita, não chega à marca do autor de *Remate de Males*, embora não lhe falem *slogans* dignos de atenção nas memórias recolhidas em *Meu pai, Jáder de Carvalho*. O mestre. O ídolo. O mito. O monstro sagrado da poesia. O velho companheiro. O velho Jáder.

Nessa chave, trata-se, pois, de depoimentos que recuperam certo clima geracional, em que o contato com o escritor ou com o professor guiará o destino de rapazes recém-chegados, em distintos momentos, a uma Fortaleza do século passado, onde mais tarde se farão poetas, jornalistas, intelectuais. Nesse itinerário mais ou menos habitual de meninos-moços que saem de suas cidadezinhas para cumprir os desígnios da formação para a vida na capital, Jáder de Carvalho faz as vezes de pai gentil, aclimatando na cidade os filhos desgarrados do sertão, talvez reconhecendo neles o rapazinho que um dia se rebelou contra o pai e cumpriu destino semelhante.

Conheci Jáder de Carvalho [vamos ler no texto de Antônio Ferreira, aqui já citado] lá pelos idos de 1952, ano da minha chegada a Fortaleza. Vinha eu das artérias abertas do Jaguaribe de Demócrito Rocha, morrendo e resistindo. Sendo Jáder o jornalista, poeta, filósofo, antropólogo, sociólogo, e possuidor de uma pena ferina que não se condoía de dizer verdades doesse a quem doesse. (FERREIRA, 1987, p. 93)

Conheci seu pai, como meu professor, há muitos anos no velho Liceu do Ceará [escreve Carlos Thmoskheko para Vinícius, em um registro que acaba por flagrar a mão do filho na organização do livro]. Ele era moço e eu, apenas um adolescente de quinze anos. Segui-lhe os passos tanto como professor, como também no setor de ideologia política, que tanto me marcou até hoje.

[...] Tenho um incontido orgulho de ter sido aluno do mestre Jáder, e de conhecer e privar da amizade de vocês, filhos deles, e desta combativa companheira de Jáder, sua genitora, com quem pude contar sempre como elo entre mim, meu mestre e todos aqueles que aqui deixei. (THMOSKHEKO, 1987, p. 97)

Quisera eu fosse considerado uma continuidade do Jáder, em termos profissionais [diz Dorian Sampaio]. Como jornalista, tenho-o como um pai. Pegou-me pela mão, ao início da carreira, nos trepidantes momentos de fundação do *Diário do Povo*[,] e até quando, asas feitas, dei-me voos mais altos, sem todavia deixar de voltar sempre ao velho ninho, em busca de calor, de orientação, do confronto de uma amizade que, na verdade, se achegava mais ao que se pode chamar de amor filial, correspondido pela dedicação paterna do velho e querido amigo. (SAMPAIO, 1987, p. 102)

No mesmo filão, seguindo o melhor modelo do culto de que fala Maria Helena Werneck, está o depoimento de Barro Alves de Mombaça. Note-se aí, na história das afinidades eletivas, a clássica escolha da narrativa que recua, com exatidão, às circunstâncias do primeiro encontro.

Lembro-me perfeitamente da tarde em que me encontrei pela primeira vez com Jáder de Carvalho, no sobrado onde o poeta morava [...]. Eu, ousado jovem da roça metido na liderança de um grupo de poetas citadinos, recém-chegado à capital, ainda atônito com os ares da cidade grande que mal conhecia [...]: Jáder, o monstro sagrado da poesia cearense em carne e osso. [...]

Passei a frequentar a casa do poeta com assiduidade. Fizemos amizade. O “velho” Jáder era sempre afável e cordial. Permanentemente à vontade metido num pijama. [...] Batíamos longos papos sobre tudo e sobre todos, que às vezes adentrava pela noite. O poeta gostava muito de conversar, contar casos de sua juventude, do tempo em que foi preso comunista sem jamais ter pertencido aos quadros do partidão. Era apenas um homem identificado com o sofrimento do seu povo [nota frequente, diga-

se, nos perfis de Jäder]. Rebelde, corajoso, valente. Aliás, foi com ele que fiz pós-graduação em não levar desaforo pra casa.

[...] Assim era o Jäder de Carvalho do romance, da poesia, do jornalismo. O Jäder que eu conheci e admirei e cujos livros todos autografados com gentis dedicatórias, guardo como um tesouro inestimável. (MOMBAÇA, 1987, p. 95-96)

As impressões do “Jäder que eu conheci” também marcam com igual força a vida de Nirez (Miguel Ângelo de Azevedo), cujo depoimento faz revelar, com algum encanto, os bastidores de um encontro a que eles estariam predestinados, mais cedo (na infância de Nirez) ou mais tarde (na velhice de Jäder). “A primeira vez que vi Jäder de Carvalho”, conta,

foi quando, levado pela mão de meu pai, também poeta, Otacílio de Azevedo<sup>9</sup>, entrei na redação do *Diário do Povo* e me deparei com a figura forte, máscula porém meiga e simpática do vibrante jornalista. Eu tinha pouco mais de dez anos de idade e sua imagem me impressionou pela sua maneira de ser e pela sua fama de valente, ousado e comunista, coisas que impressionam muito uma criança. (AZEVEDO, 1987, p. 90)

É curiosa, afinal, a maneira que a vida encontra de trançar os destinos dos três sujeitos. Permita-se aqui um desvio breve da narrativa. A ida de Otacílio ao jornal de Jäder diz de uma amizade iniciada tempos atrás, na juventude de ambos. Nas memórias do pai de Nirez, reunidas em *Fortaleza descalça* (1980), Jäder comparece como personagem que traz consigo todo o sabor dessa época, em um episódio da “boemia inocente” de que eram adeptos, recuperado na crônica “Uma noite no cemitério”.

No primeiro aniversário da morte de Mário da Silveira, ocorrida no dia 21 de julho de 1921, eu, Sidney Neto e o então liceísta Jäder de Carvalho, na noite mais clara deste mundo, em que o luar prateava tudo, resolvemos, cheios ainda da lembrança e da saudade do poeta barbaramente assassinado, fazer uma visita ao seu túmulo. Ao chegarmos ao Cemitério, encontramos os portões fechados. No fogo da mocidade e impulsionados por estranha compulsão, pulamos o velho muro. [...] Andamos ao léu até encontrarmos o túmulo de Mário – o escopo dessa jornada. [...] Foram horas tristíssimas para nós. Horas evocativas e talvez as mais bem empregadas do grande relógio de nosso tempo de boêmia. (AZEVEDO, 1980, p. 115-116)

Mais tarde, em 1969, será Jäder, pela vez dele, que receberá Otacílio na Academia Cearense de Letras. Caberá ao acadêmico veterano o discurso da solenidade que consagra o novo imortal da cadeira 26.

Sr. Otacílio de Azevedo:

Fui muito pálido, muito sem profundidade, no rápido estudo da sua poesia emocional, do seu verso sempre com música personalíssima, da sua magnífica personalidade literária. É também certa a filosofia popular: “cada um faz o que pode, cada um dá o que tem”. Resta-me estender-lhe a mão, de modo respeitoso, mas fraterno. E também lastimar o atraso com que bate às portas desta Casa, já de cabelos grisalhos e curvado,

---

<sup>9</sup> Otacílio Ferreira de Azevedo (1892-1978), poeta e pintor cearense.

não ao peso da idade, porém da sua luminosa bagagem poética, feita de pedaços dessa alma leve [...] (CARVALHO, 1976, p. 546)

Volte-se ao depoimento do filho de Otacílio de Azevedo. Depurada a imagem calcada no fascínio do menino Nirez (“Depois, com o correr dos anos, compreendi que Jáder de Carvalho era muito mais do que eu pensava”) (AZEVEDO, 1987, p. 90), aludindo à “fortaleza” e à “masculinidade” do jornalista, ele o reencontra, anos depois, num novo estado, na ocasião da entrevista que o escritor concede ao seu famoso arquivo. *Velho Jáder, que bom te ver...*, poderíamos ouvir.

Por fim o Jáder de Carvalho que eu entrevistei, manso, um pouco acomodado, já sem seu jornal (antes do *Diário do Povo* tivera *O Combate*), gostava de contar sobre seu Quixadá, sua vinda a Fortaleza, sobre sua pobreza, o Liceu, as castanholas que comia no Passeio Público e, principalmente, lembrou seu arrependimento ao atacar ferozmente pessoas, no auge da raiva, mas que corrigiu pedindo desculpas um a um e todos se tornaram seus amigos. (AZEVEDO, 1987, p. 90-91)

Há ainda quem faça o caminho inverso, resgatando do lodo da memória a lembrança do último encontro, dias antes da morte do escritor. César Coelho, em “Jáder e as estrelas”, texto originalmente publicado em *O Estado* (11/8/1985), põe no papel a crônica de uma morte em nada anunciada. Assim, revisita, pela clave de uma dor enternecida, a figura de quem, ainda dias atrás, poderia ser encontrado em “animada palestra, como sempre, com o toque infalível da Poesia, com aquela riqueza de sonhos” (COELHO, 1987, p. 112).

Jáder de Carvalho, meu Mestre, meu amigo, sempre encantou meu espírito, com a sua sabedoria, com a sua simplicidade, aquela simplicidade dos realmente grandes. Jáder de Carvalho sabia de tudo. Suas conversas que às vezes entravam pela madrugada eram verdadeiras aulas. Mestre Jáder era catedrático em qualquer assunto, dominava como Mestre qualquer tema. (COELHO, 1987, p. 112)

Na inclinação melancólica que o texto assume, o cronista evoca um imaginário que se verifica com recorrência nos discursos que performam os vínculos de amizade, na medida em que tentam reconstruir um ambiente de convívio calcado na intimidade e na distinção de ter o escritor como interlocutor especial. A conversa que se estende pela noite, a simplicidade do homem, a grandeza de sua inteligência, fórmulas igualmente verificadas no depoimento de Barros Alves, são índices que o enquadram com facilidade como *vulto*, digno, portanto, de ser lembrado.

Na sequência, César Coelho talha uma narrativa que em tudo se lê um gesto pressagioso de adeus. Nem ele nem Jáder, lembrado em função dos projetos que tinha em mente, aspirações de uma vida toda, poderiam saber que o fim se aproximava. Tais

circunstâncias, que traduzem a longeva atividade intelectual de Jäder de Carvalho, encontram correspondente na lufada que revigora o homem antes do momento final. O cronista, pois, faz do seu texto a oportunidade para grafar, em letra, afeto e memória, a última imagem do mestre e amigo, como testemunho de quem sobrevive à morte do outro.

Depois, já na minha saída, no portão, na solidão da rua, Mestre Jäder falou dos seus planos. Dos seus próximos livros. E como sempre falou do sonho de dar à sua Editora Terra do Sol condições para publicar livros de autores da terra, dos que não podem tirar das gavetas originais de livros muitas vezes preciosos. O Poeta de “Terra Bárbara”, o romancista de *Eu Quero o Sol*, irradiava energia, esperança na força de seus sonhos. (COELHO, 1987, p. 112)

Na recriação da cena, o autor se deixa invadir pelo lirismo que emana de sua despedida, física e definitiva, ao “mestre Jäder”.

Na hora do adeus, ele chamou a atenção para a beleza da noite. O céu estava lindo. Parecia que Deus havia convocado todas as estrelas para o expediente poético, sob o comando da lua. Era noite de lua. Saí pela rua, lembrando a agradável palestra, os ensinamentos do querido Mestre Jäder de Carvalho, [que] ficou no seu sobrado. Ele, os livros, os sonhos, a Poesia. Foi meu último encontro como Amigo, com o Mestre, neste plano da vida. Quinta-feira passada, a notícia tomou conta de nossa Fortaleza, cidade que o Poeta sempre amou com toda a força do seu lirismo. Mestre Jäder fez a grande Viagem. Foi o descanso do guerreiro. [...] (COELHO, 1987, p. 112)

O que se lê, então, no fundo dos depoimentos reunidos em *Meu pai, Jäder de Carvalho*? Que denominador comum os aproxima? Eles instauram o que poderíamos chamar de uma “ética da memória”, na medida em que neles se verificam os vários protocolos que concorrem para a construção de uma imagem que não admite a mácula ou a incorreção. Tal postura surge como resposta a uma difícil pergunta de base que o trabalho da memória impõe no contexto de uma morte: como falar de quem já não pode, propriamente, corrigir sua imagem?

As vozes são muitas, mas o retrato, não raro, é o mesmo. A heterogeneidade dos pontos de visão (tão diversa é a natureza do contato: familiar, profissional, pessoal), que poderia se traduzir em um perfil biográfico multifacetado e contrastante, acaba por produzir, ao contrário, uma imagem apaziguada e de fácil agenciamento. No conjunto desses retratos fragmentados, está fora de questão, por exemplo, a negociação dos sentidos em torno de uma personalidade, por motivos que o seu contexto de produção ajuda a aclarar.

Como já se sabe, neles falam os filhos e os amigos. Naturalmente, não se espera que o comentário espinhoso ou farpante surja nas circunstâncias de uma enunciação mediada pelo afeto e por certo sentimento de lealdade. No ramalhete de valores e juízos sobre o pai, a mão do filho, responsável pelo seu arranjo, rapidamente podaria a flor murcha da opinião negativa ou duvidosa.

Vinícius Araújo de Carvalho, se tem algum controle sobre a imagem do pai, como filho que decide fazer um livro para lembrar sua memória, talvez não o faça com tanto cálculo. O filho é de pai ilustre, mas no horizonte de suas expectativas não surge, pelo menos publicamente, o desejo da carreira literária. Assim, verificar, em *Meu pai, Jáder de Carvalho*, o diálogo com a literatura de paternidade é um desses movimentos que mais interessa ao estudioso de literatura e menos a quem esteve por trás do livro. O mesmo se pode dizer de Jáder de Carvalho quando, já reconhecido e consagrado, seleciona, entre os textos da crítica, aqueles que o exaltam como escritor?

## 2.2 A mão do autor

Na década de 1960, Jáder de Carvalho publica *Água da fonte* (1966), retomando, mais de 30 anos depois, sua produção poética. Se, entre *Terra de ninguém* (1931), sua estreia individual em livro, e *Aldeota* (1963), prevalecem os romances, a partir da publicação daquela coletânea, irá trabalhar sem interrupções na carpintaria da poesia.

*Água da fonte* insere-se em especial dimensão por realizar movimento incomum na fortuna literária de Jáder de Carvalho: oferece ao leitor um conjunto de textos que assinala sua recepção e crítica. Pelo que se pode inferir, trata-se de recortes de jornais locais da época, espaço de circulação habitual de seu nome. Assim, em seção que intitula “Jáder de Carvalho e a crítica”, o autor dá a ver textos que se situam na zona intervalar entre a nota, o comentário, a recensão e o elogio, moeda tão própria do mercado das letras.

Aquilo que o professor, na melhor das aulas, não explicaria; o que o jornalista, no mais substancioso dos artigos, não conseguiria dizer, explica e convence, maravilhosamente, o poeta, no ritmo dos seus versos, na sonoridade das frases trabalhadas no lirismo das suas emoções mais fortes [diz o cronista Blanchard Girão]. Ali está o homem de gabinete, o intelectual aprisionado aos estudos, o cidadão acorrentado às teias da vida moderna, arrebatando tudo para voltar às origens, para pelo menos traduzir as ânsias de sua alma cabocla, ânsias que não são suas, são universalmente de todos, são vontades, são desejos, são ambições contidas no peito de cada nordestino mergulhado na falsa civilização litorânea, atirando fora seu “habitat”, envergando paletó e gravata quando sonha vestir gibão de couro e calçar alpargatas de rabicho... Jáder é o analista melhor que esta gente já teve dos seus sentimentos. E não haverá um só homem do Nordeste que, ao ler ou ouvir seus versos, não encha o peito de orgulho. (GIRÃO *apud* CARVALHO, 1966, s/p)

Embora estejam no espaço da crítica, os textos não se sustentam sem o amparo da biografia. Em um esquema que se repete em todos eles, material crítico e material biográfico confundem-se e complementam-se. Acabam, pois, por construir breves perfis de Jáder de

Carvalho, na medida em que recuperam suas legendas já conhecidas por todos: o jornalista, o advogado, o professor, o romancista, o poeta, a mais destacada entre elas.

Sobressai no texto da crítica um retrato do escritor que é também a imagem de seu povo, o povo do Nordeste, do sertão. “A terra que ele pisou, o sol e as noites estreladas que o cobriram, a natureza que o enfeitiçou – tudo isso é o fabuloso Nordeste, que ele canta para nós [...]” (Eduardo Campos) “São as poesias deste nosso Jäder de Carvalho, cearense como diabo, cearense incansavelmente praticante do culto à terra, trazendo na sua temática vigorosa e lírica a força macha dos cabras do sertão que vamos ouvir.” (Milton Dias) “Jäder, a maior expressão poética de nossa terra dentro da temática regional [...]” (Ciro Colares) “Jäder de Carvalho é o cantador do povo. É o poeta do cearense.” (Adísia Sá) Haveria aí uma reversibilidade entre indivíduo e coletivo, de modo que a imagem de um fosse tomada pela do outro e vice-versa, transferindo para o poeta o peso de ser a representação definitiva ou talvez mais acabada de uma identidade tanto existencial quanto literária: social, nordestina, sertaneja.

Comentários dessa natureza, no que têm de elogiosos e laudatórios, confinam Jäder de Carvalho em uma armadilha na qual pode cair a crítica que a ele se volte hoje, isto é, a de continuar a lê-lo, a compor seu retrato literário, como poeta regional, sempre a serviço de um imaginário matizado pela cor local. A recorrência dessa chave de leitura de sua obra acaba tomando lugar sobre as demais e abre, assim, caminhos para enquadramentos e disposições previamente concebidos na composição de sua persona literária. Este estudo encara esse quadro por outra via, quando seu intuito é, precisamente, ampliar a paleta de cores e resgatar novas perspectivas de aproximação crítica do sujeito retratado.

Envolvido na produção dos próprios livros, num cenário escasso de casas editoriais consolidadas, não é de se estranhar que a Jäder tenha cabido a tarefa de selecionar os juízos que melhor respondem à imagem de escritor que constrói de si. A mão do autor, nesse sentido, é quem dirige as pinceladas que matizam sua representação.

Quem, então, haveria de retocar esse que é, a seu modo, um autorretrato? Não os convidados para a pintura coletiva desse perfil, por estarem aí implicados os laços de amizade, naturais para o funcionamento de certa crítica praticada no século passado. Assim, o discurso autorizado que via de regra advém do fato de tais textos serem assinados por escritores, críticos e jornalistas (Eduardo Campos, Milton Dias, Ciro Colares, Adísia Sá, entre outros), posições bem definidas no sistema literário, que situam o autor em algum cânone das letras cearenses, ganha outro peso nesse quadro. Nas relações de hierarquia que aí se invertem, mais vale autoria do que autoridade.

Nesse ambiente de confraria que tanto os depoimentos quanto os comentários da crítica recriam, surge um Jáder de Carvalho cuja imagem, difícil de ser retocada na posteridade, será relativamente assente para quem cruzar com seu nome. Homem rebelde, corajoso, valente, ousado, ferino. Poeta do povo, do Nordeste, do sertão. Assim será lembrado com frequência. Nas galerias da memória, são poucos os retratos que fogem desse roteiro.

Na rota da biografia, quem promove uma curva, breve mas interessante, é Nirez, em depoimento já citado. Ao assinalar a mansidão de Jáder na fase madura da vida (“o Jáder que eu entrevistei, manso, um pouco acomodado”), desloca o olhar para o homem no seu enfretamento com a velhice e as injunções que a idade instala. Assim, o homem terá no relato da memória (“[Jáder] gostava de contar”) a companhia de todos os dias, recurso de certa forma compensatório, na medida em que se agrava a ausência da família e das relações sociais – muitas, sem dúvida, mas ineficazes para suplantar o vazio deixado pela solidão. Essa condição, na porção mais tardia da obra do escritor, não tão acomodado assim, transforma-se em objeto privilegiado de criação literária em poemas – *Delírio da solidão* (1980) e *Rua da minha vida*, (1981a) – e crônicas – *Meu passo na rua alheia* (1981b).

Nas poucas linhas de Nirez, surge diante de nós uma imagem de Jáder de Carvalho mais privada do que pública, mais noturna do que solar. Nesse momento, em que o homem se encontra devassado pela questão da vida interior, não raro irá abrir a arca das lembranças para nela encontrar algum alento. Assim, poderá retornar à infância, à juventude, rever os antepassados, visitar as primeiras paisagens, numa tentativa de encontrar no passado lugar para um eu que o presente insiste em comprimir e dilacerar – um presente que é também, para Jáder de Carvalho, o tempo do perdão (“[Jáder] lembrou seu arrependimento ao atacar ferozmente pessoas, no auge da raiva, mas que corrigiu pedindo desculpas um a um”).

O material que esse exercício de meditação traz à tona fornecerá para o biógrafo coordenadas especiais de compreensão do sujeito. Atento a essa existência que, em um escritor, é por natureza dupla – a vida que se vive e a vida que o texto reconta, simula, escamoteia, corrompe, censura –, ele poderá recolher novas e insuspeitas imagens para o retrato que pretende compor. Nesse espírito, sem deixar de reconhecer e investigar os retratos que marcam em muito sua mitologia (o homem do povo, o jornalista combativo, o romancista engajado), este estudo está no encaixe de um *outro* Jáder de Carvalho, encontrado no intervalo entre realidade e imaginação, voz e letra, vida e poesia.



### 3 A MÁSCARA E O ROSTO: A CRÍTICA BIOGRÁFICA

“É porque uma relação de projeção, de representação, de lembranças, de afetos ou de sensações une todo romancista a todas as suas personagens. Léon [de *Madame Bovary*] é apenas um dos rostos que se dá Gustave [Flaubert] para não ser mais Gustave. Mas é um rosto, e não uma máscara. A máscara é o escritor, o rosto é a personagem.” (Michel Schneider)

Entre nós, a biografia é uma velha conhecida. Do plano teórico, em que se vê perscrutada por esforços de análise variados ao longo do tempo, ao mercadológico, em que se encontra familiarizada com a lógica dos *best-sellers* e com as prateleiras e vitrines das livrarias, ela transita com relativa facilidade entre os domínios da cultura letrada e da cultura de massa. Nesse movimento, o gênero biográfico, como registro da cultura e campo de saber, dá corpo a si mesmo na medida em que determina agentes, problemas e impasses próprios de seu universo.

Seja como produto da atividade erudita, seja como objeto de consumo, goza, inegavelmente, de certo prestígio, embora nem sempre assuma o lugar quente do debate contemporâneo. No entanto, ao menor sinal de fogo, sua vitalidade vem à tona, constituindo-se como lugar no qual se processam os desdobramentos da vida cotidiana, então revestidos de especial interesse. A partir da posição privilegiada de compreensão da realidade que impõe, a biografia, para bem ou para o mal, tem o poder de desarmar velhos esquemas, dissolver ideias fixas, cicatrizar feridas, abrir outras. Nesse sentido, para ficarmos somente no campo das artes, são exemplares dois episódios recentes.

Quando, em 2007, Roberto Carlos ganhou ação judicial que tirava de circulação sua biografia (*Roberto Carlos em Detalhes*), assinada por Paulo César de Araújo, não poderia imaginar que tal gesto, em 2013, voltaria como pauta nacional. A mídia tratou o episódio como emblema da polêmica que se criou quando a Associação Nacional de Editores de Livros (Anel) levou para o Supremo Tribunal Federal a contestação de dois artigos do Código Civil, precisamente os que determinam a inviolabilidade da vida privada e a autorização para publicação ou uso de imagem de uma pessoa.

O debate, naturalmente, dividiu opiniões: de um lado, os artistas que se sentiam lesados pela “mercantilização da vida alheia” (Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque, entre outros); de outro, biógrafos, historiadores e escritores (Ruy Castro, Lira Neto, Laurentino Gomes) que viam, no consentimento prévio do biografado, seus familiares ou herdeiros, uma medida, totalitária a seu modo, que defendia “algo obscurantista, a biografia chapa-branca”. Nesse jogo de força pendular, a biografia volta como assunto da ordem do dia e não demora a

fomentar o imaginário, como provam a realização, no mesmo ano, da primeira edição do Festival Internacional de Biografias, em Fortaleza, e a publicação, um ano depois, de *O réu e o rei*, livro em que Paulo César de Araújo relata a batalha pública em torno da proibição daquela biografia.

Corte para 2015. A essa época, o Supremo já tem decidido liberar a publicação de biografias não autorizadas. Mas o ano ainda veria queimar, no rastro de pólvora deixado por um dissenso que ali se encerrava, uma chama novamente incensada pelo dado biográfico.

Às vésperas da Flip, na edição que homenageava Mário de Andrade, a Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, libera para consulta pública carta pertencente ao acervo de Manuel Bandeira, a quem se dirigia o papa do nosso modernismo. Até então inviolada, por desejo da família de Mário, e de conteúdo desconhecido, mas sugerido pelo frenesi que rondava a revelação de sua homossexualidade, a missiva reacendia a discussão em torno da exposição da vida íntima de figuras que frequentavam o mercado público de nossas letras.

Famoso por seu “gigantismo epistolar”, Mário de Andrade é, certamente, o missivista mais loquaz de nossa literatura, como prova a lista expressiva de títulos que reúnem sua correspondência ativa e passiva, espalhada em caixas postais dentro e fora do Brasil. Nesse particular, a carta em questão, como gênero da intimidade e principal meio de comunicação entre os escritores modernos no século passado, revela o autor de *Macunaíma* em posição de autoanálise, discutindo com o amigo “Manú” dilemas próprios de quem transitava com desenvoltura nos círculos literários e intelectuais da sociedade paulista, que lhe cobrava, no entanto, algum esclarecimento sobre sua “tão falada homossexualidade”.

Passados os 87 anos de sua escrita, o documento reanimaria, em 2015, o desejo de os leitores-*voyeurs* flagrarem aquilo que escapa à literatura oficiosa dos escritores, seus romances, contos, ensaios etc. Nesse contexto, a imagem de Mário de Andrade ganhará novos contornos, oportunamente acentuados em razão do evento aqui já citado, que naquele ano lhe renderia homenagens e, com sorte, novos leitores.

Por essa razão, retoma-se o “efeito Flip” na biografia dos escritores que encabeçam as edições anuais da Festa. É positivo, de um lado, na medida em que a mídia passa a se interessar por nomes que às vezes parecem perdidos no tempo (vide a última edição, de Hilda Hilst, e a anterior, de Lima Barreto) e as casas editoriais, pela vez delas, revisitam e movimentam a circulação de suas obras (não raro, chovem novas edições ou se publicam textos inéditos). É negativo, de outro, se contribui para um tratamento biográfico que escamoteia ou negligencia as muitas personas do escritor em detrimento de uma, mais aceita e bem comportada, o que se poderia falar, em certa medida, das edições que homenagearam Mário de

Andrade (2015) e Ana Cristina Cesar (2016), evitando tratá-los como escritores para os quais os impasses da própria sexualidade foram uma constante, na vida ou na obra.

Naquelas circunstâncias, a intenção de veto à produção de caráter biográfico dizia, da parte do biografado, de uma incômoda possibilidade: não ter controle algum sobre sua imagem, precisamente se ela não corresponde a que tem de si, se o outro parece distorcê-la, como quem procurasse exibi-la em praça pública para escárnio geral. No outro exemplo, romper o selo da intimidade expressa em carta seria um caminho sem volta para a ruína de quem já tem seu lugar ao sol no cânone das letras nacionais. Na intenção da família de Mário de Andrade, lê-se a tentativa de manter inalterada a imagem do animador do movimento modernista, afastando do seu busto a “mancha” da homossexualidade, ainda hoje encarada como tabu. Em ambas as situações, sobressai o entendimento, apressado, que o saldo das transações biográficas resvala em um inevitável perigo, o de alterar a forma pela qual se observa a realidade e seus atores. O caso das biografias e o da carta de Mário de Andrade revelam, pois, um dos modos segundo o qual o dado biográfico insere-se no debate público de ideias, em geral, e na compreensão dos sujeitos, em particular, grifados aqui por sua atuação no campo da arte e das letras.

Apesar de atuais, episódios como esses, que colocam a vida de artistas e escritores no centro do debate, sempre mantiveram estreita relação com a crítica literária, que os tem concebido ou como chave de leitura ou como mal a ser combatido na interpretação do fato literário. Parte dessa história, brecha oportuna para discussões nas quais o dissenso é pedra de toque, será recuperada por François Dosse em *O desafio biográfico* (2009), cuja reflexão centraliza a evolução do “gênero impuro” da biografia.

No ponto a que se dedica examinar os vetores de aproximação e distanciamento entre biografia e crítica literária, coloca em pauta uma série de situações que deram bem a medida do problema pelo menos nos dois últimos séculos, a partir da França. Assim, textos e autores exemplares dessa discussão (Sainte-Beuve, Marcel Proust, Roland Barthes) são reabilitados em função da “relação complexa entre os elementos factuais da vida e a parte ficcional da obra” (DOSSE, 2009, p. 80).

Segundo o autor, no século XIX, período da história literária clássica, a vida define a obra ou mesmo vem antes dela, está “no próprio cerne da inteligibilidade literária” (DOSSE, 2009, p. 80). Sainte-Beuve, por exemplo, é a figura que adota tal princípio como método de apreciação crítica, que não raro culmina em um anedotário. Discípulo de Plutarco, para ele, julgar a obra é julgar o homem. Assim, compõe uma série de retratos literários nos quais a biografia funciona como chave para a compreensão do fato literário.

O século XIX, então, acolhe sem reservas o componente biográfico, perspectiva que se prolonga no século XX, pelo menos inicialmente. Nos manuais escolares da época, isso é uma constante. Neles o fato literário está reduzido a anedotas e pastiches extraídos de relatos biográficos, que também ajudam a criar e difundir clichês e mitos em torno da figura do escritor. A fusão da vida à obra será tamanha que François Dosse fala, com Antoine Compagnon, de uma “vidobra”, “quando o relato da vida se apresenta como explicação da obra” (DOSSE, 2009, p. 81)<sup>10</sup>. Nas palavras do autor,

[o] estudo das obras por meio de excertos atribui à informação biográfica a função de “embreagem”, que toma a parte pelo todo e lhe confere valor heurístico. É a época em que os manuais se desembaraçam do aparato retórico, até então essencial no ensino das ciências humanas, e abrem espaço a uma pletora de dados biográficos a partir de meados do século XIX. Expõe-se a vida do autor ou apresenta-se o homem e seu caráter, reservando lugar a uma rubrica que define os gênios. (DOSSE, 2009, p. 80)

Daí resulta, então, uma concepção crítica cuja abordagem transforma o escritor, homem comum, em gênio. Ler o texto é sobretudo vasculhar um campo de toda a sorte de mitologias. Essa perspectiva, se cristaliza o sujeito, tão logo resvala no que François Dosse chama de “romances biográficos”, narrativas em que a vida é exposta em detalhes exaustivos. Proust notabiliza-se por ir na contramão desse tipo de leitura. Defensor da separação entre vida e obra, confronta diretamente os procedimentos de Saint-Beuve. Mais tarde, no século XX, Roland Barthes, por seu turno, cunha o conceito de *biografema* (*grosso modo*, uma biografia em fragmentos), redefinindo os caminhos da discussão e fornecendo para os próximos tempos um debate em tudo vigoroso.

Nos estudos literários atuais, essas questões se renovam e passam a ser especialmente produtivas no âmbito da crítica biográfica. Vertente fértil da crítica literária e cultural, propõe-se a examinar de perto questões que constituem há muito o escopo de discussões não raro situadas na arena do dissenso, aqui ligeiramente reduzidas a um núcleo comum: a vida do escritor e suas implicações para o texto literário. Por tratar, já de saída, de um objeto de difícil domesticação, cumpre à crítica biográfica a sinuosa tarefa de ordenar e significar o que, via de regra, não tem ordem nem sentido, a vida que se vive. Por outro lado, a complexidade da tarefa reveste-se de ganhos inequívocos na medida em que a compreende pelo outro lado da moeda, a vida que se conta.

---

<sup>10</sup> No Brasil, talvez se encontre correspondente interessante desse método em *Pagu: vida e obra*, título recentemente lançado e organizado por Augusto de Campos (CAMPOS, 2014). O farto material crítico e documental que a edição reúne em torno de Patrícia Galvão, sob o *slogan* de musa do modernismo, situa a compreensão de sua obra precisamente na dimensão biográfica.

Unidas, refratadas ou indiscerníveis, cada uma, vida vivida e vida contada, terá medida correspondente na crítica biográfica, que, sem deixar de ignorar os mecanismos constituintes da obra literária, mas não se fixando somente neles, projeta, particularmente, o sujeito que a assina. Opera, assim, um duplo movimento: o real, se não garante a decodificação imediata ou o livre acesso ao projeto de dizer do texto, ajuda a esclarecer e a expandir a ficção, que, por seu turno, não abdica dos mecanismos que lhe são próprios e que definem, portanto, a natureza distintiva de sua prática discursiva. Para onde quer que se vá, as pistas estão dispersas e embaralhadas, e o triunfo dessa postura analítica deve-se justamente ao fato de se processar nesse entre-lugar.

Nesse jogo de espelhos, metáfora habitual para traduzir a tarefa do crítico situado nessa zona intervalar, menos vale a correspondência exata entre o evento da realidade e o evento da ficção e mais a transformação por que passa aquele no crivo criativo do artista. Na crítica biográfica, não se trata de circunscrever a compreensão da obra pelo autor na sua orientação mais casual ou simplista, mas de situá-la na região fronteira dos dados biográficos e escriturais, renovando os procedimentos de leitura para além dos limites intrínsecos e exclusivos da literatura.

A crítica literária praticada hoje no Brasil se vê novamente interessada por questões que constituem o escopo da crítica biográfica, tributária dos *life studies*, das escritas de si, do trabalho com arquivos literários, entre outros. O fato talvez se explique pela emergência de novas vozes ficcionais, em resposta à abertura provocada pela diluição das fronteiras, pelo questionamento das noções de centro e periferia, pela demanda de representatividade, caso especialmente verificado na produção literária dos grupos minoritários, cujas subjetividades e experiências convocam outros modos de ler.

Não é de hoje, no entanto, que a crítica biográfica tem seu lugar na compreensão do fato literário. No Brasil, ela tem sido sistematizada e praticada, em especial, por Eneida Maria de Souza (2002, 2011), cuja produção intelectual fornece exemplos claros dessa prática analítica em torno de autores nacionais e estrangeiros.

No ensaio pioneiro “Notas sobre a crítica biográfica” (2002), a estudiosa fornece as balizas teóricas que determinam seu quadro mais geral, delineando princípios, objetivos, procedimentos. De saída, relaciona a atividade da crítica biográfica e suas questões de base à pós-modernidade, na medida em que esse período “traz[,] para o interior da discussão atual, a democratização dos discursos e a quebra dos limites entre a chamada alta literatura e a cultura de massa”, em referência às “práticas discursivas consideradas ‘extrínsecas’ à literatura, como a cultura de massa, as biografias, os acontecimentos do cotidiano” (SOUZA, 2002, p. 111-112).

Nessa compreensão, tal vertente da crítica situa-se no lugar de tensão e questionamento da produção tradicional do saber, abalada então pela emergência da interdisciplinaridade. Assim, elegendo o *saber narrativo* como princípio básico, a crítica biográfica vai na contramão do *saber científico*, dele se distinguindo “por meio de sua atitude avessa à demonstração e à especulação, ao se concentrar na permanente construção do objeto de análise e nos pequenos relatos que compõem a narrativa literária e cultural” (SOUZA, 2002, p. 114).

No horizonte da discussão que a estudiosa promove, entram em cena o ensaio e o relato, como formas que enfeixam o saber resultante do procedimento biográfico da crítica. Tais gêneros são convocados com naturalidade por essa inflexão crítico-teórica. Primeiro, por corresponderem à “natureza criativa dos procedimentos analíticos” da crítica biográfica, que redundam no “exercício de ficcionalização da crítica, no qual o próprio sujeito teórico se inscreve como ator no discurso e personagem de uma narrativa em construção” (SOUZA, 2002, p. 111). Segundo, por influência dos estudos da história das mentalidades e da metahistória, disciplinas que encontram na narrativa o modo de reprodução do fato histórico. Nesse sentido, nas palavras de Eneida Maria de Souza,

[c]enas domésticas e aparentemente inexpressivas para a elucidação dos fatos históricos passam a compor o quadro das pequenas narrativas, igualmente responsáveis pela construção do sentido subliminar da história. A literatura, rica em cenas dessa natureza e pródiga na arte das subjetividades, é convocada a servir de *corpus* analítico para o discurso histórico, o que contribui tanto para a diluição de fronteiras disciplinares quanto para a exploração de narrativas ficcionais com valor enunciativo e como procedimento de escrita. (SOUZA, 2002, p. 115)

A “encenação de subjetividades”, expressão que a autora vai colher em Roland Barthes, será responsável, portanto, no modo como o *autor*, profissional de letras, passa a ser visto no seio da crítica biográfica. Abandonando a máscara de entidade meramente textual, que assina uma obra, será então concebido como *escritor*, como “aquele que ultrapassa os limites do texto e alcança o território biográfico, histórico e cultural” (SOUZA, 2002, p. 116). Esse ponto é de especial interesse para a vertente da crítica literária em questão, na medida em que o sujeito autoral recebe tratamento diferenciado, pois, para compreendê-lo, importa tanto sua produção literária quanto sua produção documental (correspondência, depoimentos, entrevistas). Assim, será possível flagrá-lo para além dos livros, colhendo nos bastidores da vida literária e cultural as pistas que, a partir de prismas variados, ajudam a reconstruir seu retrato, a remodelar sua imagem. Eneida Maria de Souza resume a questão nestes termos:

A figura do escritor substitui a do autor, a partir do momento que ele assume uma identidade mitológica, fantasmática e midiática. Esta personagem, construída tanto pelo escritor quanto pelos leitores, desempenha vários papéis de acordo com as imagens, as poses e as representações coletivas que cada época propõe aos seus intérpretes da literatura. Cada escritor, portanto, constrói sua biografia com base na rede imaginária tecida em favor de um lugar a ser ocupado na posteridade: ou o do ausente ou do morto, pois também a morte cultiva seus teatros, como o palhaço e o dandy. [...] A figura do autor cede lugar à criação da imagem do escritor e do intelectual, entidades que se caracterizam não só pela assinatura de uma obra, mas que se integram ao cenário literário e cultural recomposto pela crítica biográfica. (SOUZA, 2002, p. 116)

A problemática instaurada pela escolha da figura do escritor em detrimento da do autor na crítica biográfica será retomada por Michel Schneider (2011) em ensaio intitulado “O outro eu”. Colocando agora a discussão em outros termos (entre *autor* e *homem*, quem escreve?), o autor francês dá a ver as mútuas contaminações entre biografia e romance, examinando a questão a partir das implicações de quem diz *eu* no texto literário. Partindo das citações de escritores “sem biografias” (Valéry Larbaud, Sainte-Beuve, Gustave Flaubert), que resumem os fatos de sua existência aos livros que leram, Michel Schneider faz uma ponderação interessante para explicar como procede o biógrafo nesse campo de contrários:

A tarefa do biógrafo é aparentemente oposta à do autor e visa precisamente a passar da bibliografia à biografia. Ele quer descobrir, por trás da máscara do cotidiano do artista, a vida profunda e secreta da qual ele tirou sua obra. Ele se esforça em mostrar como, através dos seres e dos lugares aparentemente insignificantes do seu universo exterior, ele descobre o sentido oculto e universal. O biógrafo revela ao leitor o drama, o contraste e a interação entre a vida cotidiana de um escritor e sua vida infinitamente mais profunda enquanto criador. Proust censura Sainte-Beuve de reconstituir a formação e a relação dos “dois eus”. Mas as biografias de escritores poderiam dizer a verdade de sua obra? É claro, o eu que escreve é outro que o eu que vive, e se ele se faz romancista, “imagista”, diz Sainte-Beuve, da vida do escritor, então ele tem, pela ficção, acesso à verdade da obra. (SCHNEIDER, 2011, p. 22)

“Mais que proclamar um absoluto divórcio entre a vida e o romance”, dirá mais a frente, “são, pois, as condições nas quais o escritor se diz e se mascara em sua obra que é preciso analisar, ou melhor, imaginar” (SCHNEIDER, 2011, p. 23). No seu entender, conforme se lê na epígrafe deste capítulo, a máscara está para o escritor como o rosto está para a (sua) personagem. É precisamente nesse ponto que se tocam o pensamento de Eneida Maria de Souza e o de Michel Schneider, ao atribuírem à crítica biográfica, de um lado, e à biografia, de outro, a faculdade de recuperar, no sentido de recriar, a vida que se vive por trás da vida que se conta.

De que modo, então, pode a crítica biográfica cumprir essa tarefa ao mesmo tempo sedutora e audaciosa? No ensaio aqui já referido, Eneida Maria de Souza define, a partir do denominador comum dos exercícios de leitura de autores nacionais e estrangeiros, algumas linhas de investigação, quais sejam:

- a) a construção canônica do escritor, por meio do exame dos rituais de consagração de sua imagem, dos protocolos de inserção cultural na vida literária de sua época e das providências relativas à publicação, divulgação e estudo de sua obra. [...];
- b) a reconstituição de ambientes literários e da vida intelectual do escritor, sua linhagem e a sua inserção na poética e no pensamento cultural da época;
- c) o ato da escrita como narração da memória do outro (Ricardo Piglia), na medida em que o ausentar-se atua como presença, e a experiência do escritor conta menos do que aquela vivenciada pelo outro;
- d) a caracterização da biografia como *biografema* (Roland Barthes), conceito que responda pela construção de uma imagem fragmentária do sujeito, uma vez que não se acredita mais no estereótipo da totalidade e nem do relato de vida como registro de fidelidade e autocontrole;
- e) a eliminação da distância entre pólos constituintes do pensamento binário, ou seja, as categorias referentes ao exterior/interior, à causa/efeito, ao anterior/posterior, por meio da utilização da categoria espacial de *superfície*, imune à verticalidade, que pressupõe um olhar analítico em profundidade, e ao sentido de origem (Jacques Derrida, Gilles Deleuze);
- f) a ampliação das categorias de texto, de narrativa e da própria literatura, considerando-se o alto grau de interligação dos discursos e da contaminação dos mesmos entre si, procedimento comum à linguagem operacional das ciências humanas, incluindo-se aí a teoria da literatura, a história, a semiologia, a antropologia e a psicanálise. (SOUZA, 2002, p. 112-113)

Quem deseja proceder a uma leitura dessa natureza encontra na reflexão da estudiosa o ponto de partida necessário. Este estudo, tributário das lições de crítica biográfica conforme a compreende a referida autora, elegeu algumas dessas linhas para informar a biografia literária de seu objeto, ou melhor, sujeito de estudo.

Assim, nos capítulos que se seguem, lê-se a orientação geral que está na base de cada tópico elencado, procurando adequá-la às circunstâncias da pesquisa e ao universo do escritor em foco. Mais do que seguir à risca os pressupostos do procedimento biográfico da crítica, intentou-se preservar e ressaltar aquilo que eles ajudam a revelar acerca do sujeito que se inscreve em tempo e espaço determinados na medida em que escreve, realiza uma obra.



#### 4 A RAIZ DA ALMA

“Não quero esquecer os velhos caminhos,/ riscar da memória os sonhos viajados/ que levaram, nas asas, o menino antigo.” (Jáder de Carvalho)

“Raríssimos os que, na história do clã, vão além do conhecimento dos avós. Calados, taciturnos, introvertidos.” (CARVALHO, 1981b, p. 96) Essa observação, colhida em crônica<sup>11</sup> de Jáder de Carvalho, contorna um problema comum às biografias: estabelecer a genealogia do biografado. A investigação da origem familiar é, precisamente, um drama, em duplo sentido, que ensinam tanto a arte quanto a vida cotidiana, abalada pela emergência do conflito de emoções quando menos se espera. Também ela cultiva seus teatros: é pródiga em personagens, narrativas, *turning points*, desfechos inesperados e outros nem tanto. Dos bastidores, o biógrafo vê se desenrolar no palco o cruzamento de múltiplas subjetividades e temporalidades, à espera de que entre em cena o personagem sobre o qual tem especial interesse.

Na linhagem de Jáder de Carvalho, esse quadro emerge com toda sua exemplaridade. Ascendentes de pelo menos dois séculos, histórias vindas de além-mar, episódios turbulentos e trágicos recompõem a história de seu clã, que ele registra embrionária e dispersamente em crônicas, como a que abre este capítulo, e entrevistas. A essa produção falta, naturalmente, o fôlego da pesquisa minuciosa e elucidativa. Está mais próxima, assim, do registro emocional, em que o escritor, invadido pelo passado, fornece mais ou menos as coordenadas que colocam os Aires de Olival e os Queiroz no radar de sua descendência pelo lado materno.

No entanto, Jáder de Carvalho sabe que a memória também implica um compromisso, o de suplantar, por exemplo, o silêncio dos avós para que possam vir à tona as histórias que o constituem. Assim, na condição de exceção à regra que ele mesmo formula nas aspas iniciais deste texto, encontra nessas famílias as marcas de seu destino. Partindo provavelmente dessa premissa, publica, em 1948, no seu *Diário do Povo*, artigo de sugestivo título, “Romance da Família Queiroz”. O texto será recuperado por Boanerges Facó, memorialista e genealogista, justamente na série de artigos que dedica ao estabelecimento genealógico dos Queiroz-Ferreira e dos Facó (FACÓ, 1956, 1961, 1962, 1963).

Rapazes turbulentos – respondi – era o que não faltava no Nordeste colonial, principalmente no Nordeste pastoril. Como a senhora sabe, no século dezoito, e ainda

<sup>11</sup> “Pirangi”, em *Meu passo na rua alheia* (1981b).

um bom pedaço do século dezenove, o sertão era agitado, em suas raízes sociais e políticas, pelos grandes senhores rurais, donos de fazendas que mais pareciam verdadeiros países. Tais senhores fundavam o seu poder no domínio absoluto da terra e da plebe que os servia na vaqueirice, no amanho do solo e nas lutas entre famílias. Nesses latifúndios a casa forte era o sinal evidente do clima social reinante. E, dentro desse clima, moços valentes desempenhavam um papel que não pode ser desprezado. (CARVALHO, 1948 *apud* FACÓ, 1956, p. 258)

O trecho escolhido por Boanerges Facó ilustra, contextualmente, as muitas histórias sanguinárias, não raro culminando na morte de um dos envolvidos, que marcam em grande medida as trajetórias das figuras masculinas dos Queiroz. É assim, por exemplo, que os irmãos Manuel Pereira de Queiroz e Francisco Pereira de Queiroz, “moço rico, destemido e voluntarioso” (FACÓ, 1956, p. 256), a quem Jáder se refere no texto, saem estrada afora fazendo valer a lei que criam por imposição da força e da violência.

Agitações políticas, como as que Jáder de Carvalho faz reviver no artigo, atravessam os tempos na genealogia dos Queiroz. Na investigação que empreende, Boanerges Facó reporta-se a José de Queiroz Lima, “moço vindo da Serra Azul e do Curralinho, no Alto Sitiá” (FACÓ, 1962, p. 138) e a seus genros, Pedro de Queiroz Lima e João Aires da Silva Olival. Carimba as figuras como os “três notáveis heróis que lutaram em Santa Rosa, ao lado de Tristão Gonçalves, onde ficaram prisioneiros de Manuel Antônio de Amorim, chefe dos imperialistas” (FACÓ, 1962, p. 138). Aí evidencia a participação dos moços no confronto que colocaria em xeque, no Ceará, a Confederação do Equador<sup>12</sup>, do qual seu principal dirigente, Tristão Gonçalves, sairia assassinado.

O outro companheiro de José de Queiroz e de Pedro de Queiroz, João Aires da Silva Olival, tornou-se, por sua valentia e destemor, uma figura de lenda. Dizia-se que as balas não lhe penetravam no corpo devido a rezas fortes e que em momentos perigosos, de cujas dificuldades não poderia sair, transformava-se num pilão ou em qualquer outro objeto inanimado. Era bem um herói do “Orlando Furioso”, de Ludovico Ariosto. (FACÓ, 1962, p. 140)

Tal figura, que assume os contornos de lenda e personagem épico na descrição fornecida por Boanerges Facó, é o bisavô materno de Jáder de Carvalho. Algumas pistas, colhidas em sua produção literária e documental, estabelecem relações inequívocas entre o

---

<sup>12</sup> Movimento revolucionário republicano cujo objetivo era estabelecer a independência do Nordeste brasileiro. Segundo informa José Bonifácio de Sousa, “tiveram os Queirozes participação ativa nos movimentos libertários que agitaram a Província nos primórdios da independência. Na expedição organizada contra Fidié, no Maranhão, lá estavam Antônio Francisco de Queiroz Barreira, Miguel de Queiroz Lima e outros. E na Revolução de 1824, foi talvez o grupo que maior confiança inspirou ao malgrado presidente Tristão Gonçalves, e soube honrá-la a preço de ingentes sacrifícios” (SOUSA, 1997, p. 39).

escritor e seu antepassado. Na entrevista a Nirez aqui já citada, muito embora refira-se a ele como seu avô, Jáder traz à tona justamente o quadro familiar recomposto por Boanerges Facó.

O meu avô era cristão novo. A sua família foi muito perseguida em Portugal, de maneira que ele fugiu para o Brasil numa embarcação, com 16 anos de idade. Desembarcou no Maranhão e depois veio para o Ceará, exatamente Quixadá, onde se casou com minha avó que pertencia à família Queiroz que morava em terras de Quixadá e Quixeramobim. (CARVALHO, 1987, p. 49)

A menção à avó (na verdade, bisavó), filha de José de Queiroz Lima, confirma o equívoco. Trata-se de um deslize que um poema (“Em louvor de Quixeramobim”, de *Água da fonte*) deixa evidente: “Olha: no chão que os teus gados pisam com ternura/ andou o pé revolucionário do meu *bisavô* João Aires de Olival” (CARVALHO, 1966, p. 88, grifo nosso). Nesse poema, não por coincidência, o bisavô surge no rastro de uma investigação que projeta personagens e episódios caros à história da cidade e ao poeta:

Quixeramobim, fala do coronel Jucá!  
Fala de Antônio Conselheiro!  
Conta-me a história do infeliz Luciano e da formosa Joana  
Batista Pereira.

(Aqui no ouvido, Quixeramobim:  
Estavas no teu juízo quando, no papel, destronaste o  
Imperador Pedro I e, de uma penada só, derrubaste a  
dinastia bragantina e proclamaste a República em 24?)  
(CARVALHO, 1966, p. 87-88)

A genealogia dos Queiroz novamente se deixa entrever no poema quando assim diz o poeta: “Ah, Quixeramobim, eu adivinho poesia/ [...] / Até nos despachos – ásperos e rápidos despachos –/ do juiz leigo, meu parente capitão Antônio Duarte de/ Queirós!” (CARVALHO, 1966, p. 89). “O juiz leigo Antônio Duarte”, conta José Bonifácio de Sousa, “celebrizou pelo ‘assasínio judiciário’ de Estácio José da Gama. Foi, entretanto, o primeiro fazendeiro quixadaense a libertar seus escravos, muito antes da emancipação total na Província [...]” (SOUSA, 1997, p. 39).

#### 4.1 Serra do Estêvão, paisagem original

No contínuo dessa história familiar secular, cruzam-se Brasil e Portugal, metrópole e colônia, mar e sertão. No sertão – em Quixadá –, os Queiroz<sup>13</sup> se estabelecem, mas não sem

<sup>13</sup> Queiroz e Lemos foram “as famílias que predominaram na formação dos *gens* quixadaense” (SOUSA, 1997, p. 36). “Vindas por caminhos diferentes”, explica Sousa, “fixaram-se quase ao mesmo tempo, na segunda metade da

sofrerem as vicissitudes que, na época de sua chegada, poderiam marcar fatalmente o destino de homens e mulheres, impossibilitados de driblarem as condições impostas pela geografia da região.

Na sua história de Quixadá, José Bonifácio de Sousa (1997) irá chamar a atenção para esse aspecto, hoje atenuado em razão dos novos tempos, mas definidor do arranjo demográfico pelo menos nos três últimos séculos. Assim, de 1790 a 1915, período em que passa de fazenda à município, Quixadá passa ao largo de um desenvolvimento regular e crescente devido à região ser alvo frequente do ciclo das secas<sup>14</sup> e de suas intempéries, “[que] marcavam de imprevisto bruscas paradas e retrocessos no seu crescimento” (SOUSA, 1997, p. 15). Sobretudo por esse motivo, na avaliação do historiador,

Quixadá não conheceu a evolução tranquila, gizada em linha reta-ascendente ou em espiral que se arroja para o infinito. No plano do tempo, pareceu caminhar sempre por essas estradas sertanejas, ásperas, tortuosas, abertas entre pedras e espinhos, cheias de altos e baixos, que obrigam a rodeios e paradas. Bem diferente, portanto, do crescimento vertiginoso de outros núcleos “fatalmente condenados ao progresso”, onde as realizações se atropelam com os dias.

Sintetizemos. A crônica dessa terra é, a bem dizer, o resumo da história de todo o vasto sertão em que se acha encravada. Não há, talvez, outro município no Ceará que melhor caracterize a formação da sociedade rural, desde a fase inicial da ocupação até o atual estágio de desenvolvimento.

Essa analogia no plano histórico e sociológico é resultante de outra, no plano fisiográfico. Conhecer a natureza quixadaense é dar por vista a de todo o Nordeste, de tal modo ali convergem e se concretizam nas particularidades e vicissitudes da região. (SOUSA, 1997, p. 19)

Cansados de serem vencidos pela força das secas, os Queiroz resolvem subir a serra (de Baturité), onde encontram refúgio e salvação, dadas as condições ideais para que a vida corresse na amenidade dos dias. “O primeiro sertanejo que teve a intuição dessa vocação salvadora da serra”, assinala Sousa, “foi o capitão Antonio Pereira de Queiroz, dono da fazenda Curralinho” (SOUSA, 1997, p. 66).

Aperreado com a seca de 1825, já não sabendo mais o que fazer para abrigar a sua gente e salvar o seu gado, [Antonio Pereira de Queiroz] conseguiu um trato inexplorado às margens do [rio] Aracoiaba, à meia encosta da montanha, e aí achou o

---

era de setecentos, às margens do [rio] Sitiá – eixo de colonização da zona – entregando-se à exploração a terra pelo pastoreio e depois também pela lavoura” (SOUSA, 1997, p. 36). Os Queiroz, particularmente, “[f]oram os sesmeiros iniciais das terras adjacentes à serra Azul e seus domínios abraçaram, pouco a pouco, as ribeiras do [rio] Pirangi e [do rio] Choró” (SOUSA, 1997, p. 38).

<sup>14</sup> José Bonifácio de Sousa refere as secas dos anos 1790, 1825, 1877, 1888 e 1915. No imaginário local e no saber que informa a história do Ceará e do Nordeste, esses episódios dramáticos são evocados com frequência, tanto por marcarem a identidade de um lugar e de um povo, forjados sob a luz inclemente do Sol, quanto por servirem de matéria de obras literárias. A literatura cearense, por exemplo, por muito tempo mostrou-se pródiga em fornecer títulos sobre o tema, seja para afirmá-lo (*O Quinze*, de Rachel de Queiroz) ou contorná-lo (*Aves de arribação*, de Antônio Sales). Sobre essas questões, ver Landim (2005) e Ipiranga (2007).

refúgio e os recursos procurados. Sobrevindo o inverno, voltou com sua gente e seu gado para o sertão do Sitiá, onde águas abundantes haviam operado a ressurreição da vida rural. (SOUSA, 1997, p. 66)

Na rota que descobrem, os Queiroz intensificam o trânsito entre sertão e serra, de modo a redesenhar a região que passam a habitar durante as secas, inclusive duplicando a população. Assim se entrelaçaram famílias serranas e sertanejas<sup>15</sup>. Não se admira que o saldo positivo da ocupação das regiões de clima ameno possa ter estimulado a procura de outras paragens benfazejas, como a Serra do Estevão, não tão distante dali.

Essa serra [comenta Jáder de Carvalho, em entrevista a Nirez] [...] é considerada o melhor clima do mundo, principalmente para tuberculosos. Agora, por que nasci na Serra do Estevão? Nasci por isso. O meu avô materno era dono de quase toda a Serra, tanto assim que o Convento dos Beneditinos[,] que também tinha um grande colégio com repercussão na vida intelectual do Ceará, foi construído em terras em parte cedidas pelo meu avô materno. (CARVALHO, 1987, p. 49)

A história da Serra do Estêvão se confunde com a história da instalação, no Ceará, da Ordem de São Bento. Em agosto de 1889, na tentativa de resguardar sua comunidade da onda nefasta da peste amarela “e [de] outras moléstias endêmicas” (SOUSA, 1997, p. 241), que andavam sentenciando à morte muitos dos monges beneditinos em Olinda (PE)<sup>16</sup>, Dom Gerardo van Caleon, abade do mosteiro daquela cidade, chega a Fortaleza com o objetivo de empreender uma expedição ao Crato, onde esperava encontrar instalações mais acolhedoras, em que fundaria um novo convento da Ordem.

Na companhia de seu secretário, o jovem Maurício Prickzy, à época com 19 anos, viaja pelo interior do estado até chegar a Quixadá, de onde prosseguiria a cavalo até o destino almejado. No percurso, cai do animal, tendo então que retornar àquela cidade. A queda do abade mudaria em definitivo o destino dos monges e de homens e mulheres que, distantes dali a 22 km, habitavam uma vilinha serrana engolida pelo tempo: “Na serra do Estêvão – diz um brocardo local – ‘a gente vive do clima e morre de velho’” (SOUSA, 1997, p. 240).

Tendo permanecido em Quixadá para recuperar-se do acidente, Dom Gerardo, na condição de autoridade religiosa e figura estrangeira (era belga), logo receberia tratamento

<sup>15</sup> Desse entrelaçamento, participaram as famílias Queiroz, Marinho, Alves de Lima, Caracas e Linhares (SOUSA, 1997).

<sup>16</sup> Barão de Studart, em *Estrangeiros e Ceará* (1918), fornece detalhes desse episódio: “A fundação Beneditina no Ceará é um fruto de sofrimento e dor. A morte do irmão converso José Sonntag a 5 de junho de 1889 por febre amarela no Mosteiro de Olinda e em seguida as do Pe. Paulo Derix, um dos da primeira caravana chegada ao Brasil em agosto de 1895, e de D. Feuillen Lhermitte, prior do Mosteiro e homem eminente, causaram a dispersão da Comunidade. Cessada a tormenta e de novo reunidos no Colegial de Olinda os membros da família Beneditina, foi a primeira preocupação, o principal cuidado do Abade D. Gerard a escolha de um local longe da orla marítima e fora por sua situação dos assaltos da febre amarela” (STUDART, 1918, p. 48-49).

distinto por parte dos filhos ilustres daquela terra, animados por sua presença, que, nos recônditos do sertão, em tudo exalava novidade. Assim conta José Bonifácio de Sousa:

Sabedores dessa deliberação [a cessão do prédio de um colégio em Guaramiranga para hospedar a comitiva de monges que viriam de Pernambuco, enquanto o local do novo mosteiro seguia inexato], alguns cidadãos de Quixadá, estimulados pelo Padre [Antônio] Lúcio [Ferreira], acharam que não deviam perder tão feliz oportunidade para conseguirem a localização da fundação projetada, em terra quixadaense. Sugeriram a Dom Gerardo uma visita à serra do Estêvão, lugar que, por seu clima ameno e salubre, lhes parecia satisfazer os requisitos estabelecidos para a permanência segura e tranquila dos monges beneditinos. (SOUSA, 1997, p. 242)

Acertada a instalação do convento na Serra do Estêvão, acelerada pela doação de terras dos próprios quixadaenses, o abade tratou de transferir seus clérigos e noviços para a serra de Baturité, onde permaneceram por nove meses. Sob a direção do padre-mestre Dom Majolo Caigne, a primeira comunidade beneditina (composta por um belga e oito alemães)<sup>17</sup>, que aqui havia aportado em outubro de 1889, chegava à Serra do Estêvão em junho de 1900. Logo reuniram esforços para construir alojamentos provisórios e organizar uma lavoura de subsistência.

O próximo passo era levantar o mosteiro, que começou a tomar forma em 1901, informa Sousa (1997). Dom Majolo, no entanto, convocado pelo abade em Olinda, não veria tal plano concretizado. Tendo deixado a Serra do Estêvão para atuar no mosteiro do Rio de Janeiro<sup>18</sup>, ficou em seu lugar o então juvenzinho que acompanhava Dom Gerardo na viagem de seu acidente, dois anos atrás. Reconhecido por suas qualidades (era poliglota, artista e pensador), Dom Maurício<sup>19</sup>, por seu turno, deixaria marcas até hoje perenes no povoado serrano

<sup>17</sup> Além de Dom Majolo e Dom Macário Schmidt, que administrava os bens da abadia, eram eles: Bonifácio Jansen, Plácido Broders, Lucas Heuser, João Peters, Gregório Hertzog, Bento de Souza Leão Faro e André Riehle (SOUSA, 1997).

<sup>18</sup> É digna de nota a passagem que Dom Majolo, em suas memórias, dedica à sua estadia na Serra: “Amava o Ceará e seu povo com todo o ardor de minha alma de missionário; amava, sobretudo, aquela serra, onde tanto havia sofrido; e, especialmente, esse mosteiro, por sua solidão, seu clima, sua encantadora localização. Não desejava viver senão ali. Longe das grandes cidades, no alto de tão bela montanha, como o Cassino do nosso pai São Bento, Santa Cruz [nome do sítio que primeiro abrigou os beneditinos] tornara-se para mim uma fundação ideal, apesar dos percalços que tivemos de enfrentar nos primórdios de sua existência. Mas a voz da Autoridade se fizera ouvir. Preparei a mala, e naquela noite de São João, por entre as alegres fogueiras que pontilhavam de luz a vasta planície de Quixadá, desci a montanha e despedi-me do Ceará bem-amado, terra que não me seria dado rever nunca mais” (SOUSA, 1997, p. 251).

<sup>19</sup> Leia-se, sumariamente, a biografia de Dom Maurício recomposta por José Bonifácio de Sousa: “Nascido em 1870, na longínqua Boêmia, [...] Adalberto, seu nome de batismo, ficara órfão de mãe aos quatro anos de idade, e de pai, aos sete anos. [...] Aos 19 anos, batia às portas do Mosteiro Beneditino de Praga, onde foi acolhido com certa hesitação, pois não havia concluído o curso de humanidades. [...] Em abril de 1895 foi admitido como noviço, recebendo então o nome de Maurício, e, um ano depois, fazia sua profissão monástica. Em 1898 foi mandado para o Brasil, antes mesmo de terminar os estudos teológicos, a fim de ajudar seus confrades do mosteiro alemão de Beuron na restauração da vida beneditina nos cenóbios brasileiros, naquela época em plena decadência” (SOUSA, 1997, p. 252-253).

de Quixadá, que leva seu nome<sup>20</sup>. “Nomeado Prior de Santa Cruz, a 14 de maio de 1901, coube-lhe a tarefa de consolidar aquela fundação, ainda no nascedouro, e preparar-lhe as instalações definitivas, iniciadas por seu ilustre antecessor.” (SOUSA, 1997, p. 254) “Trouxera também”, prossegue o historiador, “o encargo de construir, ao lado do mosteiro [nomeado Mosteiro de Santa Cruz], um prédio destinado a um colégio para meninos [o Colégio São José<sup>21</sup>]” (SOUSA, 1997, p. 254).

Em suma, incumbia ao novo Prior empregar invulgar capacidade de planejamento e comando para construir, no menor espaço de tempo, nada menos de quatro mil metros quadrados de área coberta (compreendendo o mosteiro, a capela e o colégio), no alto de uma montanha de difícil acesso, até onde quase todo material de construção deveria chegar em costa de animal. Cal, cimento, ladrilhos, canos e vergalhões de ferro, tudo isso haveria de vir de fora e de longe, via Quixadá, inclusive a mão de obra qualificada para dar execução à planta. (SOUSA, 1997, p. 254)

O mosteiro seria inaugurado, com festa, em 24 de dezembro de 1906<sup>22</sup>. Cumprida a sua missão mais ambiciosa, em 13 janeiro de 1907 – 19 dias depois, portanto –, Dom Maurício viria a falecer aos 36 anos de idade, vítima da febre amarela, que afinal teria chegado a Quixadá<sup>23</sup>. Novas administrações se sucederam até que em 1915, ano de terrível seca, concluiu-se que a manutenção do Mosteiro de Santa Cruz, “[que] chegou a abrigar uma comunidade de mais de vinte monges, sem incluir nesse cômputo os oblatos da Escola de formação” (SOUSA,

---

<sup>20</sup> “Em 1948, o deputado Waldemar de Alcântara apresentou à Assembleia estadual proposição no sentido de dar àquela vila o nome de Dom Maurício, em homenagem ao monge beneditino [...]. A proposta foi convertida em lei, passando desde então o povoado serrano a perpetuar a memória daquele benemérito missionário”, explica Sousa (1997, p. 239). Apesar da lei, que impunha novo topônimo, até hoje não há consenso entre os próprios moradores, que referem “Serra do Estêvão” e “Dom Maurício” alternada e indefinidamente.

<sup>21</sup> “No magnífico edifício anexo ao Mosteiro da Santa Cruz, inaugurado a 3 de março de 1903, funcionou por espaço de sete anos, até 1909, o Ginásio São José, um dos mais famosos centros de instrução secundária que já possuiu o Ceará e talvez todo o norte do País”, ressalta Sousa (1997, p. 261). Complementa o autor: “Equiparado ao Ginásio Nacional, o ‘Colégio da Serra’, como era geralmente conhecido, chegou a matricular centenas de alunos oriundos não só do Ceará, como dos demais Estados do Norte e Nordeste, até onde chegava a sua fama” (SOUSA, 1997, p. 265). Nele, estudaram, por exemplo, o historiador Dolor Barreira e o escritor Leonardo Mota. Sobre a participação da Igreja Católica na educação em Quixadá, ver Abrantes (2017).

<sup>22</sup> Cabe a observação sobre as instalações do mosteiro: “De acordo com o espírito da Regra, eram construções sóbrias e austeras mas acolhedoras, com suas dependências (celas, sala capitular, biblioteca, claustros, etc.) banhadas com a luz e o ar da montanha, sem o aspecto soturno dos velhos conventos barrocos, pois abriam um vasto jardim que era, ao mesmo tempo, horta e pomar” (SOUSA, 1997, p. 70).

<sup>23</sup> O autor de *Quixadá & Serra do Estêvão* (1997) assim esclarece as circunstâncias da morte do prior: “Poucos dias antes [de sua morte], [Dom Maurício] descera a Quixadá, a convite do vigário, para prestar assistência religiosa a um técnico estrangeiro, empregado em serviços do governo, o qual, mal chegado ao lugar, adoecera gravemente e veio a falecer de moléstia diagnosticada como febre amarela. [...] De regresso ao seu cenóbio, entregou-se aos encargos da administração, mas não tardou que, certo dia, se sentisse doente, apresentando desde logo a pressaga sintomatologia da insidiosa moléstia. Ele mesmo diagnosticou-se e previu o desenlace iminente, tendo, no leito de moribundo, redigido o seguinte telegrama para Dom Gerardo, no Rio de Janeiro: ‘Estou com febre amarela. Peço perdão [a] faltas e benção paternal. Comunidade boa. Adeus. Maurício’” (SOUSA, 1997, p. 255).

1997, p. 258), já não era mais viável. Em setembro daquele ano, a comunidade beneditina serrana, desfeita, dividiu-se entre conventos, como o da Bahia, espalhados pelo país.

Hoje, a Serra do Estêvão mantém conservada a aura de vila pacata que aqui encontraram os monges beneditinos, mais de um século atrás. Seu clima ameno, recomendado à época para o tratamento dos enfermos, iria lhe trazer fama duradoura, traço que a singulariza, nas palavras de José Bonifácio de Sousa, “como um oásis em meio à aspereza dos sertões que a contornam” (SOUSA, 1997, p. 237). Conta-se que por lá passou um jovem Manuel Bandeira, quando peregrinava em busca do clima serrano que lhe amenizaria a tuberculose<sup>24</sup>. “Quando as suas peculiaridades naturais chegaram a ser conhecidas e divulgadas”, diz o historiador,

a Serra passou a ser recomendada, até mesmo por clínicos de renome, aos portadores de afecções pulmonares. Era na época em que as virtudes dos climas salubres e estáveis ainda suplantavam os recursos terapêuticos aplicáveis a tais moléstias. Quem não pudesse estagiar nos sanatórios da Suíça ou mesmo em Campos do Jordão ou Garanhuns, que procurasse a serra quixadaense, onde curas milagrosas já se haviam registrado. [...] As casas do modesto povoado e dos sítios circunvizinhos eram disputadas por doentes vindos de toda parte, até mesmo de outros Estados, principalmente do extremo Norte. (SOUSA, 1997, p. 240)

Rachel de Queiroz, em crônica de *O Cruzeiro*<sup>25</sup>, também teria algo a dizer sobre a “serra modesta do sertão” (QUEIROZ, 1949, p. 114).

Tem muita espécie de serra nesse mundo, Andes, Alpes e Himalaias; as que são cadeias de montanhas, as que são simples ajuntamento de morros; há aquelas que eu nunca vi, guardando nos cimos as neves eternas, há as serras de Minas, onde ainda hoje se cava ouro, há a serra dos cafezais, no Nordeste, e a Serra do Roncador, que é o reinado dos Xavantes. E há também as serras sertanejas, discretas e pobres, quase sem nome nas geografias, – alguns poucos morros cônicos emendados pela base, sem cachoeiras nem roçados de café, sem grandes frios, sem precipícios de fazer medo, com ladeiras modestas que a gente galga, quase todas mal abrandando o galope dos cavalos. Pois é de uma destas últimas serras que estou falando, a que se chama Serra do Estêvão, ou Serra de Santo Estêvão, ao lado da cidade de Quixadá. (QUEIROZ, 1949, p. 114)

<sup>24</sup> Sânzio de Azevedo assim particulariza as circunstâncias da viagem do escritor por terras cearenses: “Para sermos mais precisos, foi ele [o soneto “Verdes Mares”] composto aqui mesmo no Ceará, no ano de 1908, quando o jovem Manuel Carneiro de Souza Bandeira Filho, peregrinando à procura de climas serranos, veio conhecer Maranguape e Quixeramobim. Era a tuberculose, a terrível enfermidade que, contraída em fins de 1904, tirando Bandeira da Escola Politécnica, onde pretendia cursar Arquitetura, haveria de acompanhá-lo pela vida afora” (AZEVEDO, 1978, p. 61). Sobre a passagem de Manuel Bandeira pelo Ceará, ver também Lima (2008). A esse tempo, Manuel Bandeira dedicou a crônica “Saudades de Quixeramobim”, publicada originalmente em *Flauta de papel* (1957). Também referente a esse período é o poema “Peregrinação cearense”, que Carlos Drummond de Andrade endereçou ao amigo: “Maranguape, Uruquê, Quixeramobim:/ onde irá parar tua jovem tuberculose?/ Sem uma queixa, sem um pobre-de-mim,/ a poesia ensaia suas metamorfoses.” (DRUMMOND, 2017, p. 155).

<sup>25</sup> “Serra do Estêvão”, *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, p. 114, 27 ago. 1949. Rachel de Queiroz foi colaboradora assídua da referida revista, mantendo por anos a “Última página”, coluna que ajudou a consagrá-la na crônica. Sobre a atuação de Rachel nesse período, ver Cunha (2011).



Remetendo-se ao período da presença da comunidade beneditina naquele recanto montanhoso – “o seu tempo de glória” –, a cronista recupera “a famosa cerveja branca de D. Maurício, a missa de domingo cantada pelos monges na igreja grande e clara, de nave alta, o seu colégio de meninos ricos” (QUEIROZ, 1949, p. 114). Revive assim as cenas do dia a dia do povoado, num “cenário de um idílio antigo cuja saudade todos nós trazemos escondida no coração” (QUEIROZ, 1949, p. 114). É particularmente interessante a descrição que faz da Serra como bálsamo para as questões que perturbam o ser.

Quem tiver pecados, quem tiver tristezas, ou vontade de ficar só, ou dar um pouco de atenção à pobre alma, ou um pouco de limpeza e repouso ao pobre corpo, tome o trem na Fortaleza ou vá de avião até Quixadá. Lá, peça condução para a Serra, peça um quarto à Superiora<sup>26</sup>. Veja o sol nascer por cima dos Serrotes<sup>27</sup>, desça as veredas da serra, almoce a alface das Irmãs, merende as frutas do pomar. Leia, ou reze, ou chore, ou recite versos, ou simplesmente-se sinta-se em paz. E dentro de poucos dias há de sentir que, embora nascido homem, você não é simples bruto; que a vida é uma coisa em si, tendo nela própria seu fim e a sua explicação, e não um mero pretexto para luta e crueldade. E que o nascer e o morrer afinal não representam apenas o começo e o final de uma fase torpe – podem ser os limites de um entreato de calma e silêncio, de ternura e meditação. (QUEIROZ, 1949, p. 114)

Procurado por Manuel Bandeira, exaltado por Rachel de Queiroz, esse lugar de passado religioso, vocação curativa e, pode-se dizer, pendor literário imprime-se de maneira definitiva na trajetória de Jäder de Carvalho, tendo lá nascido, no início do século passado. Os anos imediatamente anteriores ao seu nascimento estão marcados pela chegada dos beneditinos à Serra, cujo povoado se desenvolveu à sombra do convento. Animados pela presença estrangeira naquela vila de traçado simples (duas ruas e uma capela<sup>28</sup>), não tardou para que os moradores locais doassem parte de suas próprias terras à Ordem de São Bento, na esperança de verem alterado o “ambiente primitivo onde os pobres viv[iam] do clima e onde tudo estava por fazer, em termos de implantação” (SOUSA, 1997, p. 245).

Assim foram doados os sítios Santa Cruz, Ladeira, Boa Vista e Crateús. Este último pertencia a Thiago Moreira da Cunha e Ergina Moreira da Cunha. Conforme se lê nos documentos de instalação da Ordem na Serra<sup>29</sup>, de 18 de setembro de 1899, o casal resolve doar “uma parte de duzentas braças” do “Sítio Cratheus” à “Congregação Brasileira da Ordem de S.

<sup>26</sup> Após a partida dos beneditinos, em 1915, as instalações do Ginásio São José ficaram em desuso, quando, em 1930, passaram a funcionar como hospedaria e casa de repouso, sob a direção da Congregação das Missionárias da Imaculada Conceição (SOUSA, 1997).

<sup>27</sup> O mesmo que monólito, formação rochosa característica da paisagem quixadaense.

<sup>28</sup> A capela de SantAna, que, segundo Sousa (1997), existia no povoado desde 1860.

<sup>29</sup> Ver *Revista do Instituto do Ceará* (1902).

Bento para servir de patrimonio do Mosteiro, que a mesma Congregação pretende fundar sobre aquella serra”<sup>30</sup>. Leia-se, na íntegra, o que diz a escritura<sup>31</sup>:

Dizemos nós abaixo assignados, Thiago Moreira da Cunha e minha mulher D. E[r]gina Moreira da Cunha, que entre os bens que possuímos de mansa e pacifica posse, somos tambem senhores e possuidores de um sitio sobre a serra de santo Estevão, denominado Cratheus, foreiro a Camara Municipal de Quixadá, do qual desmembramos uma parte de duzentas braças de frente, ou os que realmente se acharem, e juntos correspondentes, dentro das seguintes extremas: pelo lado do Nascente, com terra de D. Clementina de Menezes, pelo lado do Ponte com terra de Manoel Felix da Silva, João Alves Ferreira e Antonio Pinheiro de Lima, pelo lado do Norte com terra do mesmo Antonio Pinheiro de Lima, e pelo lado do Sul com terra do Major Arcelino Barreira.

Dita parte do referido nosso Sitio Cratheus, assim descripto e extremado, temos resolvido fazer doação delle como pelo presente doado temos a Congregação Brasileira da Ordem de S. Bento para servir de patrimonio do Mosteiro, que a mesma Congregação pretende fundar sobre aquella serra. Portanto, renunciando, como por este acto renunciemos, o dominio util e quaesquer outros direitos que temos nessa já mencionada parte desmembrada daquelle nosso sitio, transferimos estes mesmos direitos a donataria, na pessoa de seu Vigario Geral Reverendo D. Abbade Geraldo van Caloen, para que a mesma donataria a possua e desfrute o terreno ora doado, como seu que fica sendo de hoje para sempre; e quando não tome posse desde já, nós a tomámos em seu nome, e protestamos haver esta doação por boa, firma e valiosa em todo tempo.

E para servir-lhe de titulo passamos a presente, que vai escripta do proprio punho do primeiro de nós e por ambos assignada em presença de duas testemunhas fradissimas. Cidade de Quixadá, 18 de Setembro de 1899 – Thiago Moreira da Cunha. Eiginia Moreira da Cunha.

Dois anos mais tarde, quando a construção do mosteiro começaria a despontar, Thiago e Ergina seriam avós. Foi assim que, às vésperas da virada do ano, em 29 de dezembro de 1901, a filha do casal, Rita<sup>32</sup>, casada com Adolfo<sup>33</sup>, daria à luz o menino Jáder. Ganhava então a Serra do Estêvão mais um habitante, tendo vindo ao mundo em uma casinha “bem escondida na distância”, “numa ruazinha sem nome e apenas com duas esquinas” (CARVALHO, 1981b, p. 129). A chegada de uma criança ao povoado era em tudo alvissareira para a comunidade religiosa que ali começava a se estabelecer, certa de que só poderia ser bom sinal ela ter nascido quando a fé do lugar se renovava.

Dali a um mês, na capela do mosteiro, Dom Maurício batizaria o recém-nascido, de quem ganhou “esse prenome, bonito para minha mãe e antipático e feio para o resto do mundo” (CARVALHO, 1981b, p. 141), confidenciaria mais tarde<sup>34</sup> (Jáder, conta o próprio escritor<sup>35</sup>, era o nome de um bispo de Mogúncia, cidade alemã). O nome virou moeda de troca. Pela

<sup>30</sup> Optou-se por transcrever a grafia original do documento.

<sup>31</sup> Transcrita pelo Barão de Studart na *Revista do Instituto do Ceará* (1902).

<sup>32</sup> Rita Moreira de Carvalho (1883-1919).

<sup>33</sup> Francisco Adolfo de Carvalho (1875-1947).

<sup>34</sup> Na crônica “A fazenda”, em *Meu passo na rua alheia* (1981).

<sup>35</sup> “Serra do Estêvão”, *Diário do Povo*, Fortaleza, 24 nov. 1948.

vontade do prior, chamou-se Jáder. Pelos desígnios da vida, acompanhou-lhe o nome da “figura corada e simpática” (CARVALHO, 1997, p. 292) que liderava o núcleo beneditino na serra.

Dom Maurício... Cresci ouvindo esse nome. Minha irmã o pronunciava com respeito e saudade. Uma dia, ela me disse:

– Ele era um frade beneditino muito amigo do seu avô e de nós todos. Foi quem o batizou. Seu nome foi dado por ele. Jáder, se não me engano, era um bispo alemão.

Dom Maurício – soube-o depois – foi um dos monges fundadores do Mosteiro de Santa Cruz, na Serra do Estêvão, onde nasci. Era poliglota, pintor e arquiteto. Morreu de febre amarela em 1906. Minhas tias Adélia e Mariquinha o recordavam com pena. Por intermédio de minha avó Ergina, que o chorou por toda a vida, vim a saber que negro não morre de febre amarela:

– Um preto dormia ao pé da cama de Dom Maurício e não teve nem dor de cabeça! (CARVALHO, 1981b, p. 67)

Nas “ruas simples e brancas do povoado, que a névoa encobre todas as manhãs, como se quisesse guardá-las do frio e do sol” (CARVALHO, 1997, p. 293), frades, padres e suas batinas esvoaçantes cruzavam os caminhos do menino e marcavam-lhe os ouvidos com seus nomes em nada semelhantes aos dos moradores dali (lavradores e pequenos proprietários rurais), espanto que o cruzamento entre geografias e línguas distantes ajudava a explicar: “Em casa dos meus pais, como na dos meus avós, continuava a escutar nomes sonoros e prestigiosos: Dom Maurício, Dom Majolo, Dom Vanderilo...” (CARVALHO, 1981b, p. 67).

A vida então seguia com poucos atropelos. Em um deles, Jáder, aos dois anos, “quase [havia] morr[ido] de um tumor no peito” (CARVALHO, 1981b, p. 68), sabe-se pela voz espantada de sua mãe. Como saldo do susto, ficou-lhe uma diferença anatômica: o peito esquerdo era mais baixo do que o direito. A ordem, no entanto, se desfazia para tão logo tanger os dias que ali se passavam, rotineiros e pacatos. Enquanto os habitantes da vila<sup>36</sup>, organizada segundo a herança de uma mentalidade colonial, viviam para o trabalho e para a fé, o menino, “o mais leve dos pássaros nas ruas” (CARVALHO, 1973, p. 79), dava seus passeios no sítio do avô Thiago.

Ali era a casa-grande do *Silvestre*. Baixa, comprida e feia. A condessa do pátio ainda vergava sob o peso das frutas. À sua sombra, as galinhas, os perus e os capotes ainda ciscavam o chão varrido. Na frente da casa, o jardim se desmanchava em rosas e bugaris, à espera das mãos devotas de minhas tias Adélia e Mariquinha. (CARVALHO, 1997, p. 292, grifo do autor)

As crianças talvez fossem poucas, tendo ali apenas a presença dos meninos do colégio da serra, que viviam em regime de internato e voltavam para suas casas, na capital dos seus estados de origem, tão logo as férias se anunciassem. Fora do mundo dos adultos, de que

<sup>36</sup> Até a década de 1950, a população não ultrapassou a marca de 350 habitantes (SOUSA, 1997).

participava somente para receber “ordens severas” (CARVALHO, 1973, p. 82) ou ouvir as “histórias de fantasmas do outro mundo” (CARVALHO, 1973, p. 71) que a avó lhe contava, o pequeno Jáder encontrava companhia nos escravos de “passo quase livre” (CARVALHO, 1973, p. 82).

Herança de família, os cativos, “[r]udes, rosto queimado pelo sol” (CARVALHO, 1973, p. 82), ali permaneciam distantes da clausura da senzala. Diz-se que até queriam bem a sua senhora, Ergina. Sem saber, o menino é testemunha das marcas de um passado colonial que ainda sobrevive no início do século, flagrando a presença de homens e mulheres escravizados no dia a dia da fazenda. Com eles, nas tenras horas da manhã, bebe leite no curral. Mais tarde, até onde a vista alcança, observa o trabalho que realizam de sol a sol. Das cativas, escuta “[o] som de umas canções vindas do Congo” (CARVALHO, 1973, p. 34), que haviam embalado, tempos atrás, seu tio Miguel, por elas amamentado. Revezavam-se entre a função materna e a tecelagem, produzindo rendas brancas de doer nos olhos. Em uma das viagens de começo de ano que a família costuma fazer, também um escravo vai lhe acompanhar.

A família montada em burros e cavalos árdegos. Eu na lua de sela do Cesário, robusto filho de uma velha escrava de minha avó. O preto, alma cheia de astúcias, pregava-me sustos a cada passo. E, se não morri de medo nessas viagens, era porque macacos e saguis me tomavam conta da vista, com as diabruas e acrobacias no alto das umarizeiras e dos pau-darcos. (CARVALHO, 1997, p. 293)

Resta-lhe, pois, a cumplicidade silenciosa da natureza e dos bichos, que nada pedem em troca: “Amei bichos tristes,/ como o cachorro e as ovelhas. Conversava, horas e horas, com as vacas/ as ovelhas e o cachorro:/ eu com lábios, eles com os olhos./ Que olhos tristes os que me ouviam!/ E como me contavam a vida!/ E como me entendiam!” (CARVALHO, 2001, p. 97-98). A paisagem idílica da serra, no entanto, não faz da infância de Jáder completo eldorado. O menino cedo conheceria as dores do mundo, seus dissabores e enganos: a morte não tardaria em revelar sua face cruel.

Em toda minha vida – uma tempestade em muitas noites, mas sempre banhada de poesia – jamais esqueci aquela tarde da Serra do Estêvão e, dentro dela, aquele enterro de anjo ao som de um clarinete, de um “piston” e de um bombardino. [...] [O] sepultamento do mortinho foi uma cena que me comoveu para sempre, por sua imensa espiritualidade – espiritualidade que começava no esquife florido e abrangia aquela hora da tarde, o azul do céu, as boninas que enfeitavam os caminhos, a felicidade que nadava no rosto das pessoas grandes e nas faces rosadas dos meninos<sup>37</sup>. (CARVALHO, 1981b, p. 141)

<sup>37</sup> O episódio do séquito do mortinho está na base do poema “Enterro de anjo”, de *Água da fonte* (1966), aqui transcrito na íntegra: “O caixãozinho do anjo era levado por meninas alegres./ Os pais do pequenino morto choravam, mas de alegria:/ dali por diante teriam um advogado no céu,/ junto a Nossa Senhora/ e, muito

Já adulto, Jáder retomaria o episódio longínquo do menino morto para introduzir, em crônica<sup>38</sup>, a morte do Cego Aderaldo<sup>39</sup>. “Há de perguntar-me algum leitor”, diz, “Que semelhança poderá existir entre um enterro de anjo e os funerais do violeiro? Ora, meu hipotético leitor, a semelhança é grande e entra pelos olhos. A música não uniu as duas sepulturas?” (CARVALHO, 1981b, p. 142). O cronista prossegue elencando as afinidades entre as mortes. Desse exercício, ao concentrar-se na figura do poeta popular e na cidade onde nasceu (Crato), elabora, em poucas linhas, uma definição *sui generis* para o que se entende por lugar de origem: “Mas a terra mesmo da gente não é aquela onde nasce o corpo: é aquela onde nasce a alma” (CARVALHO, 1981b, p. 142). A sua teoria acerca do torrão natal é, em seguida, explicada:

A alma da gente, ó meu leitor, não brota logo com o corpo, entre as dores do parto: brota na hora em que o menino principia a entender, a sentir o mundo. O céu, o canto dos pássaros, o mugido de uma vaca, o relincho de um cavalo, o aboio de um vaqueiro, - em qualquer dessas cousas pode estar a raiz da alma. (CARVALHO, 1981b, p. 142)

Na esteira do pensamento que formula, ele mesmo, Jáder, nasceu duplamente na Serra do Estêvão, onde corpo e alma amalgamam-se e formam o menino, que de lá parte para conhecer e enfrentar o mundo. Tendo perdido de vista sua paisagem original ao longo dos anos, a ela sempre retornará por meio da poesia. Na sua produção mais amadurecida, dedica muitos poemas ao lugar, alguns deles com referência expressa já no título. Há, pelo menos, três poemas com essa indicação<sup>40</sup>. Em geral, trata-se de textos de pendor memorialista em que o eu poético,

---

especialmente, junto ao Menino-Jesus./ Vozes infantis subiam da serra, ganhavam o azul./ O canto das meninas alegres do cortejo mortuário/ voava com asas douradas./ que eu, menino também, distinguia, ah, como distinguia/ no azul do céu daquele verão!// No fim do pequenino cortejo iam três músicos./ Eles tocavam quando as meninas paravam de cantar./ Era um clarinete, um bombardino, um *piston*./ Lavradores deixavam o trabalho e se recolhiam àquela/ hora triste./ - àquela hora triste da tarde, que o canto alegre das/ meninas não conseguia alegrar./ Os lavradores, à passagem do caixãozinho azul, tiravam o/ chapéu-de-palha e persignavam-se./ Dois meninos, montados num boi, ficaram espiando./ Mulheres diziam: “Criança feliz! Já está com Nossa/ Senhora, pedindo pelo pai e pela mãe!”/ Uma delas suspirou: “Felicidade assim há muito não aparece lá em casa!”/ E o sino da igreja, o sino repicava./ Tudo era festivo naquela hora: as meninas, a música, o/ sino./ Só era mesmo triste a tarde, oh, a tarde de sempre da/ Serra do Estêvão!// Não! Também era triste o coração deste homem, então/ menino./ Ah, por que Nossa Senhora, ah, por que o Menino-Deus/ não se lembrava de mim?/ Por que um bando de meninas não me levava também por/ aquela estrada estreita, sinuosa, perfumada e florida,/ como todos os caminhos de minha serra?/ Minha mãe, apesar de moça e apesar de bela, andava tão/ silenciosa, tão amargurada.../ Eu, no céu, não haveria de enxugar as suas lágrimas?/ Não haveria de enxugar a sua voz e o seu coração molha-/dos de pranto,/ por causa dos namoros de meu pai?/ Mas não morri. E, vivo, nada pude fazer por ela...” (CARVALHO, 1966, p. 117-118).

<sup>38</sup> “Enterro de anjo”, de *Meu passo na rua alheia* (1981b).

<sup>39</sup> Famoso repentista, violeiro e poeta do Ceará.

<sup>40</sup> “Serra do Estêvão (I)” e “Serra do Estêvão (II)”, de *Água da fonte* (1966), e “Serra do Estêvão”, de *Delírio da solidão* (2001). Em outros poemas, o lugar de nascimento é referido sem indicação nominal, como em

ao voltar a pisar as ruínas sagradas do passado, deambula pelos espaços de sua infância vivida na serra e revisita, nostálgico, os membros da família que frequentemente evoca nesse exercício: os avós (Thiago, Ergina) e as tias (Adélia, Mariquinha). Ao lado do pai e da mãe<sup>41</sup> (jamais nomeados nos poemas), as menções ao núcleo familiar, com pequenas exceções, resumem-se a esse quadro. Assim, nos poemas em que Serra do Estêvão figura como motivo e pano de fundo, ressurgem as cenas que transcendem o reino da infância para acompanhar o menino, revivido pelo adulto, que nunca esqueceu o pátio das fazendas.

## 4.2 A mala do tio Campos

Em função dos muitos ofícios do pai, a infância de Jäder ganha desenho ziguezagueante ao passar dos anos. A família tem de se haver com as circunstâncias móveis de seu trabalho, motivo pelo qual estão em constante deslocamento. De cidade em cidade, o menino tem experiências que, vistas em retrospecto, dizem muito do adulto (e do poeta) em que mais tarde se transforma: “Cresci andando. Noutras palavras: fui menino em Quixadá, Senador Pompeu, Fortaleza e Iguatu” (CARVALHO, 1981b, p. 99). Assim, infância e errância formam um par determinante para compreender a vida do pequeno Jäder.

Da Serra do Estêvão, parte para Senador Pompeu, antiga Humaitá<sup>42</sup>, onde permanece até os nove anos de idade. A cidade era ponto terminal da Estrada de Ferro de Baturité, em cuja construção o pai trabalha como secretário. Essa paisagem será rememorada em um belo poema de *Rua da minha vida* (1981a), precisamente “Humaitá”:

A estação do trem. Uma igreja sem torre.  
Na Praça da Matriz nascia uma rua comprida,  
quase sem fim

---

“Ingratidão”, “Escravos”, “Fazenda antiga”, “Ficarei na janela...”, de *Temas eternos* (1973), e “A casa do avô Tiago”, de *Rua da minha vida* (1981a).

<sup>41</sup> Nos poemas, a imagem da mãe se rarefaz. Apenas em dois textos ela surge como referência direta: “Mãe”, de *Água da fonte* (1966) e “Mãe”, de *Delírio da solidão* (2001): “Eu já vi, com estes olhos acordados,/ a minha mãe/ sem rugas no rosto,/ cabelos pretos e longos:/ exatamente como no último retrato,/ dois anos antes de morrer.” (CARVALHO, 2001, p. 39).

<sup>42</sup> Em crônica (“Topônimos”), Jäder relembra sua passagem pela cidade por meio de uma fato curioso: a troca do tradicional topônimo, Humaitá, por outro, Senador Pompeu, que desagradou a população do lugar. Cito um trecho: “De sunga e cabelo cacheado foi que apareci na velha Humaitá, então ponto terminal da Estrada de Ferro de Baturité. Mas, na vistosa estação ferroviária, não figurava o nome da antiga e matuta cidade dos Contendas: no alto das paredes que ficam para o norte e para o sul, escrevera-se em relevo a nova denominação do lugar: SENADOR POMPEU. Já menino, vim a saber, por muitas bocas, inclusive a do meu pai, que o povo não havia gostado da mudança. E tanto não gostava que, vinte ou trinta anos depois, como pude pessoalmente observar, ninguém havia esquecido o primitivo topônimo. O senador Pompeu fora uma grande figura do Império no Ceará, na polícia da Província. Mas o povo não olvidara, jamais olvidaria o termo sonoro, a palavra musical, riscada dos documentos públicos e do mapa do Ceará, mas nunca do uso adjetivo gentílico! Parece que ainda escuto: ‘Eu sou humaitaense’. Quanta diferença, leitores, para este seco e sem graça ‘Sou de Senador Pompeu!’” (CARVALHO, 1981, p. 153).

O quase sem fim era o meu amado rio Banabuiú,  
ora dividido em poços,  
ora de margem a margem,  
num orgulho fluvial que me dava inveja.

Velho Humaitá!  
Sobre o rio,  
a ponte de ferro, vaidosa da sua grandeza.

Fui um menino gostador  
de sensações diferentes:  
ficava debaixo da ponte  
e deixava que passassem por cima,  
refolegantes,  
os trens de carga e de passageiros.  
Premonição:  
De menino em diante  
sempre fiquei por debaixo do mundo...  
(CARVALHO, 1981a, p. 58)

Vai morar no hotel do avô<sup>43</sup>, residência de certo inusitada e em tudo instigante para uma criança, que pode então, como a famosa personagem Eloise<sup>44</sup>, fazer do lugar um *playground* de muitas possibilidades para o seu estar no mundo. Desse período, a memória recupera exatamente as invenções arteiras, às vezes sem final feliz, da infância.

Em 1910 chegava ao Rio de Janeiro o Couraçado Minas Gerais. Esse Couraçado passou a figurar em todos os jornais e em todas as revistas do Brasil. E eu[,] que sempre fui um menino inquieto, resolvi construir um Couraçado Minas Gerais, e servindo de tábuas, de caixão de cerveja, construí um navio e fui atravessar a lagoa que ficava atrás do hotel do meu avô [...]. Acontece, porém, que no meio da lagoa, o Couraçado naufragou. E eu felizmente tive força para gritar muito alto, a ponto de chamar a atenção dos habitantes que viriam, e eles então, nadando, vieram e me salvaram. Mas eu não fiquei apenas nesse insucesso. Eu tinha uma espécie de vocação militar. Então construí uma fortaleza que ia ser destruída pelo meu canhão. O canhão era movido a carboreto; os primeiros ensaios deram certo, cheguei a abalar alguns tijolos da fortaleza, mas no âmbito dos tiros, a garrafa que continha o ar do carboreto explodiu e me feriu profundamente as pernas, feridas grandes[,] e não havia médicos para curá-las, não havia também antibióticos, de maneira que eu passei quase três meses de cama devido ao insucesso do meu canhão. (CARVALHO, 1987, p. 49-50)

Com vistas a uma carreira militar em nada promissora, a julgar por seus “insucessos”, surge no horizonte do marinheiro e soldado fracassado a perspectiva de desbravar outras fortalezas<sup>45</sup>. Na capital do estado, os Carvalho chegam em 1911, época em que o centro

<sup>43</sup> Não se sabe se materno ou paterno.

<sup>44</sup> Criada por Kay Thompson e ilustrada por Hilary Knigh, Eloise popularizou-se na década de 1950 (precisamente, em 1955), tendo o livro, de título homônimo, vendido 150 mil cópias nos Estados Unidos, até dois anos após sua publicação. Na história, a priori não destinada ao público infantil, uma garotinha de seis anos vive no luxuoso hotel Plaza, em Nova York, com sua babá, o cachorro Weenie e a tartaruga Skipperdee.

<sup>45</sup> A vocação militar novamente se manifestaria em 1920, quando tenta ingressar na Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro, conforme explica Angela Barros Leal: “De qualquer modo o plano não chega a se concretizar e problemas com professor de Matemática forçam o aluno a desligar-se do curso e retornar à vida civil” (BARROS LEAL, 2000, p. 23-24).

da cidade vive seus dias de glória. Fortaleza começa a calçar chinelas e ter a alma formada, embora ao poeta, tendo desfeito o vínculo com a velha Humaitá para novamente pôr-se em viagem, não ocorra a mesma impressão: “Em menino, fui árvore mudada/ dos meus campos de ovelhas sem pastor/ e de uma aldeia de mulheres tristes/ para as ruas sem alma de cidade” (CARVALHO, 1973, p. 27).

Insuflada pelos ares da *belle époque* europeia, a capital passa por transformações que redesenham, não sem paradoxo, sua paisagem arquitetônica e social. Por aqui já circulavam automóveis (o primeiro tendo chegado em 1909) e bondes elétricos (1912), inaugurava-se o Theatro José de Alencar (1910), reformavam-se as praças (a Feira Nova, então rebatizada de Praça do Ferreira, troca o chão de areia por amplos jardins).

A cidade, se tem nas muitas mudanças o traço vindouro da modernidade, não dispõe ainda de estrutura que responda ao seu anseio cosmopolita. Faltava-lhe, por exemplo, saneamento e eletricidade. Prova da contradição: “[a] cidade que frequentava envaidecida as *soirées* do Cine Moderno [inaugurado em 1920] era mesma que sofria as agruras de uma urbe sem esgotos nem abastecimento de água encanada nas residências” (LIRA NETO; ALBUQUERQUE, 2014, p. 76). Conforme assinalam, pois, Lira Neto e Cláudia Albuquerque, “[a] cidade crescera, incorporara tecnologias e novos padrões de comportamento. Continuava evidente, entretanto, o contraste entre a velocidade imposta pelo novo século e a lógica de um outro tempo, mais vagaroso, regendo a vida e o cotidiano da população” (2014, p. 73). E acrescentam:

Enquanto o poder público e as elites intelectuais saudavam a celeridade e a racionalização dos fluxos de tráfego como valores a ser perseguidos em nome da civilização, os fortalezenses ainda eram adeptos de prosaicas cadeiras na calçada, rodinhas de conversa que faziam da via pública uma extensão da sala de visitas. (LIRA NETO; ALBUQUERQUE, 2014, p. 73)

O menino Jäder é observador privilegiado desse tempo outro, híbrido, futuro de coração antigo, como na frase de Carlo Levi. Nas suas memórias do período, descreve Fortaleza como uma cidade “verdadeiramente inocente, encantadora, posso dizer que fascinante” (CARVALHO, 1987, p. 50). Seu relato assim se desenvolve:

Morávamos na rua 24 de maio, se não me lembro[,] nº 44, uma casa pertencente ao meu tio avô. [...] A Praça do Ferreira era o centro da cidade. A cidade era como uma espécie de arquipélago, as ilhas eram os bairros. [...] A cidade era servida por duas linhas de bonde de burros, uma maior que servia aos bairros do poente, do centro e do sul. E havia uma pequena linha de burros boteiros com quatro ou cinco bondes que serviam aquele bairro que hoje se chama Aldeota. [...] Fortaleza era uma cidade que não tinha eletricidade. As casas eram iluminadas a gás carbônico e as ruas também[,] com combustores. (CARVALHO, 1987, p. 50-51)



A essa época, o pai funda, com mais dois amigos – Godofredo de Castro e Euclides Busson –, uma tipografia, a American Tipograph. O menino, que se alterna entre a escola (o Instituto de Humanidades, depois nomeado Colégio Nogueira<sup>46</sup>) e a oficina da tipografia, ingressa então no mundo das letras pela via das artes gráficas. Nessas circunstâncias, “conhece”, silenciosa e admiradamente, João Brígido, aquele que seria o herói de sua infância, pouco afeita ao brinquedo e ao cinema, como mais tarde confessaria.

Eu fui um menino diferente dos outros, que não me interessava por brinquedos, por cinema. Eu tinha uma verdadeira paixão pelo velho João Brígido. Quando nós morávamos aqui em Fortaleza, o *Unitário* era o jornal líder aqui da cidade. Era vendido a tostão, a cem réis e eu era quem ia esperar o vendedor de jornal e ia comprar para o papai. [...] [E]u nunca cheguei a trocar uma palavra com o João Brígido, mas li tudo que o João Brígido escreveu. Então eu lia e ia me colocar em frente à casa do João Brígido, ele se deitava com um camisolão de chita num sofá e eu fica olhando, contemplando João Brígido. (CARVALHO, 1987, p. 79).

O jovem tipógrafo, habilidoso, não demora para colocar em prática o saber do primeiro ofício, ainda imantando pelo encontro (a seu modo) com o fundador do *Unitário*. Quando em Iguatu, para onde se muda dali a alguns anos, o pai lhe arrenda uma tipografia ociosa, na qual funda um jornal, o *Correio de Iguatu*. Aos quinze anos, ele é, ao mesmo tempo, diretor, redator, tipógrafo, impressor e distribuidor, renunciando o profissional-multitarefa que também viria a ser nas redações de jornal por que passou.

A tipografia, no entanto, tem vida breve. Os lucros mal custeiam a vida dos sócios, e eles, também por estarem numa distribuição geográfica complicada (Adolfo em Fortaleza, Euclides em Aracati e Godofredo revezando-se entre Natal e Recife), chegam à conclusão de que a empreitada não se sustenta por muito tempo. Dessa feita, voltam todos, pai, mãe e filho, a Quixadá<sup>47</sup>. Dando provas de sua versatilidade e jogo de cintura para prover a família sob a impermanência dos dias, Adolfo funda o Ateneu Quixadaense (na cidade, também foi tabelião). Trazendo consigo a aptidão para docência, somando-se a isso um passado de seminarista disciplinado e estudioso (não foi padre por falta de idade)<sup>48</sup>, o pai de Jáder foi um de seus melhores professores. “Eu não devo esquecer que grande parte dos meus conhecimentos”,

<sup>46</sup> À frente da instituição, estava o educador e editor Joaquim da Costa Nogueira (1866-1935), que a fundou em 1904. Segundo Ana Glória Lopes da Silva, o Instituto “funcionou no centro de Fortaleza em pelo menos dois locais: na rua Barão do Branco, nº 88 e na rua Sena Madureira, nº 113” (2010, p. 24). Sobre a atuação de Joaquim Nogueira nas primeiras décadas do século XX, consultar Silva (2010).

<sup>47</sup> Não se sabe ao certo em que ano isso ocorreu. Cogita-se entre 1912, data com que trabalha Barros Leal (2000), e 1914. A julgar pelos depoimentos de Jáder de Carvalho, que em nenhum momento especifica a data da mudança, considero pouco prudente afirmar o período em que a família sai de Fortaleza para Quixadá.

<sup>48</sup> Adolfo Carvalho chegou a estudar no então Seminário da Prainha, em Fortaleza.

ressalta o filho, “eu já os havia adquirido antes de vir para Fortaleza, primeiro pela companhia do meu pai [...] [que] me tinha como aluno especial” (CARVALHO, 1987, p. 52). Na crônica “Frades e padres da minha vida” (1981b), aqui já citada, o escritor pormenoriza a sua educação formal:

Meu pai possuía uma rica biblioteca. Impressionavam-me a vista bojudos dicionários de Português, Francês e Latim. Clássicos portugueses em capa de couro [“Bernardes, Herculano e Camilo”, diria em outro momento<sup>49</sup>]. Histórias sobre [h]istórias da Igreja Católica. Um dia, papai me explicou:

– Todos esses livros foram do Padre Carvalho, meu tio.

O Padre fora vigário de Pereiro. Lia infatigavelmente. Porém nada escreveu. Pelo menos, nunca lhe vi uma página. Morto, meu pai lhe herdou a biblioteca. Foi dentro dela e por causa dela que nasceu esta minha apagada vida literária. (CARVALHO, 1981b, p. 68)

O Ateneu Quixadaense tão logo se torna referência na cidade. Na avaliação de Jáder, “[e]sse colégio foi um dos melhores do Estado, muito bem aparelhado. Todo seu material didático proviera do antigo colégio dos beneditinos na Serra do Estêvão” (CARVALHO, 1987, p. 51), fazendo ecoar a fama do Colégio São José. E complementa: “era material de primeira classe, de primeira ordem e havia alguns professores daqui de Fortaleza” (CARVALHO, 1987, p. 51). De imprevisibilidade Adolfo Carvalho entendia. Até então, conseguia driblar a volatilidade das circunstâncias. Mas algo jamais poderia estar sob seu controle: a seca de 1915. “Faltou tudo em Quixadá, não havia alimentação de espécie alguma, com dinheiro no bolso você teria de passar por privações” (CARVALHO, 1987, p. 51). Malas na cabeça. Era hora de viajar – mais uma vez. Destino: Iguatu.

A seca de 1915 – o chamado *Quinze* – fechara as portas do *Ateneu* e expulsara para Iguatu, então ponto terminal da Estrada de Ferro de Baturité, todo o punhado de heróis que teimara em ficar sob o teto do colégio: meu pai, a família e alguns alunos internos, cujos pais, nos confins da Amazônia, não dispunham de meios financeiros para o retorno dos rapazes. (CARVALHO, 1976, p. 527, grifos do autor)

Em Iguatu, Jáder, como já se disse, ensaia os primeiros passos na carreira de jornalista. Ali se prepara para dar fim ao nomadismo que até então regia sua vida. Bastava encarar mais uma (e última) parada. Menino-moço (prestes a completar 16 anos), anseia por novas experiências. Cheio de sonhos e aspirações, não podia deixar-se afundar nos confins da civilização, à mercê dos dias rotineiros, pacatos e mesmo previsíveis para os rapazes de sua idade. Nas cidades do interior, são poucas as opções. Para ele, conhecedor das letras

---

<sup>49</sup> Ver crônica “Fome” (1981).

portuguesas, leitor de francês, iniciado no latim, o que restaria? “Ora, um menino assim”, ele próprio se interroga<sup>50</sup>, “poderia continuar no Iguatu, a tomar banho de rio, a caçar galinhas d’água, intelectualmente isolado, sozinho nos seus grandes sonhos?” (CARVALHO, 1981b, p. 44).

O pai, no entanto, não sonha a mesma coisa para o filho, que tinha em quem se inspirar, afinal: segundo relata Jáder, Adolfo, “em certa fase de sua vida, [foi] jornalista ao lado de Agapito dos Santos, que lhe publicara fogosos editoriais contra a oligarquia aciolina, em dias realmente perigosos” (CARVALHO, 1976, p. 527). Em poucas vezes, como se sabe, os desejos da instituição paterna coincidem com os do filho. Assim é que Adolfo, com um dinheiro que recebe inesperadamente, pretende abrir para o rapaz uma “bodega bem sortida” no Mercado Público de Iguatu. Deixe-se que fale o próprio Jáder sobre a ideia (para ele, infundada) do pai:

Meu pai havia recebido dinheiros inesperados, vindos do Acre. Vou falar mais claro: seringueiros daquela terra histórica, anexada ao Brasil pelos cearenses, deviam a meu genitor, proprietário e responsável intelectual pelo *Ateneu Quixadaense*, velhas e já amarelecidas anuidades de filhos que haviam estudado naquele estabelecimento [...]. Os dinheiros procedentes do Acre – perto de dois contos de réis –[,] quantia quase astronômica para aqueles tempos e que, por isso, bem justifica a pluralização da palavra dinheiro[,] iluminaram a cabeça do ex-diretor do *Ateneu* [...]. A ideia, que me arrepiara os cabelos, era esta, sem mais nem menos: abrir-se para mim, no Mercado Público de Iguatu, uma bodega bem sortida, conforme me prometiam, na malograda catequese a que me submeteram. (CARVALHO, 1976, p. 526-527, grifos do autor)

“[P]rocuerei destruir as sinistras intenções paternas” (1976, p. 528), acrescenta. E destrói, no fim das contas. Para isso, conta com a ajuda determinante do tio Campos<sup>51</sup>, que lhe presenteia com uma velha mala de lona, logo restaurada pelo avô Thiago. Com ajuda dos parentes, em 1917<sup>52</sup> parte para Fortaleza (onde já havia estado), numa fuga mais ou menos consentida pela família. Se a mala do tio Campos, então tornada sua, não comportava tanta bagagem (uma muda de roupa e alimentação provisória), mais a alma cedia espaço para abrigar-lhe os sonhos. Na estação ferroviária de Iguatu, velha conhecida de partidas e chegadas, Jáder deixa para trás não só os dias vividos numa cidade do interior, mas a própria infância. O velocípede que nunca lhe deram, queixa tantas vezes repetida, então se mostrava como brinquedo para sempre adiado.

A partir de então, pai e mãe serão figuras de que há de se lembrar somente à distância, rostos que se dissolvem no tempo se o filho não recorre a fotografias que lhes

<sup>50</sup> Idem.

<sup>51</sup> Francisco Gonçalves Campos, pai do escritor Moreira Campos.

<sup>52</sup> Na entrevista concedida a Nirez (CARVALHO, 1987), Jáder cita o ano de 1918. Há certa indeterminação quanto ao ano desse episódio. Opto, no entanto, por mencionar 1917, respaldado pelo relato mais detalhado que o escritor apresenta no livro *Falas acadêmicas* (1976).

preservam a imagem. Na própria biografia a que esparsamente deu corpo por meio de crônicas e entrevistas, seus nomes se rarefazem.

A mãe, Rita, não demoraria a falecer. Anos depois, em 1919, morre vítima de gripe espanhola, aos 36 anos, motivo que talvez explique sua presença rarefeita na narrativa autobiográfica que o escritor dá a conhecer. “Eu já vi, com estes olhos acordados,/ a minha mãe/ sem rugas no rosto,/ cabelos pretos e longos:/ exatamente como no último retrato,/ dois anos antes de morrer.” (CARVALHO, 2001, p. xx) Nas crônicas ou nos poucos poemas que dedicou a ela (ambos se chamam “Mãe”<sup>53</sup>), a imagem materna é evocada por sua condição de enferma, traço que se repete também em outros textos de cariz pessoal<sup>54</sup>.

O pai vive até 1947. Na presença do filho, morre, aos 72 anos, de complicações advindas da diabete. Adolfo, no entanto, é um personagem cuja incidência na voz de Jáder se faz notar com especial distinção (foi seu professor, modelo de jornalista, quem lhe indicou, de certo modo, o caminho das letras). Curioso, no entanto, que o menino, cujos caminhos infantis acompanharam os trilhos da estrada de ferro de Baturité, na qual o pai trabalhou longamente, não tenha transformado tal experiência viageira em poesia. Ao longo de sua obra em verso, que amalha para mais de uma centena de poemas, poucos textos mencionam as serpenteações do trem a desbravar os núcleos populacionais afastados da capital, tendo o pequeno Jáder passado por tantos deles. O que o poeta esconde nesse silêncio?

Como se dizia, o rapazinho, talvez ainda imberbe, está prestes a deixar tudo para trás, apostando que dali em diante a vida pode ganhar novo acento. É preciso abandonar as vestes de criança para forjar o adulto. A ocasião pede. Da capital chega o rumor das novidades que lhe inflamam o espírito: por lá, as pessoas vão ao teatro, estrutura vinda diretamente da Europa, demoram-se em caminhadas pelo Passeio Público, frequentam os cafés e as rodas letradas da Praça do Ferreira, surpreendem-se com o mar, ah, o mar, cartão-postal perene da cidade, de onde chegam e partem navios, embarcações, saudades... Com que roupa eu vou?, pergunta-se Jáder.

---

<sup>53</sup> Os poemas estão em *Água da fonte e Delírio da solidão*.

<sup>54</sup> Na entrevista a Nirez, comentando sobre o seu ateísmo, Jáder faz esta declaração: “A minha mãe adoeceu, já perto de morrer e me pede, pois eu sou muito sincero, me pedindo: ‘Jáder, faça uma promessa pedindo que eu não morra que eu não morrerá’. Eu disse: Mamãe, me perdoe mas eu não faço esta promessa porque eu não acredito em santo, não acredito em Deus, portanto uma promessa minha de nada valerá, e não fiz a promessa” (CARVALHO, 1987, p. 73). Já no texto “Frades e padres na minha vida”, há este depoimento: “– Fiz uma promessa para você escapar [diz a mãe]. Aos doze anos, você se confessaria. Chegou o tempo e você não cumpriu a promessa. Por isso, sua mãe está doente e vai morrer. Foi, para mim, um verdadeiro drama de consciência. Nasci ateu. Nunca rezei, mesmo debaixo de chinelo. A ideia da confissão assombrou-me. E perguntava-me, aflito: ‘Se não cumprir a promessa, mamãe morrerá?’” (CARVALHO, 1981, p. 68).

Com uma roupa de brim caque, calças boca-de-sino, moda então reinante no Iguatu, desembarquei triunfalmente na Central, sem nenhum vestígio das canseiras da viagem, dormida e comida péssimas em Senador Pompeu. Vestido nessa mesma roupa, protegido por um chapéu de palhinha, de abas longas, como o dos antigos paroaras, e calçando uns sapatos vermelhos, de couro de canguru, logo no dia seguinte recebi pequena vaia na Praça do Ferreira. (CARVALHO, 1976, p. 528)

É recebido com vaia. Definitivamente, estava em Fortaleza.

## 5 UM ESCRITOR ANFÍBIO

“o homem no trabalho de anos sem conta/ de matar o grito e criar a palavra” (Jáder de Carvalho)

Em Fortaleza, a juventude de Jáder não é exatamente tranquila. Os primeiros meses na cidade revelam dificuldades com as quais terá de se haver sozinho. Instala-se na casa de parentes paternos, onde não encontra ambiente de todo acolhedor, e depois em uma república na rua 24 de maio, dos irmãos Joel e Josafá Linhares<sup>55</sup>. Nesse tempo, é aluno de Martinz de Aguiar<sup>56</sup>, que lhe prepara para o exame de admissão no Liceu.

Unidade anônima dos então cinquenta mil habitantes da cidade – tão mal contados como ainda hoje – instalei-me, com visível constrangimento meu, na casa de uns parentes pelo sangue paterno, – parentes que fiscalizavam de perto e com extremo cuidado o meu irrepreensível apetite de menino sertanejo, habituado a trincar rapadura no dente, comer santo-antônios de feijão, farinha e toucinho, além de não dispensar o genipapo, a banana e o chibé. Restava-me apenas procurar professor particular, que me preparasse para os exames no Liceu.

Os bons fados me conduziram ao curso do professor Martinz de Aguiar, na rua Senador Pompeu, entre as então Travessas São Bernardo e Trincheiras. Matriculei-me em português e francês. Na primeira matéria, o trabalho de redação era feito em casa. Nas minhas descrições, nunca deixou de vir esta nota do mestre, a um canto da página: “Se não foi escrita por outrem, grau dez.” (CARVALHO, 1976, p. 529)

Já na famosa escola pública do estado, para onde voltaria como professor anos depois<sup>57</sup>, passa por “estudante paupérrimo”: “eu guardava os domingos para lavar e engomar a minha farda do Liceu, bem como as escassas peças íntimas de um rapaz resolvido a estudar, de estômago cheio ou de estômago vazio” (CARVALHO, 1976, p. 30). Também é quando inicia sua carreira no jornalismo. “Com tendência para jornal[,] fui trabalhar na *Folha do Povo*, ganhava 30 mil réis por mês e esse dinheiro não dava absolutamente para eu me fardar, eu comer, para morar.” (CARVALHO, 1987, p. 52)

Em todas essas circunstâncias, um dado comum: a fome. Nos últimos anos, apesar das inconstâncias do trabalho do pai e de uma seca que chegou ao encalço da família, a vida não era de todo ruim. Em Iguatu, vivia em casa de mesa farta, que, ao contrário dos parentes de Fortaleza, não censurava o apetite de seus convivas. “[E]m torno dela”, conta, “jamais faltaram meus tios Bruno, Antônio e Lalu quando desempregados. Às vezes, faziam-se acompanhados

<sup>55</sup> Ambos integrantes da Academia Cearense de Letras. Joel de Lima Linhares (1895-1979) foi filólogo, poeta, catedrático de Filologia Romana na Faculdade de Filosofia do Ceará. Sobre Josafá Linhares, não foram encontrados dados biográficos.

<sup>56</sup> Antônio Martinz de Aguiar e Silva (1893-1974), professor, filólogo e membro da Academia Cearense de Letras.

<sup>57</sup> No Liceu, Jáder foi professor catedrático de Sociologia, até que veio a ditadura do governo Vargas, que lhe tirou a cátedra. Passou, então, a ensinar Geografia e História do Brasil.

das respectivas famílias” (CARVALHO, 1981b, p. 44). Na capital, a soma dos eventos (a repreensão da família paterna e a baixa remuneração do jornal) torna inviável a fartura a que estava habituado.

Em Fortaleza, descobri uma das minhas mais notáveis qualidades: a resistência física, meio faquiriana. Aqui me faltou a mesa rica, a banana a toda hora, o jenipapo com rapadura, o chibé de que tanto gostava. Tinha, é certo, alguns parentes na capital. Porém faltava-lhes a liberalidade da minha casa: jamais recebi um convite franco, leal, para almoçar ou jantar. Não se passava de um “Você não janta?”, “Você não almoça?” (CARVALHO, 1981b, p. 44)

São tempos difíceis. “Trabalhava feito um mouro nos jornais da terra. Ganhava uma ninharia, que mal dava para o caldo de cana com pé de moleque, a quem devo, sem dúvida alguma, a sobrevivência do meu corpo em dois ou três anos de fome aguda e sem remédio.” (CARVALHO, 1981b, p. 44-45) Nas cartas que manda à família, nada revela.

Não à toa, parte dessas citações está na crônica que intitula “Fome”. Nela relata um episódio que lhe marca especialmente, mais tarde recuperado em detalhes na entrevista que concede a Nirez<sup>58</sup>: as refeições que fazia no Passeio Público.

Muita vez, ao transitar pelo Passeio Público, reaviva-se na minha lembrança este quadro inesquecível: eu, de jornal aberto, a recolher o sumarento e cheiroso fruto das castanholeiras que, a esse tempo, lá florescia, dando sombra a vagabundos e namorados. A castanhola, durante meses, foi o meu almoço. Em seguida, uma xícara de café – um tostão – completava o repasto. (CARVALHO, 1981b, p. 45)

## 5.1 Verdes (e modernos) anos

Apesar das dificuldades, o “lobisomem do Passeio Público” (expressão com a qual se designa por chegar ao jornal com as fibras da castanhola nos dentes), não esquece os motivos que o trouxeram à capital. “Mas o que me tentava, de verdade, eram as rodas de intelectuais do Café Riche, por via desses grupos letrados, já famosos em Fortaleza.” (CARVALHO, 1976, p. 531) Nesse tempo, os cafés da Praça do Ferreira (Java, Riche) eram conhecidos por reunir escritores, jornalistas e poetas. Como se sabe, na história da literatura cearense, muitas agremiações literárias nasceram ou se desenvolveram em torno desses lugares, que deixavam evidente o espírito da *belle époque* entre nós. Curioso, Jáder se aproxima dessas rodas e não tarda para encontrar a sua.

<sup>58</sup> “No Passeio Público havia um réquiem lindíssimo de castanholeiras que davam uma fruta encarnada sumarenta, mas muito fibrosa e eu todos os dias, às 11 horas, ia ao Passeio Público, apanhava 10 ou 15 castanholas, levava e comia, era o meu almoço. Chegava na Praça [do Ferreira] com cem réis, um tostão naquele tempo, tomava um café e estava o estudante devidamente alimentado. Um dos meus colegas não quis acreditar nessa história e foi comigo assistir o meu almoço [...]” (CARVALHO, 1987, p. 52)

[M]inha roda literária [...] era composta principalmente do Mário da Silveira, que a meu ver foi o maior talento do Ceará, Clodoaldo de Alencar, Sobreira Filho, Edgard de Alencar, nós passávamos a noite na Praça do Ferreira. Agora, era uma roda de boemia que não bebia, não fazia extravagâncias, apenas declamavam os nossos versos. (CARVALHO, 1987, p. 53)

Nas suas memórias, fornece um vigoroso quadro da época, dando a ver o ambiente literário de Fortaleza no início da década de 1920. É assim que relembra a galeria de figuras que compõem os “bandos barulhentos” da intelectualidade local.

Aponto, entre muitos outros, Quintino Cunha, com o seu humorismo limpo e inesgotável, poeta de quem se arrancava sempre a declamação do “Encontro das Águas” e outras joias poéticas da lavra preciosíssima do maior boêmio cearense depois de Paula Nei; Álvaro Fernandes, de calças de casimira listrada, fraque impecável, chapéu do Chile, bengala de cabo de marfim e o vocabulário mais científico deste mundo; Sales Campos, dono, por decisão própria, da literatura local; Mozart Pinto, culto, irônico, já louvado àqueles tempos graças aos límpidos discursos de paraninfo em turmas da Escola Normal e do Colégio da Imaculada Conceição; Mário da Silveira, com aqueles olhos imensos e profundos, em que sempre li o mais solene desprezo por todos os versos que lhe recitavam ou por toda prosa que lhe era mostrada; Papi Júnior, o grosso volume dos *Gêmeos* sob o braço, pequenino, calado, com cicatrizes bem notórias no pescoço; em passagens rápidas, o elegantíssimo Beni Carvalho, o meteórico Adonias Lima, o simplíssimo Ermínio Araújo, que suava latim; Sidnei Neto, fisicamente e na roupa o mais bem posto poeta que me foi dado conhecer naquela *belle époque*; Gastão Justa, com os seus sonetos líricos; Antônio Furtado a ler tempestuosamente o recém-criado “Besouro Azul” e mostrar, calças arregaçadas numa das pernas, feíssima ferida areana, desdenhosa das mais eficientes pomadas e de todos os depurativos do sangue; Sílvio Júlio, professor do Colégio Militar, já autoridade em literatura sul-americana de língua espanhola e logo passando a amar autores e assuntos cearenses; Otacílio Azevedo, recém-chegado de Redenção, ex-funileiro, pintor e aprendiz de fotógrafo [...] (CARVALHO, 1976, p. 530-531)

Jáder, apesar de participar de roda mais contida, não demora a ter seu trabalho projetado. Em 1922, participa da coletânea *Os novos do Ceará no primeiro centenário da independência do Brasil* com o poema “Diante da Santa da Ermidinha Antiga”, marcando provavelmente sua estreia em livro. Nessas páginas, ao lado de seu nome, estão os de Raimundo de Menezes, Sobreira Filho, Josafá Linhares, entre outros<sup>59</sup>. “Era tal publicação um revide dos renovadores à coletânea *A poesia cearense no centenário*, que reunia mais de duas dezenas de poemas de nomes preferencialmente vinculados ao modelo parnasiano”, comenta Otacílio Colares (1980, p. 10).

<sup>59</sup> Numa nota publicada no jornal *O País* (5/4/1922), lê-se: “Os jovens Aristoteles Bezerra, Josaphat Linhares, Elias Mallmann, Aldo Prado, Baptista Ponte, Moesia Rolim, Amora Maciel, Samuel Uchôa, Edgard Alencar, Coelho Garcia, Helio Caracas, Serra Azul, Sobreira Filho, Jader Carvalho, José Joaquim e Oliveira Paiva estão trabalhando em colaboração num volume com o título ‘Anthologia Cearense dos Neo-Intellectuaes no Centenario da Independencia’”.



Em 1925, passa a colaborar na *Fanfarra*, integrando-se ao time de jovens intelectuais que iam na contramão do modelo parnasiano das belas letras. Revista literária fundada e dirigida por Edigar de Alencar, seu redator-chefe, promove um desvio interessante na história dos periódicos efêmeros e frívolos com que contou o Ceará nas primeiras décadas do século XX. Nos seus sete números<sup>60</sup>, foi “uma publicação de sentido notoriamente renovador, fora de dúvida revolucionária, na forma e no fundo, e que pode ser considerada como uma das primeiras manifestações modernistas ou pré-modernistas no Estado” (ALENCAR, 1980, p. 155-156). No primeiro número, Jáder publica crônica e tem retrato estampado. No terceiro, consta texto seu na companhia dos intelectuais da terra (Antônio Sales, Cruz Filho, Sidney Neto e muitos outros). No quinto, tem soneto publicado ao lado dos de Gastão Justa e Bruno de Menezes. No sexto, “assina uma página de prosa: ‘A marcha triunfal do oceano’, com o título geral de ‘Os Símbolos Novos’” (ALENCAR, 1980, p. 161). Sobre esse texto, comenta Sânzio de Azevedo:

[...] à maneira de uma peça teatral, temos primeiramente a ambientação: “Luar de tragédia. A dança rebelde das Ondas. A revolta do Oceano é infinita...” As ondas começam a falar e a exprimir o que sentem. A primeira, que havia sido chamada de rainha pelo Vento, confessa: “Ele não sabe do meu profundo rancor pelas cabeças coroadas...” A segunda, sob a luz do Luar, diz sentir “A Rebeldia!” A terceira diz que toda a Grande Floresta se deixa “sacudir pelo frêmito da Rebelião”. E o coro das ondas grita: “Crescer! Marchar! Avançar!” E adiante: “O Trovão iniciou, nos céus, o Hino fragoroso da Destruição em marcha! O Hino que, um dia, hão de entoar as Ondas de todos os Mares! Nesse tempo, o Oceano ter-nos-á de novo recebido e o Homem Novo trabalhará, ao som de fanfarras alvissareiras, na construção do verdadeira Universo...” Essa alusão ao Homem Novo era uma premonição de novos tempos das letras cearenses. (AZEVEDO, 1995, p. 21)

A declaração do estudioso faz par com a investigação que promove sobre os primeiros tempos do modernismo na poesia cearense (AZEVEDO, 1995), anunciados pelo texto em prosa de Jáder de Carvalho, uma de suas figuras mais importantes. No Ceará, o movimento modernista encontra notas precursoras em alguns episódios que Azevedo historia: a escrita do poema “*Laus Purissimae*”, de Mário da Silveira; a publicação de *O jardim das confidências*, de Ribeiro Couto, em 1921; a conferência de Guilherme de Almeida (“A revelação do Brasil pela poesia moderna”) no Theatro José de Alencar, em 1925; e o surgimento da revista *Fanfarra*. É em 1927 que tal estética se consolida no estado por meio do livro *O*

<sup>60</sup> Revista de vida breve, existiu por pouco menos de cinco meses. No capítulo das suas memórias que dedica à revista, Edigar de Alencar comenta que “*Fanfarra* não deixou rastro”: “Embora fosse enviada a repartições e bibliotecas e jornais, até de alguns Estados, nenhuma Biblioteca de Fortaleza a possui!” (ALENCAR, 1980, p. 163). As informações referentes à participação de Jáder de Carvalho na revista devem-se às resenhas que seu diretor fez de cada número e registrou no capítulo supracitado.

*canto novo da raça*, “um livrinho mais horizontal do que vertical, sem numeração nas suas quarenta páginas” (AZEVEDO, 1995, p. 22).

Tinha nada menos do que quatro autores: Jáder de Carvalho, Sidney Neto, Franklin Nascimento e Mozart Firmeza (Pereira Júnior). Na capa, a dedicatória, não a Guilherme de Almeida, o arauto paulista da nova estética, mas a um poeta do Rio de Janeiro: “Homenagem a Ronald de Carvalho”. (AZEVEDO, 1995, p. 22)

No livro, Jáder se destaca como o poeta de maior impregnação telúrica, distinção que haveria de acompanhar seus próximos livros. No conjunto de poemas que assina (“Poema da Raça”, “Ironia”, “Modernismo”, “Retirante”, “Se você conhecesse...” e “Cabocla”), revelam-se os denominadores comuns da corrente modernista: a reflexão sobre o nacional, a nota regionalista, o poema-piada etc.<sup>61</sup> É ainda o seu nome o mais citado nos periódicos que à época dão notícia da publicação do livrinho ousado do grupo cearense<sup>62</sup>. Na coluna *Vida literária* que mantém n’*O Jornal* (22/1/1928), Tristão de Athayde, em artigo sobre os grupos e as tendências da nova estética, comenta:

É sobretudo nos versos do sr. Jáder de Carvalho que se sente palpitar esse sentido de progresso, do otimismo, da força, que marca as produções mais características do grupinho. [...] Eu dizia há pouco que acima de Pernambuco, o Norte estava calado. Chegam-nos agora essas vozes novas lá da terra de Iracema, que no século passado sempre esteve entre os da frente. (ATHAYDE, 1928, p. 4)

Depois de seu livro inaugural, o movimento modernista ganha as páginas do jornal e dos suplementos. É assim que *O Povo*, fundado em 1928 por Demócrito Rocha, torna-se o principal veículo da produção dos vanguardistas de cá. Jáder de Carvalho, mais uma vez, integra-se aos jovens cearenses animados com a renovação das letras brasileiras.

Percorrendo-se as páginas d’*O Povo* de 1928 a 1929, veem-se desfilar os nomes dos mais destacados poetas do movimento na época: Mário de Andrade (do Norte), ou seja, Mário Sobreira de Andrade, Filgueiras Lima (cujo livro de estreia, *Festa de Ritmos*, de 1932, não será inteiramente modernista), Edigar de Alencar (já então radicado no Rio de Janeiro), Heitor Marçal, Sidney Neto, Rachel de Queiroz, Antônio Garrido (que não é outro senão o próprio Demócrito Rocha, que não assinava seus versos com o nome real), Mozart Firmeza (Pereira Júnior), Franklin Nascimento, Jáder de Carvalho, Martins d’Alvarez (cujo primeiro livro, *Choro Verde*, de 1930, ainda não será modernista), Silveira Filho (que estranhamente enveredará por uma poesia de cunho simbolista) e tantos outros vanguardistas de então. (AZEVEDO, 1995, p. 36)

<sup>61</sup> Para uma reflexão acurada da poesia modernista de Jáder de Carvalho n’*O canto novo da raça*, ver Azevedo (1995).

<sup>62</sup> Trata-se de publicações do então eixo sul do país: seis do Rio de Janeiro (*O Jornal*, *Correio da Manhã*, *Jornal das Moças*, *O Malho*, *Fon-Fon* e *A Ordem*) e uma de São Paulo (*Correio Paulistano*). Na imprensa local, o livro também é noticiado, sobretudo em *A Esquerda*: “O Canto Novo da Raça” (8/2/1928), “O Canto Novo da Raça” (14/2/1928), “O Brasil Novo” (8/5/1928), de Walter Pompeu, e “Versos modernos” (1928), de Carlos Silva. Pelas condições do jornal, não foi possível identificar a data de publicação deste último texto. Ver anexos.

Boa parte desses nomes continua a estampar as folhas modernistas que então surgem, como *Maracajá* (1929), suplemento literário de *O Povo*, e *Cipó de Fogo* (1931), que não se filia a nenhum jornal. Apesar da vida breve de ambas (a primeira tem dois números; a segunda, apenas um), tais publicações movimentam a vida literária da capital – matizada por “alusões a pau-brasil, anta, onça, cobra, índios e coisas análogas”, “coisas do Brasil rústico e selvagem” (AZEVEDO, 1995, p. 48) – e mesmo de outros lugares. Conforme notifica Sâncio de Azevedo, “a *Revista de Antropofagia*, quando passou, em sua segunda fase, a ser uma página do *Diário de São Paulo*, chegou a reproduzir diversas matérias de *Maracajá*” (1995, p. 48).

No primeiro número de *Maracajá* (7/4/1929), Jáder publica um poema (“A bandeira que os sertões não conhecem...”) e um texto-resposta direcionado ao poeta carioca Paschoal Carlos Magno, que por aqui tinha passado e conhecido os “do norte”<sup>63</sup>. Nessa prosa em forma de carta, Jáder descreve o Ceará como “refúgio da brasilidade”, guiando o amigo e interlocutor por domínios e paisagens que fogem ao conhecimento dos “do sul” (a serra de Baturité, o Cariri, o rio Jaguaribe). Nesse texto, de acentuada nota regionalista, Paulo Sarasate, que lhe escreve a legenda (transcrita a seguir), chama a atenção para uma questão que ocupa lugar central nas preocupações do grupo cearense: a construção de um movimento modernista que não quer seguir a mesma cartilha dos paulistas, parte do Brasil que desconhece o próprio Brasil, como se lê nesta crítica ácida e bem humorada de um dos redatores de *Maracajá*:

Paschoal Carlos Magno é um bicho danado. Meteu na cabeça que devia vir ao norte e veio mesmo. Veiu e está aqui. Com os caboclos do Ceará. Com esta gente que o sul não conhece. Mas que inda há-de conhecer. Quando o Brasil conhecer o Brasil. E a gente puder dizer pros ingleses e pros americanos do norte: “Deixa estar jacaré que a lagoa há-de secar”. (SARASATE, 1929, p. 2)

No segundo e último número do suplemento literário (26/5/1929), assina dois poemas: “Na praia natal ficou a palmeira...” e “O homem que despe as mulheres...”. Nesse momento, os textos, pelo tema que elegem (certa exaltação do feminino), desviam-se das tendências da estética em foco e mesmo destoam da verve satírica e abrasadora das demais produções ali publicadas. Tal assimetria caracteriza, afinal, as primeiras investidas dos escritores cearenses nas letras modernas (AZEVEDO, 1995).

---

<sup>63</sup> Jáder contextualiza a passagem do poeta por Fortaleza: “Paschoal Carlos Magno, grande amigo meu, grande teatrólogo, veio a esse tempo ao Ceará e nós fomos recebê-lo na antiga ponte metálica. Mas só o nosso grupinho, não tinha mais do que nosso grupinho. Então, eu pedi no meu discurso de recepção, pedi desculpas ao Paschoal por estarmos só nós ali para recebê-lo, porque o cearense andava pelo mundo fazendo o Brasil, daí a razão de tão pouca gente no desembarque dele. Ele esteve há pouco tempo no Ceará, antes de morrer, e diz que esse discurso foi feito pela Rachel de Queiroz” (CARVALHO, 1987, p. 72).

Já no *Cipó de fogo*, suplemento em que “colaboram todos os modernistas do Ceará”, conforme se lê em seu expediente, Jáder participa com os poemas “Desafio”, retirado de *Terra de Ninguém* (1931), sua estreia individual em livro, e “Tecelã”. Este último é precedido por uma curiosa nota que pinta o poeta como figura exponencial do movimento: “Jáder de Carvalho. O artista do ‘Canto Novo da Raça’. O agitador de ‘Maracajá’. O pagé da ‘Tribu Cearense de Antropofagia’. O poeta vidente de ‘Terra de Ninguém’. Um dos da frente de ‘Cipó de Fogo’”. Outro dado que resvala para a gaveta de curiosidades é a menção a um livro que estaria escrevendo, intitulado *Plebe*<sup>64</sup>.

## 5.2 Jornalismo e romance punitivos

Depois do frenesi coletivo que a onda modernista provoca na terra de Iracema, Jáder de Carvalho está pronto para trilhar sua carreira com os próprios passos. Nesse sentido, a década de 1930 é especialmente produtiva. Além de lançar-se com os poemas de *Terra de Ninguém*, assina ensaios sociológicos – *O índio brasileiro* (1930) e *O povo sem terra* (1934) – e publica, em um mesmo ano (1937), dois romances: *Classe média* e *Doutor Geraldo*. Desse período, também datam a sua formatura no curso de Direito (turma de 1931) e suas incursões assíduas na imprensa da cidade, iniciadas já na década anterior, quando colabora em *O Combate* (1921) e funda *A Esquerda* (1928). No jornal *A Razão*, integra o corpo editorial como redator (1930) e depois como redator-chefe (1931), até que se desliga do impresso para assumir a direção de *Pátria Nova*<sup>65</sup>.

Os romances dessa época chegam a ser apreciados nas páginas da seção “Crítica” do jornal carioca *Dom Casmurro*<sup>66</sup>. Em textos até então desconhecidos, os livros de Jáder de Carvalho são comentados por nomes como Mário de Andrade (seu conterrâneo), Wilson

<sup>64</sup> Na década de 1930, muitos livros de Jáder de Carvalho são anunciados na imprensa, mas nenhum deles ganha publicação. Deles conhecemos apenas o título, caso de *Caminhos da terra*, enviado para Graciliano Ramos (CARVALHO, 1987); *Fazenda São Jorge*, que José Lins do Rego teria recebido para prefaciar, segundo conta Cid Carvalho a Ana Andrade (2012); e *Tabu*. Nos movimentos de pesquisa para este trabalho, descobri o prefácio de *Fazenda São Jorge*, publicado na revista da Academia Cearense de Letras sob o título “Os romances de massa” (1937). Ver anexos.

<sup>65</sup> Os periódicos ainda anunciam uma nova fase de *A Esquerda*, novamente tendo Jáder de Carvalho à frente, mas o projeto, ao que tudo indica, não se realiza.

<sup>66</sup> Jornal literário que circulou entre 1937 e 1946. À frente do periódico, estavam Brício de Abreu, diretor e proprietário, e Álvaro Moreira, redator-chefe. Sobre a organização das seções e o corpo editorial, leia-se o que diz Tania Regina de Luca: Os redatores respondiam [...] por páginas inteiras e/ou seções específicas. Assim, [...] a [seção] que se intitulava ‘Crítica’ (que poderia ser a quinta ou a sexta página), estratégica para um jornal literário, foi ocupada, em diferentes momentos, por Manuel Bandeira, Josué Montello, Océlio de Medeiros, Wilson Louzada, Pinheiro de Lemos e Denise de Lima e Silva, a quem coube dar conta, por certo tempo, das publicações saídas na França, o que era feito no idioma original. ‘Livros’, ‘Montras e Prelos’, ‘Revista dos Livros’, ‘Livro Nacional’, ‘Livro Estrangeiro’, ‘Bibliografia’, ‘Jornais e Revistas’, estão entre as seções que a compuseram” (2013, p. 285-286).

Louzada e Manuel Bandeira. No espaço destinado ao lançamento de títulos nacionais, o autor de *Libertinagem* escreve estas palavras para *Classe média*:

O dr. Manuel, promotor de Itaúba, Ceará, pediu a mão de Rosa Maria mas foi recusado. Pensou que a oposição partisse do pai da moça, mas não foi[,] partia da mãe, que gostava do rapaz. Este, quando soube da coisa, resolveu dar em cima da velha. Concomitantemente, meteu-se com a lavadeira, em quem fez um filho, com o qual jamais se importou. A família da moça muda-se para Fortaleza, o bacharel vai atrás, cai na miséria, fica num chove-não-molha com a matrona, que também cai na miséria e na prostituição. A moça casara-se em Fortaleza, era muito infeliz com o marido. O bacharel volta ao namoro com ela e vira comunista. Como se vê, o bacharel era bem safadinho. Tudo isso está bem contado pelo sr. Jáder de Carvalho, que surge neste romance revelando qualidades para o gênero. Há no seu livro a psicologia dos nossos intelectuais revolucionários, classe curiosa e misturada, onde há tipos admiráveis, tipos safados de artistas levando vantagem na balbúrdia, tipos safadinhos como o dr. Manuel tentados pela ideia generosa... A posição dos melhores é a mais ingrata possível, colocados que estão entre a perseguição das autoridades e a desconfiança do proletariado. (BANDEIRA, 1937, p. 5)

Apesar da intensa atividade intelectual e da projeção que ela promove, não se trata de uma total década de ouro. Jáder sente como poucos o peso da repressão do Estado Novo. Em 1937, *Doutor Geraldo* é censurado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e queimado na Praça do Ferreira (ANDRADE, 2012). Escritor e jornalista de oposição, também não tarda para ir preso, condenado, na soma de duas sentenças, a 27 anos de reclusão. Na crônica “Tempo político” (1981), recupera esse episódio.

O povo juntou ferro velho num dos cantos da Praça da Escola Normal e a esse montão de sucata deu o nome de Pirâmide de Stalingrad. [...] Embora doente, fui levado ao pé da Pirâmide. Pediam-me um discurso contra Hitler e Mussolini. Eu fiz mais do que me solicitavam: pronunciei palavras candentes contra os dois e também contra Getúlio. [...] Por causa desse discurso, um major denunciou-me à polícia. A polícia ouviu alguns cadetes da Escola Preparatória e eu, mais uma vez, passava a responder perante o Tribunal da Segurança. [...] No final da farsa, estourava uma sentença, subscrita por um coronel do Piauí, presenteando-me com vinte anos de reclusão. Fundamento jurídico do monstrego: as testemunhas da acusação eram cadetes e cadetes não mentiam. Esses vinte anos vinham somar-se aos sete de outra sentença contra mim também arranjadinha no governo de Menezes Pimentel, cidadão que me prendeu várias vezes, me tomou empregos e perseguiu policialmente a minha advocacia [...]. Não sei se os leitores conhecem a minha qualidade de bacharel em ciências jurídicas. Foi em virtude desse privilégio que me deram – à força, está visto – a prisão especial onde me isolei do mundo durante doze meses. (CARVALHO, 1981, p. 114-115)

Dos anos 1930 em diante, sua atividade literária faz par com sua atuação no jornalismo. Jornalista-escritor e escritor-jornalista, Jáder de Carvalho representa bem o modelo de homem de letras frequentemente encontrado nas camadas letradas que informam a vida intelectual brasileira na primeira metade do século XX. O romancista e o redator que nele convivem são facetas que mutuamente se contaminam (talvez por esse motivo, *Aldeota*, de

1963, tenha sido considerado um precursor do romance-reportagem entre nós<sup>67</sup>). “Os jornais e revistas”, explica Cristiane Costa, “tinham como trunfo servirem de berçário, vitrine, pedestal e mesmo de trampolim para o homem de letras, encarregando-se do recrutamento, da visibilidade e dos mecanismos de consagração dos escritores” (COSTA, 2005, p. 25). E acrescenta: “Era a imprensa que dava condições de sobrevivência e divulgação para a produção dessa massa crescente de intelectuais brigando por um lugar ao sol” (COSTA, 2005, p. 25).

Na década de 1940, ficção e realidade andam lado a lado na produção do escritor anfíbio. Em 1945, publica *A criança vive*, seu terceiro romance, pela editora O Cruzeiro. Anos atrás, entre 1939 e 1940, Jáder, sob o pseudônimo João da Silva, havia enviado os originais do livro para o Concurso de Romance promovido por *Dom Casmurro* e idealizado por Jorge Amado, redator-chefe do jornal à época. O romance, no entanto, não vai longe na seleção, que pretendia divulgar os talentos literários do período. Já em 1947, lança *Eu quero o sol* (romance encabeçado pelas edições O Livro do Povo) e funda o *Diário do Povo*, jornal que circula até 1961. Esse impresso, se tem impactos significativos na vida de Jáder de Carvalho, também lhe traz alguns perigos. É o tempo do jornalismo apaixonado, inflamado, sem papas na língua. A julgar por sua trajetória na imprensa local, iniciada duas décadas atrás, Jáder é adepto incorrigível do modelo incendiário e combativo de se fazer jornal. Nas memórias que traz à tona na entrevista a Nirez, o jornalista já aposentado revê aquele período de som e fúria.

[...] [O] *Diário do Povo*, jornal que eu fiz, não era pra ser um jornal dedicado às coisas políticas, conseqüentemente pequeninas e mesquinhas da política do Ceará. Era um jornal marxista, era um jornal de esquerda. E esse jornal me trouxe muito perigo, muitas agressões, mas me deu nervos que nunca mais se acabaram. Eu sou um indivíduo hoje que enfrento qualquer perigo com uma tranquilidade absoluta. E essa tranquilidade eu adquiri nas lutas que eu tinha quase que diárias, até luta corpo a corpo, ameaça de pistoleiros, agressões pessoais, agressões da polícia, prisões e tudo mais. Quer dizer que eu me fiz como homem de luta dentro do jornal *Diário do Povo*. (CARVALHO, 1987, p. 57-58)

No contínuo da entrevista, relembra as origens do jornal e aqueles que dele participaram.

Agora, esse jornal me deu um grande prazer, porque esse jornal nasceu do Liceu do Ceará, eu fiz esse jornal com meus alunos do Liceu do Ceará. Olavo Sampaio, Dorian Sampaio, o Lúcio, o Deusdedith, esses rapazes eram meus alunos no Liceu e foram ser fundadores e redatores no meu jornal. E depois, a maioria deles foi seguir carreira advocacional no meu escritório. Quer dizer, os fiz jornalistas e ao mesmo tempo os fiz advogados [...]. O *Diário do Povo* foi um jornal de vida muito difícil e só sobreviveu devido ao meu idealismo, o idealismo da Margarida [sua esposa], dos redatores, porque não havia dinheiro. O gerente era Eduardo, meu filho, que hoje é diretor da escola de engenharia. O redator era Jáder, também meu filho. Era o Olavo,

<sup>67</sup> Ver Araújo (2003).

era o Lúcio, era o Dorian que encaravam essa questão de dinheiro. Era um jornal puramente idealista. (CARVALHO, 1987, p. 58-59)

Sua participação na imprensa, como se vê, é longeva (passa por, pelo menos, sete jornais) e amalha vários causos em torno de querelas políticas, episódios de empastelamento, farpas e ironias trocadas com desafetos. Só depois de seus últimos romances “punitivos”<sup>68</sup>, *Sua majestade, o juiz* (1961) e *Aldeota*<sup>69</sup> (1963), é que o escritor combativo depõe as armas e passa a se dedicar vigorosamente à poesia, esse ofício do verso.

### 5.3 Tempo de colheita

Poeta lírico dos melhores, nesse gênero, cultivava o soneto com certa predileção e regularidade (“[...] voltei a adotar o soneto, porque eu acredito na imortalidade do soneto”) (CARVALHO, 1987, p. 73) e as questões que elege são então de outra ordem, mais pessoais, íntimas, mas também universais (o amor, a morte, a memória, a solidão), “as mensagens [que] não morrem” (CARVALHO, 1987, p. 73). Em tom de desabafo a Sânzio de Azevedo, confessa: “Censuram-me por eu escrever poesias líricas. Querem que eu morra fazendo poesia social. Mas esta fase de minha vida passou, e nunca deixei de ser lírico. Além disso, há temas que serão sempre novos!” (AZEVEDO, 1997, p. 50).

É assim que, nas décadas de 1960 e 1970, publica uma série de livros que, já pelo título, dão bem a dimensão da curva que o autor promove em sua carreira literária: *Água da fonte* (1966), *Cantos da morte* (1967), *Temas eternos* (1973), *Alma em trovas* (1974), *Menino só* (1977), *Poemas inesperados* (1978). Escritor maduro e consciente de seu trabalho, também organiza, a partir de 1973, a coleção *Toda poesia de Jáder de Carvalho* em vários volumes<sup>70</sup>. “Chega-nos a tempo, portanto, a publicação de suas poesias completas, pois os frutos de sua

<sup>68</sup> Na crônica “Jornalismo e romance punitivos”, Jáder declara: “O homem sempre foi um poço de recalques, uma fogueira de ódio, um armazém de defeitos. E o jornalista é um homem. E o romancista também é um homem. Por isso, meus artigos, às vezes, não perdoam a inimigos pessoais e políticos. Por isso, meus romances trasladam para as suas páginas os ladrões particulares e públicos, os contrabandistas, os juízes salafreiros, os governantes desonestos e atrabilários. Estarei errado?” (CARVALHO, 1981b, p. 62).

<sup>69</sup> Editado em São Paulo pela Livraria Exposição do Livro, com 377 páginas. Uma das obras mais referenciadas de Jáder de Carvalho, *Aldeota* vasculha as origens do bairro homônimo de Fortaleza, crescido e enriquecido por fontes duvidosas. Há uma fortuna crítica considerável sobre esse romance: Araújo (1977), Lima (2003), Parente (2011), Azevedo (2015).

<sup>70</sup> A coleção não corresponde a um resultado coeso, a começar pelo projeto gráfico, padronizado somente entre os volumes 1 (*Temas eternos*, inédito, e *Cantos da morte*, segunda edição; ambos de 1973) e 2 (*Água da fonte*, segunda edição, modificada; de 1974). O volume 3, *Menino só* (1977), já aparece visualmente destoante dos demais. Os próximos títulos que Jáder lançaria pela coleção (*Delírio da solidão*, de 1980; *Rua da minha vida*, de 1981; e *Terra bárbara*, de 1982) repetiriam este esquema: embora não reunidos sob o rótulo de *Toda poesia*, aparecem identificados com o projeto nas folhas de rosto da publicações, que registram em ordem cronológica os títulos publicados desde o primeiro volume.

arte estão sazoados, e o tempo de colheita já não se faz esperar”, assinala José Alcides Pinto (1981, p. 67) na apreciação que faz do universo poético do autor na ocasião do lançamento do primeiro volume de sua poesia reunida.

Se o tempo é de colheita e de poesia, Jáder de Carvalho firma-se como poeta de qualidade reconhecida pelos leitores e por seus pares. Em 1975, ganha o Prêmio Olavo Bilac de Poesia, promovido pela Academia Brasileira de Letras, e tem a obra lida pelo alto escalão da literatura brasileira, como Jorge Amado, que assina a orelha de *Água da fonte*, e Paulo Rónai, que fornece sensível depoimento de leitura de *Terra Bárbara* (1982), o último livro que publica em vida.



## 6 MICROMEMÓRIAS

“FA: Qual foi a maior alegria da sua vida?

JC: Ficou de vir. Mas ainda não chegou.

FA: E o que mais o entristeceu?

JC: Não posso, não devo falar. Dói. Nunca deixará de doer.”<sup>71</sup>

Quem se habilita a procurar as marcas deixadas por Jáder de Carvalho constata que sua presença entre nós não está registrada na mesma intensidade em que viveu. Seu espólio, ou o que sobrou dele, dorme profundamente num sobradinho coberto pelo pó do tempo, ao deus-dará. Mesmo em sua casa, na rua Agapito dos Santos, 389, no centro da cidade, pouca coisa denuncia sua presença: livros (parte de sua biblioteca), fotografias, alguma mobília. Foi assim que a encontrei na única visita que fiz, em 2012, prestes, eu pensava, a conhecer o homem em sua intimidade, expectativa então frustrada. Ainda hoje, o transeunte que por ali passa certamente desconhece que se trata de morada de dono ilustre.

Quase todos os escritores notáveis do século XX estão bem servidos de acervos e edições póstumas, que não raro inventariam dados biográficos, produção intelectual, correspondência, causos, revelando o autor em seus múltiplos a partir de uma diversidade de pontos de vista. Somem-se a isso as memórias, escritas pelos próprios, e demais textos de procedência semelhante, assinados por familiares ou amigos. Não é bem o que acontece com Jáder de Carvalho, contemporâneo de muitos deles. Testemunha de seu tempo, o poeta, apesar de desejo expresso, não traz à tona as páginas de próprio punho em que desnova sua longa e irrequieta travessia.

Em junho de 1975, quando perguntado se pretende escrever algum livro de memórias, faz esta declaração: “Tenho muita vontade de escrever um livro, não propriamente que eu chamasse de minhas memórias, um livro que eu contasse ao mesmo tempo a minha vida e a vida de Fortaleza de 1911 até 1974, seriam minhas memórias e as memórias de Fortaleza” (CARVALHO, 1987, p. 15). O projeto provavelmente toma corpo nos anos seguintes. Na entrevista que concede a Nirez, seis anos depois, ele é anunciado como concluído em dois momentos. No primeiro, chega a antecipar um episódio que consta no livro:

Tive um jornal, *A Esquerda*. Mas o jornal não teve condições de continuar e eu tive que fechar o jornal, nesse tempo o Peixoto, presidente do Estado[,] era meu amigo, foi advogado, foi meu professor na Faculdade e me chamaram ao Palácio. Então, a Dona Violeta[,] com aquele jeito dela[,] disse: “Jáder, por que você é nosso inimigo?” Não, eu não sou inimigo de vocês, eu sou inimigo do Governo. Aí veio a Revolução

<sup>71</sup> Jáder de Carvalho em entrevista a Felon de Almeida, em 1985.

de 30 e o Peixoto está dentro da[s] minha[s] memórias que vão sair agora. (CARVALHO, 1987, p. 61)

No segundo, não resta dúvida de que a publicação é uma realidade. Tem título, talvez provisório, e pelo menos mais um volume. “Acabei de escrever essa semana as minhas micromemórias, que vão desde meu nascimento na Serra do Estêvão, até o governo Parsifal Barroso. É o primeiro volume” (CARVALHO, 1987, p. 81). As memórias surgem na esteira dos planos que então executa na década de 1980, de intensa atividade literária. Na ocasião, comenta:

Eu tirei o ano de [19]81 para recomeçar sem intervalos minha vida literária. Escrevi um livro de versos, *Rua da minha vida*, [n]o qual realmente está a minha vida e esta casa, em cuja sala nós estamos conversando. Escrevi *Terra Bárbara*, no qual eu aproveitei poesias de meu primeiro livro e escrevi mais 60 ou 70 poemas e vou editar com o nome de *Terra Bárbara*, poesia telúrica, poesia exclusivamente do Nordeste. Depois que fechei o *Diário do Povo*, escrevi uns 150 a 200 artigos na imprensa de Fortaleza. Deles separei uns 50, assuntos mais interessantes, assuntos que não morrem e organizei um livro: *Meu passo na rua alheia*. Preparei a segunda edição do meu romance *Aldeota*, a pedido. Eu recebia pedido de toda parte para lançar a segunda edição desse romance. (CARVALHO, 1987, p. 81)

Exceto a reedição de *Aldeota* (concretizada bem depois, em 2004, pelas Edições Demócrito Rocha), cumpriu tudo o que prometeu. Quase octogenário, Jáder vê a vida entrar em crepúsculo, mas numa terra de sol. Nas dependências da casa tornada editora, funda a *Terra de Sol*, assim batizada em homenagem ao livro homônimo de Gustavo Barroso, de quem é admirador confesso. De vida incerta e provavelmente constituída por equipe de um homem só (a impressão cabe à Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, segundo registra o colofão de alguns livros), a casa editorial se soma a outras iniciativas de quem dificilmente conseguiu delimitar as fronteiras entre vida e ofício<sup>72</sup>.

Talvez por serem projetos paralelos e próximos no tempo (ambos de 1981), os livros que Jáder anuncia a Nirez, *Rua da minha vida* e *Meu passo na rua alheia*, guardam dispersamente as memórias que não conseguiu reunir em livro. O primeiro é, confessadamente, sua obra poética mais autobiográfica. Nele comparecem a infância, a família, as viagens e a voz acentuada de um eu que, na velhice, procura dar sentido a seu estar no mundo. O segundo, ao trazer para suas páginas as cenas do cotidiano (como já dito, reúne artigos e crônicas publicados na imprensa), flagra o escritor em sua relação permeada de altos e baixos com a capital. O homem, então, revisita os caminhos de terra que lhe trouxeram àquela que chamou de “cidade

---

<sup>72</sup> Um levantamento dos títulos editados pela *Terra do Sol* revela-se urgente, tanto para ampliar a história do livro no estado quanto para dar a ver a atuação de Jáder de Carvalho como editor.

amarga”: “Cansei de tudo na cidade amarga./ Os apitos de fábrica ensurdecem./ Os demônios de rodas, pelas ruas,/ gastam-me os nervos que meu pai me deu” (CARVALHO, 1973, p. 12). Sobre esse livro, passo a me deter mais demoradamente.

### 6.1 Nas estradas do coração

Em Fortaleza, como se sabe, Jáder fez-se escritor, jornalista, professor, advogado. Chegou até a fabricar telha e tijolo e a criar porcos quando as circunstâncias dos anos de chumbo lhe pesaram<sup>73</sup>. Foi mesmo um artista “criador de mundos”, com toda a ambiguidade da expressão: “[s]em o magistério, quase sem advocacia, fiz me oleiro e criador de porcos. Muitos prédios de Fortaleza me devem os alicerces de tijolo vermelho e o teto de telha comum” (CARVALHO, 1981b, p. 38).

Depoimentos como esse, reveladores de suas facetas pouco conhecidas, encontram-se em *Meu passo na rua alheia*. Nessas páginas, tão modestas quanto a dimensão do livro e o *lettering* caligráfico na sobriedade da capa azul, o cronista dá a ver as pautas do momento e de sua predileção (reforma agrária<sup>74</sup>, conjuntura política, problemas da esfera urbana), mas sem deixar de olhar para a vida ao rés do chão, principalmente a sua, como bem cabe ao gênero em questão. Uma vida, afinal, em sintonia com a ânsia de um escritor-caminhante que o título do livro sugere.

Olhando em retrospecto, do ponto de onde está, Jáder, em algumas crônicas, põe na balança da memória os percursos de sua geografia, física e afetiva, quando “a extrema curva do caminho extremo” pode aproximar-se sorratamente. É assim que sabemos por onde pisou seu passo e andou seu coração. Nesse momento, os olhos estão voltados para o sertão, espaço

<sup>73</sup> Na crônica “O romance dos meus porcos”, Jáder explica os motivos: “Foi no tempo da ditadura. Três homens profundamente maus governavam o Ceará: [Menezes] Pimentel, Andrade Furtado e José Martins. Afastaram-me do Liceu, perseguiram-me a advocacia, levaram-me ao Tribunal de Segurança. Cheguei a sofrer duas condenações, que somaram vinte e sete anos. Minhas prisões equivaleram a quinze meses. Fui posto na rua pela vitória das democracias sobre o nazi-fascismo.” (CARVALHO, 1981b, p. 38). Esquivou-se, pois, de tais cerceamentos como pôde, apostando no comércio de tijolos, telhas e porcos. Na ironia cáustica que lhe caracteriza, Jáder, na crônica, diz: “Passei então a ver, nos meus porcos em crescimento físico e desenvolvimento mental, algumas criaturas que eu defrontava diariamente na Praça do Ferreira, nos cinemas, nos carros oficiais. Como era natural, fui batizando os suínos, todos agora em pleno caminho da maturidade.” (CARVALHO, 1981b, p. 39). O fato teria chegado ao conhecimento do então interventor federal Menezes Pimentel, um dos ‘batizados’, que lhe intimou por infringir suposta “Lei de Segurança”. O desfecho do caso, na delegacia, lembra-nos o porquê de certo folclore rondar a figura de Jáder: “O doutor Pimentel não por culpa minha, foi uma criança apanhada, criada e educada pelo santíssimo padre Tabosa. Assim, não conheceu pai. E, se não teve pai certo, não poderia ter avós paternos também certos. Outra cousa: o interventor não é racialmente puro, como sabe o senhor delegado: é mestiço. Ora, tentando uma criação comercial de suínos – suínos com ‘pedigree’ – eu não poderia, sem prejuízo, dar-lhes o nome de um mulato, aliás mulato de pai e avós paternos desconhecidos.” (CARVALHO, 1981b, p. 40).

<sup>74</sup> Tema caro a Jáder de Carvalho nesse livro, que o dedicou “[à] memória de Lindolfo Cordeiro, que não pode nem deve ser esquecido pelos camponeses, ontem como hoje, ainda sem terra e educação para ocupá-la” (1981b, s/p). Lindolfo Cordeiro foi um advogado que atuou reconhecidamente a favor das questões do movimento agrário.

originário de sua mitologia pessoal. Entre idas e vindas, mantém uma relação ambígua com a cidade de Fortaleza – que se estenderia, afinal, por toda a vida –, o que faz das viagens de volta ao sertão, ao torrão natal um acontecimento amorosamente lembrado nas crônicas. São textos que dizem tanto de um deslocamento efetivo, se nele procura descansar os nervos que a cidade gastou, quanto de um imaginado, quando dele se aproxima nostalgicamente para recuperar a criança que foi um dia.

Contraponto desse espaço, o mar, que também funciona como metonímia para a cidade (principalmente no século passado, quando a praia forja substancialmente o imaginário que se tem da capital), vai indicar a distância que separa o sujeito, já amadurecido, de suas filiações consanguíneas e, sobretudo, paisagísticas. Nesse entre-lugar, desapossado da herança familiar e “natural”, circunscreve-se o sentimento de exílio, que se fará patente nas crônicas de fundo mais autobiográfico que encontramos no livro, considerando que são escritas num momento em que o autor já passa dos 60 anos de idade.

[...] aqui [em Fortaleza], na pancada do mar, jamais passei de um prisioneiro marcado pela nostalgia. Se, nos búzios, o oceano se esconde e ressoa com os seus mistérios, na minha alma o céu azul continuou a espelhar-se nas lagoas. E, nas estradas do coração – ecô! ecô! – a boiada nunca pôde parar, vencida pelo canto dos tangerinos.

Mas o exilado sempre dizia aos seus botões:

– Hei de voltar ao sertão. Hei de morar numa fazenda. E, assim lhe sobravam alguns vinténs, ganhos contra os juízes, numa advocacia às vezes dramática, o exilado buscava o mato:

– Quanto quer pela fazendinha? Preferia no meu sertão. Mas, não havendo lá, a sua me serve.

A pergunta repetiu-se no vale do Caxitoré, nas campinas do Aracatiaçu, nas terras bárbaras, mas belas, da caatinga de Quixeramobim.

De tanto andar, de tanto perguntar, acabei fazendeiro. E logo onde! Bem pertinho da Serra Azul, entre Aires de Olival e Queiroses empobrecidos, meus parentes pelo lado materno. (CARVALHO, 1981b, p. 12)

Nessa crônica<sup>75</sup>, Jáder, “prisioneiro” e “exilado”, dá bem a dimensão que a paisagem originária ocupa em sua cartografia sentimental: como se lê, é precisamente na alma que “o céu azul continu[a] a espelhar-se nas lagoas”. Os sentidos do sertão, de que está distante geográfica e temporalmente, tomam-no mesmo se está diante da “pancada do mar”, da imensidão do oceano e de seus mistérios, que cabem no recôndito de um búzio. O murmúrio da cidade, então, é ressignificado: quem um dia chegou até ela “chamado aos gritos” agora quer voltar. O sertão tem vez e voz: o “canto dos tangerinos” ainda encontra eco nas estradas que dão para o seu coração, saudoso da fazenda que outrora habitou. Aliás, reencontrá-la é o que pretende fazer, numa espécie de retorno ao paraíso perdido de que dão prova suas mencionadas

<sup>75</sup> “Manuel Lopes” (1981b).

andanças (Caxitoré, Aracatiaçu, Quixeramobim). A paragem se dá “[b]em pertinho da Serra Azul”, topônimo que em si mesmo sugere poesia. Azul, afinal, é a cor da distância.

Contrariando Belchior, na letra de “Pequeno mapa do tempo”, Jáder de Carvalho não tem medo de abrir a porta que dá para o sertão de sua solidão, como comprovam as disposições identitárias e afetivas que a paisagem rural traz à tona em seus textos. Justamente lá quer estar. Deve a ele sua história. Nesse sentido, nada mais natural do que encontrarmos uma série de crônicas nas quais o sertão, especificamente a fazenda de que foi dono, figura como protagonista<sup>76</sup>. “História”, precisamente, é como nomeia os quatro textos em que pretende fazer a “biografia” de “Lisboa”: “Os homens, os países, os bichos, – todos temos a nossa história. Nas biografias está a história dos homens. No sertão, houve bois célebres, como o Rabicho da Geralda, que também tiveram a sua história escrita. Por que a minha fazenda não haveria de possuir a sua?” (CARVALHO, 1981b, p. 99).

Ali mesmo, na “Lisboa”, Jáder escreveu as crônicas que contam a vida breve desse seu pedaço de terra na Serra Azul<sup>77</sup>. “Façam de conta, leitores, que nos achamos todos aqui reunidos, no alpendre da ‘Lisboa’.” (CARVALHO, 1981b, p. 99). Nesse ambiente que segue o melhor modelo das histórias de “Era uma vez”, o cronista abre as portas de sua fazenda e a arca de sua memória. Cerimonioso (“Vou começar pelos antecedentes.”) (CARVALHO, 1981b, p. 99) e nos imantando com a mística do sertão (“O vento, hoje, talvez se retarde. Neste mês, o aracati anda a fazer visitas inesperadas: antes ou depois da hora costumeira.”) (CARVALHO, 1981b, p. 99), dá a conhecer as primeiras histórias que conferem uma certa aura folclórica ao lugar.

A cidade grande não me venceu. Sempre tive os olhos voltados para o sertão. Minhas reminiscências mais vivas enterram as raízes nas fazendas, no campo aberto, nas beiras de rio. Advogado, jornalista, professor, – tudo isso na “urbs” – sentia alguém a puxar-me, ora pelo braço, ora pelo paletó: era o sertão. Era o sertão da minha infância, com as suas burras-de-padre, o seu caipora, os seus lobisomens, as suas almas penadas, as suas botijas mostradas em sonho ou “pessoalmente” pelo espírito do dono, em busca de salvação. (CARVALHO, 1981b, p. 99)

Na crônica, segue contando o périplo em que esteve, literalmente, às voltas com o intuito de arrendar uma fazenda que pudesse chamar de sua, alentado por seus “ouvidos ressoantes do mugido de bois, do balido nas ovelhas, do aboio do vaqueiro, do grito das

<sup>76</sup> As fazendas e os sítios, na configuração específica desses tipos de habitação, ocupam mesmo um lugar todo especial na biografia de Jáder de Carvalho. Sua trajetória está marcada por algumas delas. Lembre-se que ele nasceu na casa do Sítio Silvestre, de seu avô.

<sup>77</sup> Todas as crônicas da série aparecem datadas, entre 15 de julho a 19 de julho de 1963, e localizadas (com um “Fazenda Lisboa” ou só “Lisboa” ao final da página), num gesto romântico do cronista em assinalar, temporal e espacialmente, a escrita desses textos.

marrecas, da voz assustada das jaçanãs” (CARVALHO, 1981b, p. 100). Nos lugares por onde andou, Aracatiçu e Irauçuba, encontrou paragem apenas para suas ilusões.

Pegado pela manga do paletó, estive no Aracati-açu, onde negocieei uma fazenda, no fundo das terras de Osiris Pontes. Mas não pude usá-la: não pertencia a quem m’a vendera. Pelas costas, empurraram-me em seguida para uma fazendola nas proximidades de Irauçuba. Dormi na casa-grande, planejei a construção de um pequeno açude, senti o cheiro do gado que ainda estava por vir. Outra decepção: na realidade, eu comprara apenas um pedaço de terra pouco maior que a Praça José de Alencar. (CARVALHO, 1981b, p. 100).

Até que a “fazenda prometida” lhe surge de onde menos espera: não por terra, mas por ar. “Não a procurei: ela caiu de surpresa nos meus braços” (CARVALHO, 1981b, p. 96), diria em outra crônica. Em viagem a Jaguaribe, põe os olhos em “Lisboa” quando, na verdade, para lá se mandava para separar as muitas mãos que se envolviam nas típicas querelas entre tradicionais famílias do sertão.

Um dia, viajo de avião até Jaguaribe, no humaníssimo intuito de apartar uma briga política entre Nogueiras e Barreiras – briga um tanto perigosa, pois já pendia, francamente, para uma luta entre famílias. Ao sobrevoar a Serra Azul, bati no ombro de Brasilino de Freitas, no caso o aviador:

– Pelo meu gosto, eu compraria uma fazenda aqui. Minha família está espalhada pelo Pirangi<sup>78</sup> e seus riachos, nas proximidades da Serra.

Brasilino riu:

– Então sua família é também a minha. E você, desde já, é dono daquela fazenda.

E apontou, com o dedo, para uma casa branca, chata, de longo alpendre e telhado enegrecido pelo tempo.

Era a fazenda “Lisboa”, de propriedade do piloto. Em menos de uma semana, antes mesmo de ver e percorrer a terra, assinávamos a escritura em Quixadá. Não se combinou a maneira do pagamento. (CARVALHO, 1981b, p. 100-101)

“Com franqueza: a fazenda não me agradou” (CARVALHO, 1981b, p. 102), confessa o *fazendeiro do ar* na linha inicial da segunda crônica da série. E explica o porquê: “Topografia acidentada, o açude nas últimas, a casa-grande quase em ruína” (CARVALHO, 1981b, p. 102). Mas, acima da precariedade das instalações, existe a fixação sentimental às ideias de origem, filiação, pertença.

---

<sup>78</sup> Na crônica “Pirangi”, escrita nas mesmas circunstâncias de “História” (I, II, III e IV), Jäder passeia pela genealogia da família e fornece mais coordenadas e detalhes para a ‘biografia’ de sua fazenda: “Minha fazenda é banhada pelo riachinho Cipó, afluente do rio Pirangi. À minha esquerda, branqueja, num alto, o povoado de São João, nascido da velha fazenda de João Tomás. À direita, a Serra Azul. Ela é mesmo azul. Mas não propriamente o azul da distância. [...] No riachinho, minha avó Ergina, havia muito tempo, com o recato que já desertou os sertões, banhava-se de madrugada para não ser vista por homem algum. Era moça, bonita, de olhos azuis. Na pequena colina, onde hoje se levanta a capela do povoado, residiam João Tomás, Pedro e outros membros das famílias Aires de Olival e Queirós, entrelaçadas desde a primeira metade do século dezenove. Minha fazenda se encrava no extinto feudo desses Queirozes e desses Aires ligados às lutas políticas da Província, nos albores da Independência.” (CARVALHO, 1981b, p. 96).

Toda a beleza estava na Serra Azul, pertinho. Todo o encanto se escondia nisto: por ali passara minha avó Ergina, havia um século. Ali moravam anônimos bisnetos de João Aires de Olival, meu bisavô, homem extremamente bravo, casado com uma Queirós de Cascavel, mesmo no cerne de família. (CARVALHO, 1981b, p. 102)

Nessa toada, “Lisboa”, por um momento, não é mais a fazenda de Jáder, mas sim aquela noiva arranjada à moda antiga, a quem o amor só pode nascer cruelmente com calculada convivência, como se deu com sua avó: “Minha avó foi uma dessas noivas proibidas de conversar com o noivo, a sós, ou de escrever-lhe quando um deles se ausentava. Pois foi o meu caso com ‘Lisboa’” (CARVALHO, 1981b, p. 102). Desencantado, *a priori*, por ter diante de si a imagem por que não esperava, vítima de um difícil “encontro às cegas”, revela, tacitamente, a frustração de não ter ali, nas curvas do corpo da fazenda-mulher, o verde vicejando na medida do seu desejo. Mesmo diante da decantação das grandes expectativas, o fazendeiro-noivo preferiu apostar na relação, contando com a generosidade do tempo e as artimanhas da sorte.

O bem, o meu amor veio com o tempo, pela convivência. Em poucos meses, as cousas mudavam: havia mais vacas no curral, chegavam as primeiras ovelhas de raça “Morada-Nova”, berravam as cabras “moxotôs”, o touro holandês desafiava a dureza do chão, escarvando-o.

Jurei respeitar a mata da fazenda. Jurei fidelidade ao passado, amando os Aires e Queirozes da redondeza. (CARVALHO, 1981b, p. 102)

Como não se desconhece, a ela, “Lisboa”, seria fiel até o último momento. Inclusive por resistir acreditando em certos tipos que, já àquele tempo, mostravam-se ultrapassados, como o vaqueiro, “figura folclórica”, inviável se “[j]á não existia o campo aberto, de léguas sobre léguas, onde se reuniam os gados de muitas fazendas” (CARVALHO, 1981b, p. 103) (a crônica, após o relato do contato inicial com a fazenda, gira em torno dos vaqueiros, Aderson e Senhorzinho, que passaram pelos confins de suas terras).

Superadas as turbulências próprias das indefinições que rondam o começo de qualquer relacionamento, há um amor que entra de férias. Assim Jáder comenta em “História (III)”: “Fiz da ‘Lisboa’ um ponto de recreio. As minhas rápidas viagens não tinham finalidade econômica: buscava a paisagem, o banho no açude, a pesca, o passeio a cavalo.” (CARVALHO, 1981b, p. 105). Vive-se, pois, em estado de lua-de-mel. Mas o estado penoso das porções de terra vizinhas fala mais alto no espírito do homem sensível às agruras que acometem seus semelhantes.

[...] um dia tive pena da pobreza circundante. Vi no salário vigente um furto à vida, um assalto aos músculos de rapazes, de homens maduros, de velhos já vacilantes no cabo da enxada. E resolvi, somente por isso, em transformar a “Lisboa” em propriedade agrícola, isto é, no maior campo de algodão do Nordeste, plantado sem a exploração do homem pelo homem. (CARVALHO, 1981b, p. 105)

A esse movimento, seguiram-se muitos outros, na perspectiva de oferecer melhores condições aos trabalhadores rurais e suas famílias: “Vim a Fortaleza. Levantei dinheiro. Construí destocadores. Dentro de noventas dias, desmatei cem hectares. [...] Consultei livros, conversei com entendidos [...]” (CARVALHO, 1981b, p. 105). Cheio das melhores intenções, uma das quais erradicar o “sistema medieval de exploração da terra” que “[n]as redondezas da ‘Lisboa’, ainda persistia” (CARVALHO, 1981b, p. 105), não vê, do outro lado, o mesmo empenho, a mesma verve. O sertão era mesmo outro; o sertanejo, “antes de tudo, um forte”, na máxima euclidiana, *idem*.

Os jovens que então trabalhavam na propriedade já não se animavam com o relativo determinismo que a natureza impunha nessas circunstâncias: permanecer na terra, ará-la, plantá-la, esperar pacientemente os frutos da colheita, se e quando vêm, a depender do regime das secas ou das enchentes. “Eram atraídos”, pois, “pelo futebol de Quixadá, pelos encantos de Fortaleza, pelos sambas nas adjacências” (CARVALHO, 1981b, p. 106). Jáder, na esteira do pensamento sociológico em que era versado, delineia assim um dos tipos que definem, por certo, a imagem que o Nordeste fez de si e que se espalhou Brasil afora. Figura que diz respeito a vários momentos de nossa história, o “pau-de-arara”

[b]usca Brasília. Procura o Amazonas, certo embora de que o Deserto Verde já não lhe permite vida melhor que a do Nordeste. Quantos não voltaram empalmados, anêmicos, mortalmente marcados pelo impaludismo? Quantos não ficaram debaixo do chão, no Juruá, no Madeira, no Purus? Mas... *o destino é andar*. Pelas estatísticas, verifica-se este fato: entre os nordestinos migrantes, o cearense oferece a maior percentagem entre os que retornam. Retornam, mas para novas aventuras. (CARVALHO, 1981b, p. 106, grifo nosso)

Novas aventuras que não incluem o trabalho no campo, para a dissolução das utopias de Jáder de Carvalho, confessadamente “filho do mato”. Por isso, o declínio de sua propriedade algodoeira na “Lisboa” se anuncia antes mesmo de estar em plena atividade. “O bravo, o leal, o lendário sertanejo, o herói cantado em prosa e verso – me enganara” (CARVALHO, 1981b, p. 107), comenta, em tom desolador. O imaginário do sertão e dos sertanejos, então, só existe nas páginas dos livros, talvez em *Terra de Sol*, de Gustavo Barroso, evocado também na crônica jaderiana. Novos tempos, novos rumos: novos vícios.

Comprando a cumplicidade do meu feitor, os camponeses desdenharam do meu espírito de solidariedade humana. Se, ao menos, houvessem aplicado o furto na reforma do casebre, na aquisição de roupas e alimentos para os filhos! O meu dinheiro, num montante de mil e duzentos contos, resvalou para os botequins, para a jogatina, para os forrós regados à cachaça... (CARVALHO, 1981b, p. 107).



“Paralelamente ao fracasso agrícola, veio a derrota no criatório” (CARVALHO, 1981b, p. 108), diz o cronista-biógrafo no último relato da série sobre a fazenda, já se preparando para reviver em texto o adeus que imaginou acenar em vida às porteiras da “Lisboa”. O vaqueiro da vez, Antônio Lúcio, “moreno escuro, apressado, sem a marca da caatinga na pele fina e lustrosa” (CARVALHO, 1981b, p. 108), será o mensageiro indesejado das perdas por que passa a criação de animais: ovelhas morrem e vacas amofinam. Também ele se envolve em histórias farpadas. O empregado passa a assediá-las as mulheres dos moradores da fazenda e de outras, para o desagrado dos maridos e de Jáder, a quem as queixas não param de chegar.

A soma dessas circunstâncias desilude o genuíno fazendeiro. Hora de tanger todos os bichos e vender o pedaço de terra na poética Serra Azul. As páginas dessa biografia parecem se aproximar de um definitivo ponto final. “E despedi-me comovidamente de tudo”, anota o escritor, “menos do lendário sertanejo: – Adeus, açude! Adeus, currais! Adeus, estábulo! Adeus[,] algodão! Adeus, adeus, Serra do Estêvão, Serra Azul!” (CARVALHO, 1981b, p. 109).

Mas, como na música, “mistério há de pintar por aí”. E, nesse quesito, o microcosmo sertanejo parece ser imbatível, trazendo na companhia do vento Aracati lufadas de ar que colocam o homem na rota de dias melhores. As forças da terra, então, revogam as disposições de um destino que se apresenta como irremediável. A cabaça deixada na água começa a girar, indicando que alguma coisa há por ali. O episódio é contado pelo cronista ao melhor sabor dos causos.

Foi quando me surgiu o Clóvis, meu parente, para contar-me uma história. Não me pediu reserva. Disse:

– Estive ontem de noite na Serra Azul, caçando. Pois bem: quando menos esperava, chegou o caipora e começou a dar chicote no meu cachorro.

– Mas Clóvis!...

– Doutor, se eu estiver mentindo, que a minha língua caia.

– E como era o caipora!? – perguntei[.]

Desceu a minúcias:

– Baixinho, moreno, perna fina, braços compridos. Cabeça de homem em corpo de menino.

– E não lhe pediu fumo?

– Não precisou: eu dei logo, com medo. Riu-se, botou o chicote debaixo do braço direito e sumiu-se, assobiando.

Emocionei-me. Era a ressurreição do passado, do velho sertão ainda não estragado pela cidade grande. E desmanchei o plano de venda da “Lisboa”. Onde eu conseguiria paisagem igual? Em que lugar me contariam histórias atuais do caipora? Quem me devolveria aquela moldura de serras?

Dentro de poucos dias, as vacas regressarão. O touro experimentará, de novo, a dureza do solo, escarvando-o entre urros desafiadores. As ovelhas voltarão a constituir notas vivas neste pequenino mundo de juremas, sabiás, marmeleiros e paus-brancos. (CARVALHO, 1981b, p. 109-110)

Paira, no entanto, a incerteza quanto ao desfecho do episódio. “Lisboa”, de fato, teria resistido? A leitura dos últimos parágrafos da crônica não assegura isso que, para nós, está no campo das hipóteses. O tempo verbal que o cronista emprega (“regressarão”, “experimentará”, “voltarão”) indica um futuro verdadeiramente passível de realização ou apenas se inscreve no desejo e na imaginação do fazendeiro-poeta, sonhador que foi? A isso, vem se somar uma passagem que resguarda alguma mensagem dubitativa. Já no final, Jáder diz que o terreno de Lisboa fora dividido, entre propriedade agrícola e pastoril: a primeira foi “d[ada] em arrendamento”; a segunda “ressuscitará ao calor do meu carinho – bela, fascinante, cheirando a gado, com as suas noites friorentas, os cachorros latindo no terreiro limpo” (CARVALHO, 1981b, p. 110).

“Falta apenas o vaqueiro”, ele arremata (CARVALHO, 1981b, p. 110), e nós nos perguntamos, em seguida: “Para que a fazenda exista?”. Quer parecer-nos que essas imagens idílicas, sensivelmente sugeridas, estão traçadas num mapa mais *mental* do que real. De uma forma ou de outra, está certo que a própria existência “Lisboa” sobrevoa todas essas questões, por permanecer viva nas páginas de sua singela biografia e no coração viajero de seu dono.

Nessa história, o nome da fazenda pede o prólogo, especialíssimo, que o cronista não escreveu. Se não se apresenta com definição, para nós, a cena final que se dilui na tela preta de uma imaginária cinebiografia da fazenda (Jáder teria ou não a deixado?), estão claras as circunstâncias que envolvem o batismo de “Lisboa”. Fruto de um acaso (a fazenda pertencera a Brasilino de Freitas) que acaba desaguando justamente na herança parental do escritor (João Aires de Olival, o bisavô português), não passa despercebida a presença de um “sítio” luso nos tabuleiros do sertão nordestino.

A fazenda, curiosamente, vai ao encontro de um desejo cintilante e velado por algum tempo. Novamente no exercício de tirar o lodo da memória, escreve crônica – “Sertão” – pensando nos grandes sertões e nas veredas que atravessou, prestes a chegar, com alguns vincos no rosto, é certo, aos 66 anos de idade.

Este ano [1967], em dezembro, chegarei sem bulha nem matizada aos meus sessenta e seis anos de vida. E não me sinto velho. Melhor: não me sinto mesmo perto da velhice. *Amo como na juventude o pó das estradas*. Mantenho intacta e firme a curiosidade intelectual que me acompanha desde os idos do Liceu [do Ceará]. E sou, a um só tempo e com muita paixão, poeta, fazendeiro, escritor e jornalista. Até hoje, só me sinto privado de um pedacinho da minha felicidade espiritual: a cátedra de professor, em cujos doces espinhos deixei os capulhos da minh’alma. (CARVALHO, 1981b, p. 144, grifo nosso)

“Não tenho, jamais tive a ambição das grandes viagens” (CARVALHO, 1981b, p. 144), prossegue em outro parágrafo, para logo dizer do seu desejo de barco quando moço. Aí,

parece se contradizer, considerando que o desejo também pode ser uma forma de ambição. Nesse depoimento, fundamental para entender a relação do escritor com a questão da viagem, declara:

Em rapaz, desejei navegar pelo Mediterrâneo, pisar o chão da Grécia, contemplar o céu que encheram de azul os olhos de Platão, de Sócrates, de Homero, de Ulisses. Paris nunca me interessou. Nem Londres. Nem Nova Iorque. Por algum tempo, pensei numa quinta lusa ao pé do mar das caravelas. Mas foi sonho rápido. O que me chamou sempre foi a Hélade com as suas ruínas sagradas. América do Norte? Juro que recusaria uma viagem ao reino do dólar. Ele não me tenta, não grita dentro de mim, não me chama. (CARVALHO, 1981b, p. 144)

No roteiro vacilante, uma paragem, breve, em Portugal. A quinta a que faz referência, não a teria encontrado, afinal, nos confins da Serra Azul e a recebido como “Lisboa”? Gostamos de acalentar essa versão, ou, pelo menos, de acreditar que a vida, apesar de todas as suas vicissitudes, teria forjado o encontro inesperado, como se sabe, de Jáder de Carvalho com aquelas terras, banhadas pelo rio Pirangi, seu Tejo sentimental.

## 6.2 Uma casa em ruínas

Recuperar a biografia de “Lisboa” é, de certo modo, ir em busca de um tempo perdido. Repisar velhos caminhos ou imaginar viagens há muito acalentadas são gestos de quem sabe que é chegada a hora de acertar as contas com o passado. Mas nisso também se adivinha alguma aposta no futuro. João Adolfo, sobrinho de Jáder, conta que o tio mantinha muitos planos para o outono de sua idade. Um deles era viajar para a Andaluzia, seguir os caminhos de García Lorca, poeta de seu cânone pessoal. Para as horas de solidão (muitas, no final da vida), a poesia, os autores do coração, as estrelas da vida inteira.

Se a saudade e a solidão também são companhia, Jáder de Carvalho faz delas os temas mais acentuados na sua última safra poética. Nos livros derradeiros, *Delírio da solidão* e *Rua da minha vida*, oferece por completo seu estado d’alma, conversando com o passado, os mortos, os objetos. Num estado marcadamente de luto, escreve o poema “Nossa casa”, de fundo inegavelmente biográfico, em clara alusão ao sobrado da Agapito dos Santos:

Nossa casa é bem outra. Uma ruína,  
meus filhos, sem vocês e a Margarida.  
Tudo perdeu a graça. E, na calçada,  
ninguém conversa como nós, agora.

E não faz muito: havia as mesmas falas,  
senão o dia todo, pelo menos,  
aos gritos de netinhos incansáveis,  
num almoço comum, pelos domingos.

Cada filho ama agora a sua casa.  
 Telefono-lhes mais que eles a mim.  
 Falta-lhes tempo. E o tempo é o que me sobra!

Passam-se os dias. Outra a vizinhança.  
 E nunca vejo nos jornais que leio  
 doutor para saudade e solidão.  
 (CARVALHO, 2001, p. 32)

Viúvo e sozinho, Jáder toca a vida, despojada da voz da mulher e dos filhos, acalentando seus projetos, pai de muitos. Foi assim que Moreira Campos o recordou em artigo publicado n’*O Povo* na ocasião de sua morte. Nas palavras do amigo, “[Jáder] decerto não acreditava na morte, punha-a a distância” (CAMPOS, 2005 [1985], p. 12). Só assim executaria tudo que planejava o menino antigo no alto de seus 83 anos.

Morreu Jáder de Carvalho quase aos oitenta e quatro anos (ele os completaria a 29 de dezembro vindouro). Mas Jáder era um moço, um jovem, no sentido da energia, da lucidez, do espírito combativo, crítico e irônico. Era um jovem ainda pelos projetos que acalentava, um novo romance, mais um livro de poesias, a reorganização, neste instante político [d]e recomposições, do Partido Socialista Brasileiro, de que era o último remanescente, a possibilidade de fundação de uma editora no Ceará, projeto possivelmente mirabolante, como ele reconhecia. Afinal, considere-se, no caso, que em toda a região Norte e Nordeste do Brasil, de dimensão superior à Europa ocidental, com ponderável índice demográfico[,] não há uma só editora de prestígio, o que equivale a proclamar a falência da cultura. Tudo isso ele reconhece, sem desalento, contudo. (CAMPOS, 2005 [1985], p. 12)

O “moço idealista”, como Moreira Campos o nomeia no título de seu texto-homenagem, concluiu quase tudo o que se propôs. Toda sua produção, brevemente revisitada neste trabalho, chega até nós como herança de quem atuou nas trincheiras das atividades intelectuais e literárias do Ceará, não raro um estado todo feito contra elas e, como se viu, até contra ele<sup>79</sup>. Jáder de Carvalho só não pôde contar com as últimas benesses do tempo para ver suas reminiscências, aquelas anunciadas, ganhar forma em livro. O escritor, o jornalista, o professor, o editor e todas suas muitas legendas permanecem vivas na vasta e multifacetada obra que assinou e nestas linhas, amorosamente mal traçadas, que lhe prestam singela lembrança. Micromemórias.

---

<sup>79</sup> Ilustram isso as próprias circunstâncias do século XX, tempo em que Jáder de Carvalho viveu e atuou, e os episódios por que passou. Ele, que muitas vezes foi *persona non grata* em alguns círculos de sociabilidade de Fortaleza (também em função de *Aldeota, roman à clef* que lhe rendeu desafetos), é um bom exemplo para entender os mecanismos de funcionamento – e de perseguição – das mentalidades que estiveram por trás dos “aparelhos de poder” do Estado.

## 7 À MANEIRA DE CONCLUSÃO PROVISÓRIA

*No Ceará, escrever é partir?*

Por muito tempo, essa pergunta, colhida originalmente num livro fundamental para a minha relação com a literatura cearense e para a minha leitura de mundo (também o das palavras), tem me perseguido como uma verdadeira obsessão. “A gente se paralisa muito diante do que ama também. Mas, se paralisar muito, o amor pedra”, ouviria, bem mais tarde, de uma amiga, quando ela me animava a retomar um texto sobre a poeta, Ana Cristina Cesar, com quem convivi intensamente em 2015, lendo tudo que sua mão inquieta assinou, poemas, prosas, cartas, ensaios...

Cheguei mesmo a viajar ao Rio de Janeiro, onde nasceu e onde está o seu acervo, na tentativa de me aproximar ainda mais dela, certo de que a intimidade com seus textos ainda me era insuficiente. Leitor compulsivo de sua *Correspondência incompleta* (1999), descobri uma Ana Cristina cujas inquietações, nos anos iniciais de sua vida adulta, também me diziam respeito. Talvez por isso mesmo ela, à época, tenha brilhado tanto aos meus olhos, por ser a escritora cuja “perturbação mental”, na expressão de Carlito Azevedo, outro leitor apaixonado, casava felizmente com a minha. A ideia então era meter-se no Rio e voar direto para o Instituto Moreira Salles. Repetiria a meu modo a lição de Glauber Rocha: um livro na mão e uma ideia na cabeça. Parti para escrever.

Ainda hoje, repriso mentalmente os meus passos na bela casa modernista da Gávea onde viveram Walther Moreira Salles e sua família. Numa tradição de receber convivas ilustres, mais tarde, com as instalações do Instituto, ela continuaria a ser o endereço de nomes vultosos, os de escritores e escritoras da literatura brasileira. Nesse ambiente de inigualável emoção, sabendo, por exemplo, que ali estavam manuscritos de Clarice Lispector, cartas de Lygia Fagundes Telles, autoras com quem Ana aprendeu a dividir espaço no meu santuário particular de leituras, vasculhei toda a sorte de documentos do Acervo Ana Cristina Cesar, mediados pela mão cuidadosa e solícita de sua equipe, muitos deles em pleno processo de digitalização.

Ali pensei encontrar um material cuja apreciação crítica fosse inédita, tanto que já se disse sobre a poética da autora de *A teus pés* (1982). Pensei fazê-lo nas cartas. Mas, para além de textos mais circunstanciais (uma carta a uma tia, escrita na infância; outra, na casa dos trinta, ao editor responsável pela primeira publicação profissional de um livro seu), não encontrei nada que pudesse orientar um projeto de pesquisa de natureza acadêmica.

No entanto, na aparente insignificância de um bilhete, de dimensões mesmo apequenadas, o primeiro papelzinho da pilha de folhas que recebi, encontrei algo por que jamais

pude esperar. E o momento se encaixa perfeitamente na teoria da sincronicidade levada a cabo por Jung. Se o lodo da memória não me faz deslizar, lia no bilhete os traços infantis da frase que ali se formava. Agora hesito em reproduzi-la. “Mãe: só há uma” é o que vem à cabeça, que me impede a transcrição fiel por também estar comprometida com as artimanhas da ficção. De todo modo, o bilhete datava de um Dia das Mães.

Nessa “viagem inventada no feliz”, minha mãe me acompanhava. Pacientemente e talvez sem entender o porquê daquele lugar ser o meu País das Maravilhas, ela também esteve comigo à sede do IMS, no exato momento em que eu flagrava Ana Cristina a dirigir-se muito carinhosamente a sua... mãe. Eu tinha, sim, encontrado alguma coisa, mais valorosa e valiosa do que qualquer indício de novidade acadêmica: a confirmação de que a minha “pessoa no mundo” dividia comigo, em silêncio e com lágrimas nos olhos, a minha plena satisfação de enfim ter conhecido minha amiga Ana Cristina, ainda que de papel.

Finda a viagem, voltava ao Ceará, pesando na bagagem mais as experiências e as emoções do que propriamente um material a ser lapidado numa futura e só imaginada dissertação de mestrado. 2015 se avizinhava dos meses derradeiros, e eu já podia ver 2016 surgindo no horizonte, indicando que era hora de transformar as obsessões em *outra coisa*, antes que elas enfim me imobilizassem, lembrando aquelas palavras de minha amiga. Hora, então, de se preparar para a seleção e escrever um projeto de pesquisa.

Mas a musas, Ana inclusa, me petrificaram. Eu, que já havia lido a principal e melhor crítica a seu respeito, sabendo de cor nomes e datas, livros e trechos, teorias e bibliografias, não consegui escrever uma linha sequer a respeito. Minha lógica criativa não conseguia vencer a horrorosa página-tela em branco. Na verdade, não cheguei mesmo a formular algum problema que meu trabalho pudesse “solucionar”. Penetrava surdamente no reino das palavras mais surdo do que elas próprias. O poeta me inquiria com o seu “Trouxeste a chave?”, e eu, vergonhosamente, só poderia responder “Não”.

Como bom garoto, era melhor ainda como colecionador. Meu acervo de obsessões literárias era (é) vasto. Quem sabe vasculhando coisa e outra, eu poderia topar com algo que também me falasse ao coração, devoto de Nelson Rodrigues, para quem nem mesmo um copo d’água pode ser bebido sem paixão. Era preciso, pois, “voltar e olhar de novo aqueles dois quartos vazios”, na frase-enigma de Ana Cristina.

Como quem revisita um amor antigo, naquela conversa tacanha de quem não sabe por onde começar, topei de novo com Jáder, o de Carvalho, autor a quem dediquei uma monografia razoável à época da graduação, tratando de temas por vezes negligenciados em sua fortuna crítica. A relação, enfraquecida quando comecei a flertar com a palavra refinadíssima

de Ana, voltou a ter brios e gosto de novidade quando a poeta carioca, num rompante, resolveu não me dizer mais nada, como se as palavras custassem caro...

Jáder também já fora meu companheiro de viagem. Por causa dele, embarquei na iniciação científica em um projeto de pesquisa coordenado pela professora que tão logo se tornou minha orientadora e amiga, inclusive a responsável pelo germen inicial deste trabalho. Então, na companhia de outras pesquisadoras, percorremos bibliotecas, equipamentos culturais, casas de parentes e amigos do autor e livros, muitos deles esquecidos, empoeirados, inacessíveis e até inexistentes, na tentativa de recuperar um autor que dormia profundamente no século passado.

Ainda havia em mim o fogo necessário para queimar o pavio de uma investigação e, especialmente, para deixar meu coração se molhar na fonte de poesia que jorrava do verso do autor de *Água da fonte*. Uma obsessão, como se diz, nova em folha, inteiramente ao meu dispor e aos caprichos de meu exercício inicial de crítica literária.

Por onde começar se revelou relativamente fácil. No pensamento, que ainda mantinha quente as tantas leituras que fiz de sua obra entre 2012 e 2014, dos primeiros movimentos de pesquisa à redação do trabalho de conclusão de curso, já concatenava algumas ideias e armava relações. Elegi um tema e então o organizei em palavras. Não avancei muito. Só depois entendi que não se tratava de um tema. Era uma *vida* (a de Jáder) que pulsava.

Na obra de Jáder, sobretudo a poética, identifiquei um manancial de questões que – agora eu sei – se encontram justamente no cruzamento de nossas biografias. Aí biógrafo e biografado se confundem e as posições se invertem: talvez fosse Jáder que estivesse escrevendo, por vias transversas, a minha biografia. Em algum momento (ele ainda moço), fomos interpelados por preocupações semelhantes, ambos filhos desta terra. Era o sintoma de nossa vontade passarineira, de nosso roteiro feito de distâncias. Por fim, compreendi, não sem ajuda, que também há beleza no gesto de ficar, de não escolher partir. Para o meu biografado, seria uma decisão determinante: não alça voos porque seus ideais também estão presos à terra, como estão aqueles que não têm para onde ir. O destino errante do povo sertanejo, com ciclo provisório e data para terminar, foi também o seu.

O roteiro que aqui ofereço reclama seu estatuto de incerteza e incompletude. Anotações que perdi, documentos que não li, estradas que não tomei. Todos eles me pedem uma segunda chance e me colocam de novo na rota deste homem, companhia da vida toda. Assim, tanto mais há por fazer em torno de Jáder de Carvalho. Este trabalho, que pretendo continuar por outros caminhos, tão logo eles se revelem, estará sempre no encaixo da

multiplicidade de facetas que dizem do poeta, do romancista, do jornalista, do professor, do advogado, do sociólogo, do editor.

Os clichês, se pulverizam os efeitos de sentido, são imbativelmente precisos. Com isso, quero dizer que esta pesquisa é fruto, como se percebe, de viagens, reais, íntimas e desejadas, em que eu próprio, turista aprendiz, assumi o painel de controle. Daí, como tudo nasce, inclusive este trabalho, do mais recôndito de nossas emoções, não poderia deixar de marcar aqui textualmente a minha voz.

Por um momento, ignoro a etiqueta, o tom e mesmo a forma que um academicismo mais engessado pode exigir. No entanto, e mais do que tudo, afianço a autenticidade do que apresentei ao longo destas páginas, manchadas por uma experiência muito particular de convívio com este sujeito que fiz de objeto. Numa breve operação no verso de Ana Cristina, repito: “Amor, isto não é uma *dissertação*, sou *eu* que você segura e sou *eu* que te seguro”.



## REFERÊNCIAS

- ABRANTES, Renato Moreira de. **A cruz e o diploma: a Igreja Católica e a educação em Quixadá nos séculos XX e XXI**. Curitiba: CRV, 2017.
- ALENCAR, Edigar de. Uma revista um pouco diferente. *In*: ALENCAR, Edigar de. **Fortaleza de ontem e anteontem**. Fortaleza: Edições UFC, 1980. p. 152-163.
- ANDRADE, Ana Maria Teixeira. **Deslocamento e denúncia no romance *Sua majestade, o juiz, de Jäder de Carvalho***. 2012. 191 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Literatura, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, 2012.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Uma forma de saudade: páginas de diário**. Organização Pedro Augusto Graña Drummond. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- ARAÚJO, F. Fortaleza desnuda. **O Povo**, Fortaleza, p. 1, 24 ago. 2003.
- ARAÚJO, Raimundo. Aldeota. *In*: ARAÚJO, Raimundo. **Livros e autores do Ceará**. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1977. p. 49-51.
- ATHAYDE, Tristão de. Gente de amanhã. **O Jornal**, Rio de Janeiro, p. 4, 22 jan. 1928.
- AZEVEDO, Miguel Ângelo. O Jäder que eu conheci. *In*: CARVALHO, Vinícius Araújo de. **Meu pai, Jäder de Carvalho**. Fortaleza: Editora Tribuna do Ceará, 1987. p. 90-91.
- AZEVEDO, Otacílio de. Uma noite no cemitério. *In*: AZEVEDO, Otacílio de. **Fortaleza descalça: memórias**. Fortaleza: , 1980. p. 115-116.
- AZEVEDO, Sânzio de. Um poema cearense de Manuel Bandeira. **Revista de Letras**, Fortaleza, n. 2, v. 1, 1978, p. 57-65.
- AZEVEDO, Sânzio de. A trajetória poética de Jäder de Carvalho. *In*: AZEVEDO, Sânzio de. **Novos ensaios de literatura cearense**. Fortaleza: Edições UFC, 1997.
- AZEVEDO, Sânzio de. **O modernismo na poesia cearense: primeiros tempos**. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 1995.
- AZEVEDO, Sânzio de. **Aldeota**. Fortaleza: Secultfor, 2015. (Coleção Pajeú)
- BANDEIRA, Manuel. Jäder de Carvalho – “Classe média”. **Dom Casmurro**, Rio de Janeiro, p. 5, 29 jul. 1937.
- BARROS LEAL, Angela. **Jäder de Carvalho**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. (Coleção Terra bárbara)
- CAMPOS, Augusto de (org.). **Pagu: vida e obra**. Organização, seleção de textos, notas e roteiro bigráfico Augusto de Campos. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- CAMPOS, Moreira. O moço idealista. **O Povo**, Fortaleza, p. 12, 7 ago. 2005 [1985].

- CANÇADO, José Maria. **Os sapatos de Orfeu**: biografia de Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Scritta Editorial, 1993.
- CARVALHO, Jáder de *et al.* **O canto novo da raça**. 2. ed. Fortaleza: Iris, 2011.
- CARVALHO, Jáder de. **Água da fonte**: poesias. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1966.
- CARVALHO, Jáder de. **Toda a Poesia de Jáder de Carvalho**. Vol. 1. Temas Eternos e Cantos da Morte. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1973.
- CARVALHO, Jáder de. [sem título]. In: GIRÃO, Raimundo (org.). **Falas acadêmicas**. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976.
- CARVALHO, Jáder de. **Rua da minha vida**. Fortaleza: Terra de Sol, 1981a.
- CARVALHO, Jáder de. **Meu passo na rua alheia**. Fortaleza: Terra de Sol, 1981b.
- CARVALHO, Jáder de. **Delírio da solidão**. 2. ed. Fortaleza: EUFC, 2001.
- CARVALHO, Vinícius Araújo de. **Meu pai, Jáder de Carvalho**. Fortaleza: Editora Tribuna do Ceará, 1987.
- CASTELLO, José. **Inventário das sombras**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- CASTELLO, José. **A literatura na poltrona**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- CASTELLO, José. Biografar ou ressuscitar? In: CASTELLO, José. **A literatura na poltrona**. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 165-178.
- COELHO, César. Jáder e as estrelas. In: CARVALHO, Vinícius Araújo de. **Meu pai, Jáder de Carvalho**. Fortaleza: Editora Tribuna do Ceará, 1987. p. 112-113.
- COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel**: escritores e jornalistas no Brasil 1904-2004. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- CUNHA, Cecília Leal. **Vivências em retalhos**: um ensaio sobre a crônica de Rachel de Queiroz na revista *O Cruzeiro* (anos 50). 2011. 375 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 2011.
- DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- FACÓ, Boanerges. Genealogia: família Queiroz-Ferreira de Beberibe – os Facós. **Revista da Academia Cearense de Letras**. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1956. p. 254-267.
- FACÓ, Boanerges. Genealogia: família Queiroz-Ferreira de Beberibe – os Facós – turbulentos e trágicos. **Revista da Academia Cearense de Letras**. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1961. p. 255-273.

FACÓ, Boanerges. Genealogia: família Queiroz-Ferreira, de Beberibe. Os Facós. Liberais e republicanos. **Revista da Academia Cearense de Letras**. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1962. p. 133-143.

FACÓ, Boanerges. Genealogia: família Queirós-Ferreira de Beberibe – os Facós. **Revista da Academia Cearense de Letras**. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1963. p. 204-218.

FERREIRA, Antônio. Sobre Jáder de Carvalho para o livro de seu filho Vinícius de Carvalho. *In*: CARVALHO, Vinícius Araújo de. **Meu pai, Jáder de Carvalho**. Fortaleza: Editora Tribuna do Ceará, 1987. p. 93-94.

GOTLIB, Nádya Battella. **Clarice**: uma vida que se conta. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

IPIRANGA, Sarah Diva. **O sol na palavra**: a literatura cearense sob o signo solar. Fortaleza: Imprece, 2007.

IPIRANGA, Sarah Diva. As águas da infância: criança e memória na poesia de Jáder de Carvalho. **Childhood & philosophy**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p. 25-42, jan.-jun. 2013a.

IPIRANGA, Sarah Diva. A exumação da morte: angústia e memória em Nuno Júdice e Jáder de Carvalho. **Cadernos de Literatura Comparada**, Porto, n. 29, p. 189-213, 2013b.

IPIRANGA, Sarah Diva. Leitura de si, encontro com o outro: identidade e poesia no ensino de Literatura. **Interdisciplinar**, Itabaiana/SE, ano IX, v. 21, p. 59-71, jul.-dez. 2014.

IPIRANGA, Sarah Diva. Além-mar: o barco da memória deságua na poesia. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC, 14, 2015, Belém. **Anais eletrônicos...** Belém: UFPA, 2015. Disponível em: [http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2015\\_1456107971.pdf](http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1456107971.pdf). Acesso em: 4 jun. 2017.

IPIRANGA, Sarah Diva. Língua-mar: viagem e poesia em Jáder de Carvalho. **Navegações** (Impresso), Porto Alegre, v. 8, p. 170-176, 2016.

LANDIM, Teoberto. **Seca**: a estação do inferno – uma análise dos romances que tematizam a seca na perspectiva do narrador. 2. ed. Fortaleza: Edições UFC, 2005.

LIMA, José Batista de. Introdução. *In*: CARVALHO, Jáder de. **Aldeota**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

LIMA, José Batista de. Fortaleza antiga, uma cidade em prosa e verso. *In*: **Literatura sem fronteiras**, Fortaleza, 2008, s/p. Disponível em: <http://literaturasemfronteiras.blogspot.com/2008/05/fortaleza-antiga-uma-cidade-em-prosa-e.html>. Acesso em: 3 jul. 2018.

LIRA NETO; ALBUQUERQUE, Cláudia. **História urbana e imobiliária de Fortaleza**: biografia sintética de uma cidade. São Paulo: Braba, 2014.

LOPES, Sávio Alencar de Lima. **O inquilino do tempo**: percursos da memória na poesia de Jáder de Carvalho. 2014. 52 f. Monografia (Graduação) – Curso de Letras, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014.

LUCA, Tania Regina de. Brício de Abreu e o jornal literário *Dom Casmurro*. **Varia hist.**, Belo Horizonte, v. 29, n. 49, p. 277-301, abr. 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-87752013000100013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752013000100013&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 12 ago. 2018.

MOMBAÇA, Barro Alves de. Jáder de carvalho: o fogo da fala. In: CARVALHO, Vinícius Araújo de. **Meu pai, Jáder de Carvalho**. Fortaleza: Editora Tribuna do Ceará, 1987. p. 95-96.

MORICONI, Italo. **Ana Cristina Cesar**: o sangue de uma poeta. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

NASCIMENTO, F. S. O poeta, a morte e o sonho. In: CARVALHO, Jáder de. **Cantos da morte**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1967. p. 5-11.

PARENTE, Tiago Coutinho. Literatura e jornalismo feitos para punir: Jáder de Carvalho e o silêncio sobre o romance Aldeota. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 13., 2011, Maceió. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2011. Disponível em: <http://intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2011/resumos/R28-0114-1.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2018.

PINHO, Barros. Jáder, o zumbi da Água da Fonte. In: CARVALHO, Vinícius Araújo de. **Meu pai, Jáder de Carvalho**. Fortaleza: Editora Tribuna do Ceará, 1987.

PINTO, José Alcides. O universo poético de Jáder de Carvalho. **Política da arte**: ensaios de crítica literária. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1981. p. 65-66.

QUEIROZ, Rachel de. Serra do Estêvão, **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, p. 114, 27 ago. 1949.

SAMPAIO, Dorian. Jáder e o “JD”. In: CARVALHO, Vinícius Araújo de. **Meu pai, Jáder de Carvalho**. Fortaleza: Editora Tribuna do Ceará, 1987.

SANTIAGO, Silviano. **Machado**. São Paulo: Companhia da Letras, 2016.

SCHNEIDER, Michel. O outro eu. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo (orgs.). **Crítica e coleção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 16-31.

SIMON, Rodrigo. Unidos pelo exercício da procura. **Suplemento Pernambuco**, Recife, n. 149, p. 4-5, jul. 2018.

SOUSA, José Bonifácio de. **Quixadá & Serra do Estêvão**. Fortaleza: Casa José de Alencar, 1997.

SOUZA, Eneida Maria de. Notas sobre a crítica biográfica. In: SOUZA, Eneida Maria de. **Crítica cult**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SOUZA, Eneida Maria de. **Janelas indiscretas**: ensaios de crítica biográfica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SILVA, Ana Glória Lopes da. **Joaquim Nogueira, práticas de leitura no Instituto de Humanidades de Fortaleza, edições escolares e a cultura cearense nas três primeiras décadas do século XX**. 2010. 233 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2010.

STUDART, Barão de. **Estrangeiros e Ceará**. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1918.  
Disponível em: <http://ufdc.ufl.edu/aa00000256/00001/1>. Acesso em: 6 jun. 2018.

THMOSKHEKO, Carlos. [sem título]. *In*: CARVALHO, Vinícius Araújo de. **Meu pai, Jáder de Carvalho**. Fortaleza: Editora Tribuna do Ceará, 1987.

WERNECK, Maria Helena. **O homem encadernado**: Machado de Assis na escrita das biografias. 3. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**ANEXOS**

ANEXO A - "TERRA SELVAGEM"

Amnistia

Palavras do sr. Washington Luis: "Nao darei amnistia aos officiaes da forca publica de S. Paulo e o Julio Prestes e contraire ao instituto da amnistia".

Leis compressoras

Do mesmo: "as leis chamadas compressoras sao ate benignas e os governos nao podem delias prescindir".

O programma do candidato do sr. Washington fica assim resumido—"guerra a amnistia, manutencao das leis compressoras e da fraude eleitoral!"

E' o que nos espera, se nao reagirmos.

O programma do candidato liberal: Annistia ampla, revogacao das leis compressoras, verdades eleitoral!"

A Nação que diga com quem está!

Sempre que se agita no Brasil uma campanha politica os partidos das diversas correntes em choque procuram pôr em jogo as convicções religiosas dos candidatos, para elevat-os ou para compromettelos.

Parece-nos que esse systema de fazer politica é uma aberração e uma negação do nosso ideal de completa independência mental.

Para se ser um optimista estadista, um administrador prohibido, um caracter recto, uma honestidade odiosa da critica, não se faz mister seguir essa ou aquella religião.

Um nazt poderá ser magnificamente governado por um catholico, um protestante, um espirita ou um maderista. Um cidadão que galga um posto de commando na administração publica não vai governar com um credo religioso.

Vae governar com a lei e com ella respeitar os direitos alheos. E para isso não é necessario ser soldado sectario de qualquer religião. Basta que esse cidadão seja um espirito incapaz de ter odios e preferencias e saiba se manter dentro do regime da moralidade.

O Brasil é, de facto, um pais em que a maior parte do povo é catholico. Mas a nossa Constituição veda qualquer ligação official a settas religiosas.

Um chefe de Estado governa um povo com o espirito das leis e não com o espirito das religioes.

E' pois contraproducente essa campanha odiosa que se em de ha muito fazendo no Pais em torno das convicções religiosas dos candidatos a cargos electivos.

Procuemos saber se esses candidatos são homens capazes de dirigir, se elles tem credenciaes para merecer os suffragos do electorado.

A religião nada tem que ver com o caracter do individuo.

Clemenceau, atheu combativo, não saiu da França catholica? E não foi elle, atheu, uma das maiores figuras da civilização universal?

Linhad'algodão, 8 côres modernissimas, a 15000 só n'A Nacional. Phone 313.

Salão Juvenal Galeno

O serão de terça-feira para receber o dr. Aldo Prado

O Salão Juvenal Galeno, dirigido e mantido pelo formoso espirito feminino da dra. Henriqueta Galeno, depois de um longo intervalo de silencio, reabriu-se ante-hontem para receber o dr. Aldo Prado.

Esse talentoso noço tem em preparo, como se sabe, um livro de estréa, intitulado «Evas do meu tempo», e a recepção de hontem deu ensejo a que o seu brilhante autor lesse trechos de sua obra perante um auditorio selecto.

Ao iniciar-se o serão teve a palavra a dra. Henriqueta Galeno, que fez a apresentação do dr. Aldo Prado, dizendo palavras de louvor ao seu talento.

Em seguida, o poeta Jader de Carvalho fez o elogio do livro «Evas do meu tempo», de que tambem se encarregaram os srs. Mario de Andrade, Loyola de Alencar e Beni Carvalho.

As senhorinhas Laís e Isa Fernandes executaram bellos trechos de musica ao piano e violino. Iniciou-se a segunda parte do programma com a leitura de algumas paginas do «Evas do meu tempo», feita pelo proprio autor, que recebeu muitos applausos da assistencia.

A senhorinha Annanelia Nunes Freire cantou dois trechos de arte, acompanhada ao piano pela senhorinha Isa Fernandes.

Seguiu-se depois uma parte de declamação, na qual tomaram parte a pequena Mary Galeo Santana, senhorinha Stella Rubens e senhora Julinha Galeno Santanna.

A senhorinha Stella Rubens recitou com muita graça e sentimento a poesia de Jader de Carvalho, «Terra Selvagem».

Encerrou a esplendida hora de arte o pianista Arnaldo Rebello, que arrebato o auditorio executando duas peças entre as quaes uma «valsa de Chopin».

O dr. Aldo Prado foi muito cumprimentado. Damos abaixo a luda poesia de Jader de Carvalho:

«Terra Selvagem»

Na minha terra, as estradas são tortuosas e tristes como o destino do seu povo errante... Visjor!

si ardes em sede, si, acaso, a noite te alcançou nesses caminhos, bato, sem susto, no primeiro pouso: —terás agua fresca para a tua sede!

—rede cheirosa e branca para o teu somno! Na minha terra, o cangaceiro é leal e valente: jura que vae matar—o mala. jura que morre por alguém—o morre.

(Brasil! onde mais energia: na agua (que tem um só destino) do teu Sítio das Sete-quadras ou na vida (que tem mil destinos) do teu jagunço aventureiro e nomade?)

Ah, eu sou da terra do seringueiro—o intruso que foi surpreender a puerilidade da Amazonia... Eu sou da terra onde o homem, semi-nô, planta, de sol a sol, o algodão para vestir o Brasil!

Eu nasci nos taboleiros mansos de Quixodá, mas cresci nos canaviaes do Cariry, entre caboclos bellicosos e agéis.

Filho da gleba, fruto que o seu sol sazonou, eu sou o indice da minha raça:

Si o homem é bom—eu o respeito! Si gosta de mim—morro por elle!

Si, porque é forte, entendes de humilhar-me, ai, serás! et te acordaria ao tropel do meu cavallo... Eu viverei o teu drama agitado e selvagem, até que, um dia, numa luta corpo a corpo, ao lampear dos punhaes, eu tombasse sem vida

...e o rhythm da minha vida fosse morrer no rhythm da minha terra barbara e tropical...

Srs. Comerciantes do Interior

Não façam as suas compras sem que primeiro visitem o novo deposito da Fabrica de Tecidos «São José»

onde encontrarão por baixo preço artigos de especial fabricação, confeccionados com materia prima de primeira qualidade, e de CORES FIXAS GARANTIDAS.

Fabricantes das afamadas mesclas «Dragão do Mar», «Pescador» e «Popular», dos brins «Philomeno», «Frota», «Sobralense», «Cariry», «tussor Smart», «casimira Gomes», «Sport», «Combate», «Jaguaribe», Cearenses e outras.

Kakis, (artigo igual ao de fabricação inglesa, de cor absolutamente firme) Xadrezes, Zephires, Atoalhado, Fustões e Etamines

Toalhas felpudas para rosto e banho, toalhas lizas para rosto (artigo do mais perfeito acabamento)

Rêdes super-finas de dormir (as melhores fabricadas no País)

FIO FINO ESPECIAL PARA REDES (em bobinas completamente isentas de cascame ou qualquer outo refugo de algodão)

Vendas a prazo ou à vista com descontos especiaes

GOMES & CIA. LTDA.

End. Telg. SAO JOSE' — CAIXA POSTAL, 40 CEARA'—Rua Senador Alencar, n. 49—FORTALEZA

Exportadora Cearense, Limitada

Rua da Alhandega, 41-43 — CEARA—BRASIL

Exportação em geral COMPRAM:

Algodão, Cera de carnaúba, Couros secos espichados, Pelles, Borracha, Carooço de Algodão, etc. Teleg.—EXPORTAÇÃO CAIXA POSTAL, 110

Caixa Popular

— PLANO — Credito Operario Mercantil

Convidamos os nossos dignos prestamistas a virem pugnar as suas contribuições para o nosso segundo sortieio, que terá lugar no dia 30 do corrente mez.

Habilita-vos para o sortieio do prédio n. 2 que terá lugar no dia 28 de Fevereiro proximo.

União dos Vinjantes de Pernambuco

Recobemos a seguinte communiqueação: «Ilmo. Sr. Director da «A RAZÃO».

Lvamos ao vosso conhecimento que teve lugar nesta data, a posse de nova Directoria, que terá de reunir os destinos desta Sociedade, durante o anno de 1920, a qual ficou assim constituída:

Presidente:—José Leão; primeiro-vice—Agostinho Vieira; segundo-vice—Sebastião Me-

deiros. Secretarios:—primeiro, Laurindo Andréa, segundo, Napoleão de Castro Novas e terceiro, Aurélio Cardoso do Régio. Thezoureiro:—Joaquim Alexandrino; primeiro suplente, Theodorino Pinto; segundo suplente, Sebastião Vianna. Orador:—José Felix Cavalcanti; vice-orador, Manoel de Albuquerque Melo. Directores:—Derval Santos, Joaquim da Costa Pinto e Adão Apollinario Crispin. Commissão Fiscal:—Pedro Pacheco, (relator), José Leão Lido e Brasil de Castro. Bibliothecario:—Amadado de Alêdo. Procurador:—Gastão de Menezes Moreira.

Esperando continuarmos a merecer de vossa parte o mesmo apoio de sempre, eu face dos fins altruisticos a que se destina a nossa agremiação, firmamos-nos muito attentamente.

Recife, 1 de Janeiro de 1920.

(a) José Leão — Presidente.

(b) Leandro Andréa—1.º Secretario.

Fermeavel, colossal, variadissimo é o sortimento de estamine estampado de 15600, 15800, 25 35; que acaba de receber A Nacional.

Annuncias na «A RAZÃO» — preços modicos

## ANEXO B – O CANTO NOVO DA RAÇA N' O MALHO (28/1/1928)

28 — Janeiro — 1928

o Malho

## PROTOCOLLO

## "O CANTO NOVO DA RAÇA"

Editado pela typographia "Urania", em Fortaleza, recebemos do Ceará offerecido pelo poeta Jader de Carvalho uma *plaquette* de versos do mesmo e de collaboração com os novos vates Sydney Netto, Franklin Nascimento e Mozart Firmeza (Pereira Junior).

O trabalho é em homenagem a Ronald de Carvalho, conforme se vê na capa do folheto, aliás, bem impresso.

Os versos (?) seguem a moderna orientação poetica, não obedecendo á metrica e livres da sujeição da rima.

Algumas das pequenas composições do livro são, entretanto, bem interessantes, como o *Poema da Raça*, de Jader de Carvalho, em que, se referindo ao nosso povo, elle termina dizendo que elle "vive a inquietude contemporanea

vibrando,  
versejando,  
desafiando  
ao som de coidas nostaleicas:  
barbaro,  
amoroso,  
insofrito,  
capaz de todas as audacias,  
capaz de todas as bravuras:

No sertão arido e nu dos cantadores e dos cangaceiros!  
No Acre — exilio das violas do Ceará!

*Novo Poema da Patria*, de Sydney Netto é tambem digno de nota, assim como o poemeto: *Em louvor da Princesa do verde mar*... de Franklin do Nascimento.

De Pereira Junior, pela simplicidade, nos agradou mais o trabalho: *Chove*, do que o intitulado: *A nuvem que passou*.  
Gratos pela offerta do exemplar que nos enviaram.

## A MORTE DE MEU FILHO

Que sinistra a impressão do amanhecer,  
Em que a morte, rondando a minha casa,  
Abre macabramente a tetrica aza  
E nella envolve o idolatrado sér.

E na minha dor não só o vi morrer,  
Como por sob um surdo céo que abraza,  
Ser conduzido á infecta cova rasa,  
Para jámais... jámais tornal-o a ver!

E vi-lhe o lindo corpo, em que, da sciencia  
— Para arrancar-o á serpe — tanta essencia  
Se empregou — Ironia deleteria!

— Não resistir no seu nefando imperio:  
E ser levado para o cemiterio  
Ao mais vil analysta da materia!...

Nictheroy — Novembro de 1927.

A. Solano

## Que inferno! Utero Doente

### Que Sofrimentos Horriveis!

Palpitações do Coração, Aperto e Agonia no Coração, Falta de Ar, Sufocações, Sensação de Aperto na Garganta, Cançaços, Falta de Somno, Falta de Apetite, Incommodos do Estomago, Arrotos Frequentes, Azia, Bocca Amarga, Ventosidades na Barriga, Enjôos, Latejamento e Quentura na Cabeça, Peso na Cabeça, Pontadas e Dôres de Cabeça, Dôres no Peito, Dôres nas Costas, Dôres nas Cadeiras, Pontadas e Dôres no Ventre, Tonturas, Tremuras, Excitações Nervosas, Escurecimentos da Vista, Desmaios, Zumbidos nos Ouidos, Vertigens, Ataques Nervosos, Estremecimentos, Formigamentos Subitos, Caimbras e Fraqueza das Pernas, Suores Frios ou Abundantes, Arrepios, Dormencias, Sensação de Calor em Diferentes Partes do Corpo, Vontade de Chorar sem ter Motivos, Enfraquecimento da Memoria, Moleza de Corpo, Falta de Animo para Fazer qualquer Trabalho, Frio nos Pés e nas Mãos, Manchas na pele, Certas Coceiras, Certas Tosses, Ataques de Hemorroidas, etc. etc. Tudo isto pode ser causado pela inflamação do Utero!

A's vezes a pobre doente pensa que está soffrendo de muitas Molestias, sem saber que tudo isto vem do Utero Doente.

O Utero é assim: quando elle está Doente todos os outros Orgãos sentem tambem.

Trate-se! Trate-se!

### Use Regulador Gesteira

#### REGULADOR GESTEIRA é o Remedio

de Confiança para tratar inflamação do Utero, o Catarro do Utero causado pela inflamação, Anemia, Palidez, Amarelidão e Desarranjos Nervosos causados pelas Molestias do Utero, a Pouca Menstruação, Dores e Colicas do Utero e Ovarios, as Hemorragias do Utero, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, as Dôres da Menstruação, as Ameaças de Aborto e as Hemorroidas causadas pelo Peso do Utero inflamado!

Comece hoje mesmo

a usar Regulador Gesteira

## MOVEIS PARA ESCRIPTORIO

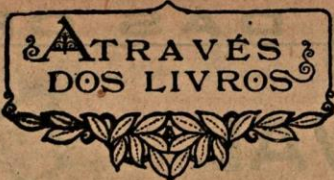
Grande variedade de moveis para escriptorio, salas de jantar, dormitorios, grupos para salas de visitas, tapetes e passadeiras por preços excepcionaes. Colossal sortimento de todos estes artigos.

A . F . COSTA  
RUA DOS ANDRADAS N. 27



## ANEXO C — O CANTO NOVO DA RAÇA NA FON-FON (11/2/1928)

FON-FON



**ATRAVÉS  
DOS LIVROS**

**TORRE DOS VENTOS** — Sonetos de José Macedo. Abre desta fôrma:

*"Vae, meu livrinho! Vae como um  
[flôco de espuma!  
Vae rolando, a vagar, no oceano  
[do martyrio!  
Conta, de teu rosario, as contas, de  
[uma em uma.  
Como a brisa no prado afaga um  
[branco lyrio...*

*Has-de ver o despreso e, muita vez,  
[alguma  
Villania! Porém, no teu dôce delirio  
Busca, tristonho, em vão, a corôa  
[de uma pluma,  
Tecida pelas mãos dos Seraphins  
do Empyreo!*

*Vae, meu livrinho! Vae despeta-  
[lando as flôres,  
Abrindo os corações dos leitores  
[amigos  
Que tiveram, como eu, muitos risos  
[e dores!  
Porém, si alguém quizer deixar-te  
[no abandono  
Dos despettos mais vis, dos genios  
[inimigos,  
Volta, que sou teu pae! Volta, que  
[eu sou teu dono!*

*Non potest melius...*

**MACEDONEA** — Livro de chronicas e ensaios, alguns bastante apreciaveis, de Julio Cesar.

**VERSOS** — De Domingos Vangeotti. — Quasi todo de sonetos. E' um bom livro que tem versos bons e que agrada.

**AO LUAR** — Contos delicados e sentimentaes de Arnaldo R. Rorster, em linguagem desprezenciosa e agradável.

**PASSO A PASSO** — A Academia Brasileira deu menção honrosa a este romance de Murilla Torres, que é talvez a prosadora brasileira de mais talento e de maior elegancia mental hoje em dia. Nada mais merecido do que esse premio, porque o livro de Murilla Torres tem todas as qualidades precisas num romance. Feito em forma de cartas, desenvolve um enredo suave e verdadeiro dentro dum ambiente claro e simples. Nada de exaggeros nem de artificios nos personagens, nas coizas e no estylo. Tudo natural, espontaneo, leve, sorridente. Um bello, um esplendido livro!

**SERENIDADE**. — Versos de Achilles Vivacqua, tão conhecido de nossos leitores como Roberto Theodoro, pseudonymo que adoptou na sua collaboração em nossas paginas. São poemas modernos, leves, inspirados. Ha nelles um senso novo no tratar dos assumptos e uma intensa comprehensão dos effeitos e das côres.

**CATIMBÓ**. — Ascenso Ferreira é um poeta pernambucano da moderna geração, que se destaca pelo seu amor ao torrão natal, aos seus costumes, ás suas folganças e ás suas lendas. Com uma **visão nitida das** paisagens e dos typos, elle canta em versos modernos, livres, resoantes as coizas de sua terra. Sabe cantal-as e sabe prender aquelles que o ouvem. Um bello poeta!

**MEUS VERSOS**. — Livro de poesias de Iveta Ribeiro. A poetisa é uma sentimental, uma lyrica e os seus versos reproduzem seus estados de alma. Sabe muitas vezes agradecer pela sua sinceridade. Ella mesma diz:

*"Versos que faço... a alma vae  
dictando  
Canticos varios sem os repetir!"*

**O CANTO NOVO DA RAÇA**. — Um grupo de jovens poetas da actual geração litteraria do Ceará, rendendo homenagem a Ronald de Carvalho, que é, sem favor, um grande talento, publicou em Fortaleza o poema intitulado "O canto novo da raça". Nesse livro em que collaboraram Jader de Carvalho, Sydney Netto, Franklin Nascimento e Mozart Firmeza ha um calor e um entusiasmo de corações moços que merece registro.

Jader de Carvalho evoca a luta da **raça** na extensão **immensa da** patria. Sydney Netto clama pela alma da terra mãe, sua Rainha! Franklin Nascimento louva a **Prinzeza do Verde Mar, a sua nativa** Fortaleza, metropole algodoeira, capital do ouro-pluma! **E Mozart Firmeza**, com elles, descanta o amor e o luar, a chuva e o estio, tudo quanto envolve a alma de melancolia ou de prazer.

Entre os livros modernistas, pelos intuitos, pela forma e pelo talento que o dictou, o **Canto Novo da Raça** merece logar digno de nota.

**MEDICINA CASEIRA**. — Sob o pseudonymo Dr. Tartaruga, Leopoldo D. Amaral publica este pequeno, mas interessantissimo livro, que é curioso repositório folklorico. O autor registra os mais curiosos remedios caseiros usados no interior da parte sul do nosso paiz com facundia e graça. E' um observador e um humorista.

**UM PROJECTO DE LEI DE ORGANIZAÇÃO SOCIAL PARA O BRASIL**. — Folheto do sr. Clarkson de Mello Menezes, no qual, segundo elle proprio confessa, não ha novidades e sim o resumo das aspirações do povo do nosso interior sobretudo para a defesa de seus direitos civis e politicos. O autor propugna a igualdade de representação dos Estados, o equilibrio das classes sociaes, a extincção da politica pessoal, a defesa do pobre, as garantias do cidadão, a equiparação civil dos sexos, nova divisão dos Estados, etc....

Sonhador!...

**BAHIANINHA E OUTRAS MULHERES**. — O nome laureado de Ribeiro Couto, poeta e prosador dos melho-res, novamente apparece nas montanhas das livrarias assignando este curioso e bem feito livro de contos. O autor de *Casa do gato cinzento* mostra-se nestas paginas ainda mais apurado no seu estylo scintillante, porejando graça e intelligencia.

Livro que se lê dum folego, tanto interessa, *Bahianinha e outras mulheres* está destinado a um vasto successo de livraria, sem que para isso Ribeiro Couto precise de reclames.

**NO PAIZ DAS TARTARUGAS**. — Bem urdida, bem observada e bem escripta novella de Silveira da Motta. O homem e a sua vida na Amazonia entrelaçam-se através de suas paginas como o cipó nas arvores da selva primitiva. Ha trechos dum colorido vivo e outros de perenemente observação. E' um livro merecedor de elogios.

**INFECUNDIDADE**. — E. Proença Rosa intitula a este livro esboço de drama, mas é um drama bem esboçado e bem terminado, na verdade. O autor demonstra boas qualidades de estylo e certo conhecimento de **technica theatral**. Poderá tornar-se uma das bellas paginas do theatro nacional.

**UM GRANDE ESCANDALO BANCARIO**. — O primeiro volume contendo todos os artigos publicados na imprensa do paiz pelo sr. Francisco de Negreiros Rinaldi contra o Banco Francês e Italiano. M-8º, 404 paginas em typo miudo. E ha promessa do 2º. Nossa Senhora!

**O ESTADO DO RIO**. — As peculiaridades, a evolução e a grandeza do Estado do Rio são minuciosamente expostas com clareza neste util livrinho do sr. Joaquim de Mello.

**PRIMEIRAS LABAREDAS**. — Versos ardentes, apaixonados de Jonny Doin, que vive, conforme confessa, cantando o amor que queima em chammas o seu peito. Os versos não são maus. O autor tem inclinação para a arte e, quando se apagarem essas primeiras labaredas, a chamma de sua inspiração será mais alta e mais pura.

ANEXO D – “A BANDEIRA QUE OS SERTÕES NÃO CONHECEM...” (MARACAJÁ,  
7/4/1929)

A BANDEIRA QUE OS SERTÕES NÃO CONHECEM...

JADER DE CÁRVALHO

Ainda hoje me lembro :—Menino,  
quem venceu na guerra do Lopez ?  
—O Brasil, minha mestra! O Brasil!

A professora (tão fria!)  
nunca se emocionou ao falar nessa  
guerra

Quanta vez lhe pedi :  
—Minha mestra, descreva a historia do Lopez,  
como os livros grandes ensinam!

(Eu não podia ler nesses livros,  
pois era ainda da segunda classe...)

A mestra, porem, não sentia  
—nada!  
Não me contava  
—ada!  
Bandeira do Brasil? Ella nunca me disse  
o que era o pendão verde e amarello.

Ella só mandava  
amar,  
venerar,  
respeitar  
a bandeira do martyr São Sebastião,  
tremulando em janeiro á praça da matriz...

Na quarta classe (eu era, de coração, um soldadinho),  
perguntei, commovido :  
«Professorar a guerra com o Paraguay...»

«Ella, num gesto irado,  
não me deixou terminar.  
E... por gostar de guerra—sabem ?—fui de castigo!

Um dia (minha mãe desfeita em pranto,  
num largo gesto, me abençoou...)  
Ficaram lá atrás  
o Jaguaribe,  
o villarejo,  
a mestra.

Cheia de respeito e amor pelo martyr São Sebastião...

Amigos, si eu lhes disser  
a minha alegria  
quando, pela vez primeira, eu vi e ouvi,  
deante de batalhões em continencia  
os tambores rufando,  
s clarins clangorando,  
numa apothese á bandeira que os sertões não conhecem!...

Ah! nunca, como nesse instante,  
senti mais vontade de ser homem feito,  
de lutar,  
de morrer pelo Brasil,  
tendo no peito tantas feridas  
quantas  
estrellas contei na minha bandeira...

MARACAJÁ

«Maracajá» não precisa de vocês

OLHE, menino, você não deve comprar esta revista.  
Compre o seu chocolate evá ao cinema berrar seu entusiasmo pelo cáu bôe.

Olhe, menina, (sei lá quantos anos você tem)... você não deve comprar esta revista.

Compre o seu ruço, o seu carmin—faça do rosto duas papoulas e dos labios anemicos—com que você desperta o coração sangrento que ri para toda a gente fútil da cidade.

Olhe, coronel, você não deve comprar esta revista.

Você não entenderá nada do que ella contém e ficará arrependido dos níques que arrancou da bolsa.

Guarde o seu dinheiro para a champagne da francezinha.

Olhe, almofadinha, você não deve comprar esta revista para fingir que sabe lêr e é rapaz de espirito.

Guarde o seu dinheiro para as prestações do alfaiate.

Olhe, garoto, você não apregõe MARACAJÁ.

Água, conselho e MARACAJÁ só devemos dar a quem chama a gente a um canto e pede baixinho.

Olhem, vocês todos, fiquem certos de que MARACAJÁ é um gato selvagem de boas garras e basta-lhe o matto para viver.

A. G.

Cavallos de corrida

HA um Mario de Andrade no sul. De São Paulo.

Outro no norte. Do Ceará.  
Mario de Andrade do sul é poeta modernista.

O d'aqui também é poeta modernista.

Pode ser que se confundam os nomes. Mas o de lá não tem obrigação de mudar o nome.

Nem o daqui tem a obrigação de mudar o nome.

Continuam como estavam.  
Faz de conta que são cavallos de corrida.

Estão no mesmo lugar.  
Vamos vêr quem alcança mais depressa maior nome:

—Larga!  
A platêa : os do sul zangados porque o de lá é mais corredor e não devia corrêr com o nosso; os do Ceará zangados porque o nosso se parallela ao sulista.

M. A.

## ANEXO E – “NA PRAIA NATAL FICOU A PALMEIRA...” (MARACAJÁ, 26/5/1929)

M A R A C A J Á

## Historia do homem que passou o dia 21 de abril de 1950 dormindo

O homem estava no meio da praça e disse que o sol era uma bolacha de fogo.  
E queria comer a bolacha.  
Eu disse ao homem que a sua heliofagia era diabolica.  
Elle começou a contar uma historia velha.  
A historia do «Junquer 218».  
Disse que o avião tinha explodido no Aracati.  
Eu não gostei da historia.  
E pedi outra.  
Elle contou a historia do «Meu

bei norreu».  
E mentiu muito.  
Depois o homem tomou um ar declamatorio.  
E disse que era preciso eliminar as velharias.  
Eliminar—comendo.  
Disse que eu devia comer o presidente da Republica.  
E o do Estado.  
E os ministros.  
E o barão de Studart, pra acabar a historia da estatua.  
E o Euzebio de Sousa.  
Eu fiquei muito serio.

O homem era partidario de Lenine.  
Depois teu duzentos contos do dr. José Lino.  
Ahi eu fiquei com raiva.  
E perguntei:  
—Voce estava aqui quando se descobriu o Brasil?  
E o homem disse:  
—Estava, mas não posso contar nada; eu passei o dia dormindo.  
E o homem não declamou mais cousa alguma.

Mario de Andrade

## Na praia natal ficou a palmeira... para a historia do brasil

(A. G.)

BILA' Ortiz, você teve o Alvaro Moreira para dizer que o seu corpo é como um campo claro: o pampa onde, sonhando, o gaúcho erra' ha tres seculos com a bandeira da patria desfaldada na mão!

Mas você, Maria Nazareth, você apenas mereceu a estrophe incolor de um poeta do sul: estrophe em que os seus cabellos de sol e os seus olhos de azul verdoengo são reminiscencias de algum avô hollandez...

Eu penso, porem—e quem sabe si não estou pensando direito?— que Maria Nazareth não é mais do que Iracema saudosa disfarçada em mulher branca...

Martim não partiu da Barra do Ceará no barco aventureiro que nunca mais voltou?

Ah! você traz nos olhos, Maria, o retrato do mar onde elle desapareceu! Nos cabellos, o sol que vestia de perolas o corpo cheiroso da virgem quando ella sahia do banho na agua azul da Porangaba!

Você, que não é neta de Flamengo, você ouviu no sangue o soluço da filha de Araken e, por isso, fantasiou-se de Cecy, para não ser reconhecida na taba dos guefreiros brancos...

Maria Nazareth, lembre-se de que na praia natal, ficou a palmeira e, na fronde da palmeira, a jandaia chamando:

Iracema! Iracema!

De Jader de Carvalho

quando os guaymorés vinham de dentro das mattas do norte de Minas e entraram em urucú, traziam batatas doces e carás róxos e davam aos immigrants—

os chinezes padeciam de vícios sexuaes e olhavam de bocca aberta o ventre nú das cunhãs.

os chinezes tinham os olhos obliquos como os dos gatos.

os jovens indigenas não olhavam para as chinezas. os portuguezes das vendas davam cachaça aos brasileiros das mattas.

e elles ficavam ebrios. e um alagoano misturava com pimenta os alimentos preparados para o catramby a seus companheiros.

e elles comiam e babavam muito.

os frades de itambacury metteram na cabeça dos indios que elles não deviam matar ninguém nem andar nus.

um dia, os indios se revoltaram e mataram os frades.

## ANEXO F – “O HOMEM QUE DESPE AS MULHERES...” (MARACAJÁ, 26/5/1929)

M A R A C A J Á

---

**Dia & noite**      **FESTA NA FAZENDA**

I

*Eu vi o céu se banhando na lagóa...*

*A água tranqüilla,  
limpida,  
majestosa como a curva de uma mulher,  
encheu-se de azul,  
na beleza esplendida do infinito,  
e lavou,  
uma por uma,  
todas as nuvens...*

—Orchestra, musica! musica!

*La estão ellas,  
as nymphas vaporosas  
—alvas como algodão—  
cirandando junto á fogueira do sol...*

II

*Eu vi, de novo, o céu se banhando na lagóa...*

*E que pena tive,  
vendo as estrellas tremer de frio,  
sem ter o sol para aquecê-las!...*

**Pereira Junior**

A Jader de Carvalho

«É bambú, é bambá,  
vae ver a espingarda  
pra matar o mangangá...»

E a festa ronca na fazenda...

Rola no ar o fartum dos seios brenezaços,  
dos seios exuberantes,  
das caboclas suadas...

Ati-chim!... ati-chim!...

Lá fóra os pyrillampos,  
quaes minúsculos aerolithos,  
Fazem a ronda lumingsa  
nas moutas de mofumbos...

«E na porta da casa da fazenda,  
um poeta dynamico,  
um poeta modernista,  
diz que naquellas caboclas  
está a promessa de uma raça nova...

«É bambú, é bambá  
Quem é que suporta o cheiro  
do bezouro mangangá?...»

FERNANDO RICARDO

---

**O homem que despe as mu- macacotornado**  
**lheres...**

Eu não gosto de mulher núa  
Isto é:  
Eu não gosto dessas meninas que se despem com as pro-  
prias mãos,  
para o goço ephemero dos passantes.

Eu gosto de mulher  
quando eu mesmo lhe arranco até a camisa, com o cheiro  
das pomas invioladas.

Si eu mandasse no Brasil,  
as mulheres andariam vestidas  
para que todos os homens que pensam como eu  
lhes despissem as roupas e fizessem florescer, num beijo,  
as rosas que os românticos tiram ás escondidas!

Morenas do Brasil!  
Morenas do Ceará!  
escondam os seios! esperem pelo descobridor dessa terra  
jovem!

Não seria tão lindo si vocês  
—s-e-m-p-r-e!—  
nos dessem a sensação da descoberta?

**JADER DE CARVALHO**

quando o sino batia (eu tinha fome)  
quando o sino batia doze horas  
eu sahia gritando a cantiga da  
[yayá—

*meio dia!  
panella no fogo  
barriga vasia  
macaco torrado  
que vem da bahia  
meia pataca  
pra sia maria...*

panella no fogo  
barriga vasia  
a acha do mangue  
molhada com a chuva  
fazendo fumaça  
queimandó o feijão

macaco torrado  
que vem da bahia  
e eu via a bahia  
torrando o macaco  
eu via a panella  
chiando no fogo  
macaco torrado  
macaco torrado

Antonio Garrido

## ANEXO G – “OS ROMANCES DE MASSA”

**Os romances de massa**JÁDER DE CARVALHO

Este livro não é uma galeria de heróis ou de bandidos, de mártires ou de santos, especialmente contratados para a figuração. Nele as silhuetas humanas se avivam e se esfumam a cada página, como simples joguetes de situações ou de acontecimentos. Nele os homens, as mulheres, as crianças, passam sem pretensões à imortalidade. Se há perfis de linhas mais fortes, é porque na vida a simetria absoluta é impossível. Mesmo quando essa vida é a existência plana e monótona de uma plebe explorada.

FAZENDA SÃO-JORGE é a trama de pequenos romances. Romances de homens ignorando que a história pode ser feita pelo próprio homem. História sem fome e sem fogueiras, sem generais e sem adultérios de rainhas. Diferente daquela que a juventude aprende nos liceus.

A capoeira, a «fábrica», o trabalho sem direito, a ganância capitalista, são com certeza o motivo deste livro. Eles é que movem os personagens, trazendo-os à ribalta quando é preciso, ou despedindo-os de uma vez, quando a sua presença já não é explicável. Não importa que esses personagens sejam sempre humanos...

O leitor, num romance de fazenda algodoeira como o presente, não espere pela descrição de algodões a perder de vista. Nem pela narrativa dos fatos corriqueiros da casa grande ou dos mucambos. Nem pela fotografia avelhantada, pelo retrato amarelecido de cabras suando no eito. A São-Jorge aqui focalizada é uma frincha aberta para o cenário da inquietação proletária. A paisagem social que se fixou não é nordestina: é a paisagem comum da exploração dos camponeses pobres pelos senhores feudais.

Terá entendido o FAZENDA SÃO-JORGE todo aquele que, ao dobrar a última página, houver guardado na lembrança apenas a «massa impessoal». A massa que aprendeu a sofrer e ainda não sabe lutar.

(Prefácio do romance inédito «Fazenda São-Jorge»)

---